

CONTOS E POEMAS ASSOMBROSOS



ADEMIR PASCALE

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

ORGANIZADOR

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos autores
Obra protegida por direitos autorais
2021
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DOS CONTOS OU POEMAS

- Balada do inevitável, por Carol Peace, pág. 05
Os fantasmas da casa amarela, por Cleber Gimenes Freitas e Erica Ribeiro de Almeida, pág. 13
O quadro de Any, por Cristiane Ferreira Arrais, pág. 16
Caminhos, por Cristiane Dias, pág. 19
A gárgula na escuridão, por Felipe L. Cavalcante, pág. 26
Comentários a respeito de Alice, por G. M. DHOSS, pág. 32
Evangeline, por Ícaro Silva Gonçalves, pág. 38
Eu creio!, por Ícaro Uriel Brito França, pág. 44
Os olhos do demônio, por Ícaro Uriel Brito França, pág. 50
O casarão, por Iraci José Marin, pág. 58
A sentença de amar, por Karine M Costa, pág. 62
Assombração, por Marinalva Mabel, pág. 66
A cor da escuridão, por Ney Alencar, pág. 68
A necromante, por Ney Alencar, pág. 74
Lobisomens, fantasmas e cachorros infernais, por Noel Rosa de Castro, pág. 79
Debaixo da grama, por Queli C. Davanço, pág. 84
A mão da múmia, por Rangel Elesbão, pág. 89
Em minha mente - Parte I, por Roberto Schima, pág. 94
Em minha mente - Parte II, por Roberto Schima, pág. 104
A janela do quarto do andar de cima, por Cida Simka e Sérgio Simka, pág. 109
Evangelho do esquecimento, por William Fontana, pág. 113
A morte e a morte da personagem, por Zélia Sales, pág. 118
O grito, por Zélia Sales, pág. 122
Conheça outros títulos da coleção, pág. 126

Organização, capa, arte e diagramação: Ademir Pascale
E-mail: ademirpascale@gmail.com

VISITE:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

www.instagram.com/revistaconexaoliteratura.com.br

www.facebook.com/conexaoliteratura



A Morte dos Amantes

*Teremos leitos só rosas ligeiras
Divãs de profundeza tumular,
E estranhas flores sobre prateleiras,
Sob os céus belos a desabrochar.*

*A arder de suas luzes derradeiras,
Nossos dois corações vão fulgurar,
Tochas a refletir duas fogueiras
Em nossas duas almas, este par*

*Gêmeos espelhos. Por tarde mediúnica,
Nós trocaremos uma flama única
Um adeus que é um soluço tão cruel;*

*Pouco depois, um anjo abrindo as portas,
Virá vivificar, o mais fiel,
Os espelhos sem luz e as chamas mortas.*

— Charles Baudelaire





APRESENTAMOS O CONTO

BALADA DO INEVITÁVEL

Por Carol Peace

Sobre a autora: Carol Peace nasceu em Manaus há mais de trinta anos, escreve e ilustra. Tem formação em Direito e em Arquitetura e Urbanismo e é mestre em Design. É cientista durante o dia e escreve durante as noites e madrugadas. Faz parte do coletivo de escritores Visagem (@coletivovisagem) e do coletivo de quadrinistas Clube dos Quadrinheiros de Manaus (@clubequadrinheirosmao). Link Tree - <https://linktr.ee/peacemakersama>.

O deserto é implacável com quem recusa a entender seu poder; essa lição Gerard aprendeu quando matou seu primeiro coiteiro quando ainda era uma criança. Ele era um homem agora, preparado, esperando a diligência passar para conseguir o logradouro seu intento. Ajustou a espingarda e mirou no coiteiro que, no momento seguinte, pendeu para esquerda, caindo direto no chão. Gerard ajustou a trava da arma, prendeu-a ao dorso e desceu a encosta. Abriu a porta do coche e encontrou uma sacola de pano, com um punhado de ouro e de prata. Viu o homem tossir no chão; a bala só havia triscado nele. Pegou o homem e o colocou sobre o cavalo preso à diligência; um laço prendeu o homem à montaria que logo disparou pelo deserto. Gerard tinha aprendido a ganhar a vida roubando, *nunca* era o suficiente, *sempre lhe faltava alguma coisa*.

— Gerard Busler. — Ao ouvir a voz Gerard apontou a espingarda diretamente para a cara do homem da lei. Ele puxou a pistola tão lentamente que Gerard ainda teve bons segundos para rir da cara dele.

— *Minha vez*. — Ele apontou a arma bem para o meio da testa do velho xerife o qual não desviava o olhar nem por um segundo. *O homem tinha algum desejo louco de morte?* Não queria matar um xerife hoje.

Ele esticou o dedo e ouviu o estalo que precedia o momento do tiro. O tiro, todavia, não saiu para nenhum lugar remotamente perto do intento de Gerard. Foi diretamente para a telha de madeira mais próxima, trazendo várias lascas contra os olhos do ladrão que se abaixava na tentativa de não se cegar pela explosão.

— Não é sua hora, Rotterford. — Gerard tinha caído para trás por conta do coice da arma e agora estava olhando para um tipo vestido todo de negro bem entre ele e o xerife.

O xerife saiu correndo como se tivesse visto uma assombração e Gerard fez que iria correr atrás dele, quando sentiu sua mão livre ser pisoteada. Olhou para o lado para ver uma bota negra de desenhos intrincados. Cobras, flores e frutas, num emaranhado complexo de figuras que pareciam sagradas demais para estarem em couro curtido. Olhou um pouco mais para cima enquanto o pé continuava a torturá-lo, esmagando seus dedos em movimento circulares.

— Dê-me uma boa razão para não te levar hoje, Gerard. — A voz era tão etérea, obrigando Gerard a tomar um tempo para entender o que estava acontecendo ali.

Gerard olhou o homem de pele fantasmagoricamente clara vestido completamente de preto. Com chapéu preto de abas cobrindo o rosto com longas sombras, era possível ver os ângulos formados pelas maçãs do rosto altas, combinadas com a sutil curva do

nariz. Tudo completado pelos lábios cheios, cobertos por listras verticais que lhe davam um aspecto cadavérico. Os cabelos dele eram brancos e lisos descendo em torno no rosto anguloso como uma cascata prateada.

— *Última chance*. — Ele repetiu, fazendo Gerard piscar várias vezes, derramando uma lágrima grossa no processo. — Você tem algum arrependimento?

— *Vários*.

— Algum que valha perdão?

O homem parou de falar e levantou o pé, soltando a mão de Gerard, que rolou sobre as costas, sentindo a dor das farpas que entraram em sua mão. Gerard perdeu o chapéu no processo e seus cabelos castanhos sujos e desgrehados se espalharam no chão. Ele urrou novamente quando sentiu a bota pesada empurrar sua costela no chão.

— *O que é você?*

— Você não reconhece seu *melhor amigo* quando o vê? — Gerard arqueou uma sobrancelha em surpresa. — *Morte*. Mas prefiro que me chamem de *Ceifador*. — O homem levantou o pé e Gerard rolou mais uma vez, pegando sua espingarda de qualquer jeito para apontar para o cara bizarro.

Seus olhos se abriram em grande surpresa quando sentiu o metal gelado de uma arma encostar-se na lateral de sua cabeça. Ele fitou para o lado para ver o tal Ceifeiro com a pistola encostada nele.

— Reflita: *Ceifador*. Eu já poderia ter matado você há dois minutos.

— O que eu fiz? — A voz de Gerard saiu quase como um choro.

— Vamos ver. Furto, roubo e assassinato. Parabéns!

— *Você tá de brincadeira*, chapa.

— *Com a morte não se brinca*. — Ele respondeu com um sorriso pernicioso. — Deseja viver?

— O que você está oferecendo, chapa?

— Mais alguns anos de vida. Veja, preciso de ajuda para levar algumas pessoas pelos rios sem fim. Sabe...? Rios vermelhos. *Eufemismo*. — O aniquilador dedilhou o ar. — Então, aceita?

— Ser um ceifador?

— Não. Ser o *Ceifador Sinistro*, *Último inimigo*, a *Morte*, como você quiser chamar... É algo que você *nasce* para ser. Oh, a ironia. — O homem riu melodiosamente. — Então?

— E eu não morro?

— Não morre *agora*. Morrerá eventualmente. — O homem tinha um humor macabro capaz de trazer calafrios a Gerard.

— Aceito. — Gerard estendeu a mão para o homem.

— *Você quer apertar a mão da morte?* — O homem lúgubre riu novamente impossivelmente mais sinistro do que antes. — Feito! — Ele apertou a mão de Gerard.

— Não sei do que você está falando, chapa.

— *Ceifador Sinistro* para você. — Ele deu melhor tom amedrontador, fazendo com que Gerard sentisse seus joelhos fraquejarem. — *Você pega sua arma e me ajuda.*

— *Você não poderia fazer isso sozinho? Quer dizer, você não é a morte?*

Gerard quase imediatamente arrependeu-se das perguntas. O sorriso estampado no rosto do Ceifador era algo deveras infernal. Ele não respondeu, apenas sorriu, não precisou chamar, não precisou se virar, Gerard sentiu-se compelido a segui-lo sem perguntas. Talvez isso, por si só, já demonstrasse que o homem era de fato a personificação da morte.

Ele tinha uma montaria no mínimo interessante: um cavalo completamente negro que, de tão escuro, parecia não ter olhos. O Ceifador montava sem estribos, nem mesmo cela; montou o cavalo sem dificuldades, como se o animal não fosse nem mesmo alto. Era como se flutuasse e isso era tão sinistro quanto à escuridão do cavalo. Gerard foi até as árvores para procurar sua própria montaria. Um malhado não impunha tanto medo quanto o cavalo cor-de-morte que o homem fantasmagórico. Ele montou seu próprio cavalo e posicionou-se ao lado do Ceifador. Bem, *o que ele tinha a perder?*

O Ceifador não fez cerimônia alguma. Derrubou a porta numa única pisada e já entrou no lugar distribuindo tiros. Gerard não conseguiu reagir, apenas assistiu a desenvoltura e os tiros certos. Nenhuma bala foi gasta ao léu, todas foram entregues aos destinatários sem qualquer erro.

— Estou aqui para dar a sentença final. Alguma objeção? — Ele falou e Gerard pensou que ele estava louco, afinal, todas as pessoas tinham morrido.

— Eu... Senhor. Eu nada fiz. — Um homem de roupas azuladas, coberto por cordões e anéis de ouro, levantou as mãos para o alto. Ele parecia rico.

— *Você não engana o último inimigo.* — O Ceifador ofereceu um dos seus sorrisos mais tenebrosos, o que fez Gerard sentir um arrepio longo e cruel percorrendo sua espinha.

— Eu... — O homem tentou mais uma vez e ouviu o tiro zunir por cima de sua cabeça, derrubando seu chapéu. O homem se jogou no chão e Gerard quase sentiu pena dele.

— *Jaime Wiker*. Assassinou uma aldeia inteira, apenas por ouro. Matou meninas e meninos inocentes que nada fizeram contra você. Saiba que eles encontraram descanso, mas você encontrará apenas ranger de dentes. — A criatura sinistra girou o revólver entre os dedos e apontou-o contra o homem. — Alguma coisa a dizer?

— *Isso!* — O homem tirou uma espingarda sabe-se lá de onde e apontou para a fantasmagoria. Gerard não pensou muito, jogou-se na frente do Ceifador que parecia mais surpreso por sua reação do que pelo homem assassino.

Gerard tremia tentando tocar o flanco em que sentia a bala queimando sua pele. Suas mãos tiritavam, uma sensação conhecida, afinal, como todo bom ladrão, já tinha tomado suas boas doses de tiros. Era uma grande tolice o que acabara de fazer. *Ninguém em sã consciência se joga na frente de um tiro*. Gerard continuou no chão, enquanto via a criatura ir chutando os corpos dos homens, como se estivesse se certificando de um serviço bem feito. Sentiu-se sendo levantado do chão, contudo não encontrava sequer voz para protestar.

Sentiu algo confortável em suas costas e abriu os olhos de novo para olhar o rosto do Ceifador muito perto dele. Ele não estava de chapéu e era possível ver seu rosto por completo. Os olhos eram comuns, como os de qualquer pessoa, com cílios, castanhos como a terra seca e Gerard podia jurar que havia um sorriso compassivo naquele rosto terrível. Gerard sentiu o peso da mão do fantasma sobre sua testa e novamente sentiu um calafrio.

— O que você fez foi estúpido. É preciso muito mais do que uma bala para matar a Morte.

— Reconheço o olhar de um assassino. — Claro, *afinal ele mesmo era um*. Gerard mordeu o lábio inferior para não falar mais nada.

— *Eu sei*. — Talvez estivesse ficando louco mesmo. Podia ouvir um pouco de preocupação na voz do Ceifador. — Gerard, ainda não é a sua hora.

O que veio a seguir foi de grave surpresa para Gerard. Sentiu os lábios do espectro contra os seus e, repentinamente, sentia-se mais acordado do que nunca esteve antes. A dor passou e todo o resto passou. Ele sentiu seu braço levantar-se levemente para se esgueirar entre os cabelos prateados dele enquanto o beijo se tornava cada vez mais

carnal. Era como se já tivesse feito isso antes, a sensação de não ser a primeira vez a experimentar isso na vida.

Os cabelos do Ceifador eram macios como a primeira relva da primavera e os lábios dele eram impossivelmente doces. Assim que ele cessou o beijo e afastou-se, Gerard não conseguia evitar o reflexo de mover o rosto para cima, seguindo os lábios do outro. Gerard tocou o flanco direito para sentir algo preso em sua camisa, levantou-a levemente para ver a bala rolar por cima da cama. De alguma forma, o Ceifador tinha o livrado da morte. O rosto do Ceifador não parecia tão cadavérico quanto antes. Apesar da pele branca e das manchas incidentais sobre os lábios, só parecia uma pessoa maquiada e não uma pessoa que estava, na falta de uma palavra melhor, *morta*.

Levantou-se para andar pela casa, não parecia o lugar de um massacre, era como mágica, tudo limpo. Ele continuava a observar em silêncio grave o adereço nativo pendurado na parede. Aqueles homens eram assassinos e nada conseguia soar pior para Gerard. *Usar como decoração uma peça sagrada?* Era o pior dos pecados.

— Você parece muito interessado nessa peça. — O fantasma falou bem perto da orelha de Gerard, fazendo o ladrão dar dois passos assustados para o lado.

— Eu tinha um... *Amigo* que era de uma tribo que usava essas cores. — Gerard mordeu o lábio inferior logo depois de terminar a frase. — Pensei se esse poderia ser da tribo dele.

— A tribo dele foi massacrada?

Ele olhou o Ceifador e novamente foi tomado pelo frio mortal. Ele o olhava intensamente, como se o conhecesse. Esse olhar, apenas uma pessoa já havia o olhado assim e ele... *Ele estava morto*. Gerard afastou esse pensamento.

— Há quanto tempo? — A pergunta fez Gerard ser tomado pela surpresa.

— Sete anos.

— Isso foi antes de me tornar Ceifador.

O Ceifador não falou mais nada, apenas saiu. Cavalgaram por longo tempo, mas o Ceifador nada disse durante todo o caminho.

— *Wayra*. Se existe mesmo um paraíso espero que ele esteja lá. — Gerard falou tudo num único fôlego e respirou bem fundo logo após.

— Se ele está no paraíso, você nunca irá encontrá-lo.

— *Não me importo*. Mereço o inferno por não ter conseguido impedi-los.

O Ceifador limitou-se a balançar a cabeça afirmativamente, sem conceder nenhuma resposta verbal. Gerard tornou a respirar fundo; pelo menos tinha um peso a menos no peito ao falar o nome de Wayra depois de tantos anos. A cavalgada teve um final repentino quando pararam no alto de um penhasco. Olhando do alto dele era possível ver o que hoje era uma mina de escavações; em sua lembrança, aquele era o lugar exato da tribo de Wayra. O ladrão contemplou tudo aquilo e o desespero era grande demais. Tudo destruído, *como podiam ter feito aquilo?*

— Você consegue ver o mesmo que eu vejo. — Ele não o olhava, mas Gerard sabia que as palavras eram direcionadas a ele. — Quem ordenou tudo isso está aqui.

— É *ele* quem você veio buscar. — Gerard nunca tivera coragem para derrubar Liam Beaublossom, essa era a verdade nua e crua que ele insistia em tentar ignorar por tanto tempo.

Grande parte das frustrações de Gerard repousava no fato de ele não ter conseguido vingar sua *família*. Aquela tribo quis mantê-lo vivo por mais tempo, só isso os tornava a melhor família que um idiota como Gerard podia querer ter. O Ceifador estava calado demais. Num movimento rápido, ele puxou o longo cabelo prateado para o lado direito, revelando a orelha escondida. Uma peça de madeira, com uma pena branca. Gerard tomou-se pela mais intensa raiva que já tinha sentido.

— Não. *Wayra morreu*. Bem na minha frente. Não pude fazer nada. Estou no inferno? — Gerard sentiu as lágrimas grossas descendo por seu rosto.

— Achei que era um sonho. — Ele balbuciou e Gerard achou que aquilo era impossível demais. — *Destino*. No final, eu sou a vingança do meu povo... E tinha que ser ao seu lado.

— *Wayra*. — Gerard desceu do cavalo e o Ceifador fez o mesmo.

As reações foram sincronizadas. O homem lançou-se nos braços de Gerard, agarrando-se a ele como se fosse sua última chance. Nos lábios repousavam promessas nunca cumpridas, entre beijos de saudade e de perdão. Nos lábios de Gerard era o mesmo sabor, o gosto que ele sempre desejava em suas noites de solidão. Seu Wayra esperando por ele.

— O que você fizeram a você, Wayra?

— *Ceifador*. Esse é meu nome agora.

— Esse não é você. — Gerard insistiu.

— Eu *morri*. Sou *isso* agora, apenas uma *sombra*. — Gerard conseguia ouvir as lágrimas contidas naquelas palavras.

— Vamos acabar com Liam Beaublossom. E depois, você vai para o paraíso.

O sorriso era mais um lamento a formar-se no rosto pálido de Wayra. Gerard estava preparado para morrer hoje. Morreria ao lado de quem amava, finalizando o que fora deixado sem resolução. Em pouco tempo já estavam sobre a terra destruída e o Ceifador, com toda sua habilidade, derrubava cada um dos invasores. Gerard decidiu-se que se era para ir para o inferno, iria com toda a pompa possível e com vários cadáveres nas costas. Estava decidido agora, mais do que nunca. O campo era um amontoado de corpos e o som de cavalos fez com que ambos virassem para trás. Liam Beaublossom chegara para ver a destruição e Gerard já sabia o final disso.

— Liam Beaublossom. — O Ceifador proferiu solenemente.

— O que significa tudo isso? — O homem estava possesso, nem mesmo suas roupas exageradas com listras o deixavam mais composto.

— É o fim. A terra dos meus ancestrais julgou sua culpa. — As palavras pareciam parte de uma ópera trágica, todavia Gerard não conseguia desviar o olhar de seu Ceifador.

— Tolice! — Ele fez um gesto e seus chacais estavam logo mirando contra eles. O espectro não perdeu tempo, derrubando todos os homens, para surpresa de Liam. — *Impossível!*

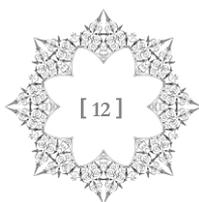
— Era uma vez no oeste, uma terra que amava tanto o seu povo que nunca iria descansar enquanto houvesse injustiça. — As palavras do Ceifador pareciam etéreas e Liam pedia clemência. — E a terra decidiu-se que somente sangue iria satisfazê-la. Adeus, Liam Beaublossom.

E um último tiro. Gerard jogou sua arma no chão, correndo até Wayra e o abraçando. Os dois caíram de joelhos no chão enquanto o sangue de Liam pintava a terra seca.

— *Leve-me com você*. — Gerard chorou no ombro do outro homem. Com os olhos fechados, ele só sentia brisa batendo em seu rosto. Abriu os olhos para ver Wayra, seu Wayra de cabelos negros sorrindo para ele.

Essa era a boa morte da qual os poetas falavam. Abraçou-o, encostando sua testa a dele.

— *Para sempre, meu amor*. — A voz de Wayra era música para seus ouvidos, *essa seria sua balada para o resto da eternidade*. Finalmente poderia dedilhar seu próprio paraíso.



APRESENTAMOS O CONTO

OS FANTASMAS DA CASA AMARELA

Por Cleber Gimenes Freitas e Erica Ribeiro de Almeida

SOBRE OS AUTORES:

CLEBER GIMENES FREITAS

É graduado em Letras e Filosofia e pós-graduado em Educação Especial na área de Altas Habilidades/Superdotação. Atualmente é professor de Língua Portuguesa na rede municipal de São Paulo. Leitor de Poe, Lovecraft, Wells, Doyle... Participou de algumas antologias de contos e poemas.

ERICA RIBEIRO DE ALMEIDA

Possui formação em Canto Técnico pelo Conservatório Dramático Musical de São Miguel - Oreste Sinatra, graduação em Educação Artística e pós-graduação em História das Artes e Arte Educação. Atualmente é professora de Arte na rede municipal de São Paulo. Leitora de Neil Gaiman, Poe, Lovecraft, Stephen King e terrores afins, participou de algumas antologias de contos e poemas.

“Quem consegue descrever um sonho de forma que continue parecendo um sonho?” (Ambrose Bierce)

— Veja, Marcos. — disse Roberto empolgado — Essa é a casa com a qual venho sonhando a mais de um mês e, veja, lá estão os dois fantasmas na janela.

— Não são fantasmas. — disse Marcos depois de uma gargalhada — Aquilo é apenas o nosso reflexo.

— Será? Vamos tirar a prova. — continuou Roberto, mostrando ao companheiro um molho de chaves — Eu passei na imobiliária antes. Ela está à venda e é perfeita para nós.

A casa amarela, localizada numa rua discreta de um tradicional bairro paulistano, estava à venda há mais de cinco anos e, devido às péssimas condições em que se encontrava e também por conta do alto preço que os proprietários estavam pedindo, não havia despertado o interesse de nenhum comprador. Até que Roberto, depois de ter sonhado com ela por várias noites seguidas, a encontrou durante um de seus passeios de bicicleta.

— Mas, e se forem fantasmas de verdade? Isso não te assusta? — perguntou Marcos, assim que cruzaram o portão de entrada.

— Que mal eles poderiam nos fazer? Além disso, nos meus sonhos eles não pareciam ameaçadores. — respondeu Roberto.

Enquanto Roberto caminhava confiante, olhos fixos na casa, Marcos estava nervoso, olhando de um lado para o outro, como se pressentisse uma catástrofe. Vencidos os cerca de vinte metros que separavam o portão de entrada da janela da casa, Marcos deu um grito de pavor.

— Olhe!!!! Não tem vidros na janela. Então aquilo não era o nosso reflexo. Eram fantasmas! Isso deve ser um aviso, vamos embora!

— Não. Vamos entrar. - disse Roberto e, antes que seu parceiro pudesse dizer qualquer coisa, ele já estava dentro da casa.

Para Marcos, o lado de fora também era assustador e ele tinha a impressão de que alguém os observava. Sem pensar duas vezes, entrou na casa atrás de Roberto.

— Veja, Marcos. Nosso piano ficaria ótimo nesse canto.

— Então você pretende continuar com aquele traste? E, aliás, essa casa está péssima.

— Traste? Aquele piano é herança da minha avó. Além disso, discordo de você, a casa está ótima e, estranho, é exatamente assim que ela aparece nos meus sonhos. Mesmo essa conversa que estamos tendo agora, eu já sonhei com ela também.

— Pra dizer a verdade, isso tudo também me parece familiar. Como um déjà vu. — disse Marcos, pensativo.

— Tudo exatamente igual, com exceção daquele gato, que nos espreita da escada e... — de repente um grito interrompeu Roberto — O que foi Marcos? Por que você gritou?

— Como assim? Eu não gritei.

— Como não? Eu conheço muito bem a sua voz e...

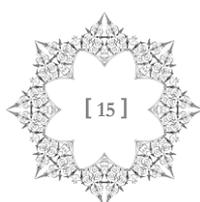
— Ouviu? Outro grito. E dessa vez, a voz era muito parecida com a sua, Roberto.

— Estranho! Muito estranho! — disse Roberto, mais curioso do que assombrado.

Outros gritos foram ouvidos, ora com uma voz idêntica à de Marcos, ora com a voz de Roberto. Ao perceber que os gritos vinham de um dos quartos no andar de cima, Roberto não teve dúvidas, subiu as escadas correndo, enquanto Marcos, que agora tinha certeza de que estavam sendo observados, seguiu seu companheiro, depois de ouvir passos se aproximando. Eles caminharam lentamente até o quarto de onde vinham os gritos, abriram a porta e viram, estirados no chão, os dois corpos, ambos com os crânios esmagados, os rostos desfigurados e em avançado estado de putrefação, velados pelo imenso gato preto.

O horror daquela cena os fez lembrar de absolutamente tudo. Dos planos que tinham de morar juntos, do dia em que foram visitar a casa amarela, de como Marcos reclamou das condições do imóvel, do medo que ele tinha dos tais fantasmas e do pressentimento ruim que sentiu quando chegaram ali. Lembraram-se, também, de como foram surpreendidos por dois rapazes intolerantes, filhos da gente religiosa e honesta daquele bairro tradicional, que os espancaram covardemente até a morte, porque não queriam ter como vizinhos pessoas tão diferentes.

E ali, diante de seus próprios cadáveres, Roberto e Marcos se olharam e, marcados eternamente por um sentimento que nem a morte conseguiu apagar, sorriram um para o outro. A casa amarela continua à venda, mas não vazia e a pessoa de boa índole que por ali passar, ainda pode ver os fantasmas na janela.





APRESENTAMOS O CONTO
O QUADRO DE ANY

Por Cristiane Ferreira Arrais

Sobre a autora: Nasceu em Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Graduada em Licenciatura Plena do Ensino Fundamental, com Pós-graduada em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira e Africana - Universidade Regional do Cariri e Coordenação Pedagógica - Universidade Federal do Ceará. Com uma longa experiência na Educação, atuando como Professora no Ensino Fundamental na área de linguagens e também em Coordenação Pedagógica com destaque na realização de projetos voltados em especial para o incentivo da leitura literária na cidade de Antonina do Norte-CE.

Como é bom uma noite bem dormida, algo importante para nosso bem fisiológico, mas existem situações que nos impede de ter uma boa noite de sono, para alguns basta assistir a tv que o sono vem ou procurar um especialista para lhes receitar um bom calmante, agora quando você não consegue dormir porque algo inexplicável e paranormal acontece, as coisas ficam difíceis serem resolvidas, foi o que aconteceu com a menina Any.

No dia em que Any completou onze anos, foi surpreendida com uma festinha de aniversário, ela e sua família tinham acabado de se mudar para uma casa nova, nesse momento ela recebeu diversos presentes, principalmente para seu novo quarto, abajur, livros, pelúcias, porta retratos e um lindo quadro pintado com seu retrato.

Na noite seguinte a seu aniversário, as noites de um sono tranquilo para Any nunca mais foram as mesmas. Ela acordou sentindo a presença de uma pessoa em seu quarto, mas não via ninguém, fato que passou a ser frequente, cada dia a sensação de alguém no quarto era mais perceptível e forte e o pior se aproximava mais e mais dela. Até que sentiu como se algo estivesse sobre sobre si, aflita e com muito medo gritava chamando seus pais, que para acalmá-la disseram ser um pesadelo.

Todas as noites acontecia a mesma coisa, no mesmo horário, ao badalar das 23h00min, como um ritual. Ela acordava com a sensação de alguém no quarto, que se aproximava e por fim ficava sob ela a deixando sem fôlego e imóvel. Até que de repente aquela força desaparecia.

Any não queria mais dormir sozinha, indo sempre para o quarto de seus pais. Sua mãe pediu para que rezasse. Assim Any fez, rezava, rezava e rezava todas as rezas que sabia. Passou vários dias rezando principalmente no horário em que sentia a presença de algo em seu quarto.

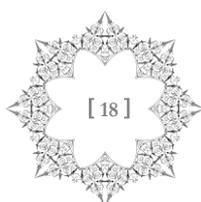
Já estava exausta, pois nunca mais teve uma noite tranquila. Seus pais preocupados procuram um especialista, que lhe disse ser um transtorno, conhecido como paralisia do sono. Seis meses se passaram e seus pais resolveram procurar uma velha benzedeira,

bastante conhecida na comunidade, a mesma depois de fazer suas orações, orientou Any o que deveria fazer durante as nove noites seguintes, assim ela fez.

Até que na última acordou de repente no meio da noite, dessa vez não mais com o peso sobre si, mas ao abrir os olhos viu a imagem de um jovem rapaz com um ar sereno, vestido de azul, sentado na cama ao seu lado que a olhava fixamente, nesse momento quis falar mas antes disso a imagem daquele rapaz desapareceu na sua frente.

Quando no outro dia acordou logo foi contar a sua mãe o que ocorreu na noite passada e algo ainda mais misterioso aconteceu, elas escutaram um barulho que vinha do quarto e correram para ver, ao chegar viram aquele quadro que seu pai havia lhe dado no dia de seu aniversário sob encomenda e recebido já com uma linda moldura caído no chão, com seu vidro quebrado. Any logo abaixou-se para apanhá-lo, foi aí que para seu espanto, atrás do seu retrato tinha outra foto e por incrível que pareça, era a imagem do jovem que teria visto sentado na sua cama na noite anterior.

Desse dia em diante, Any nunca mais sentiu a presença que lhe causava medo a impedindo de dormir. No fundo do coração, Any sabe que aquele jovem era que lhe atormentava e o mesmo precisava de orações e sua última aparição foi como para um agradecimento e despedida, que assim seja, amém.

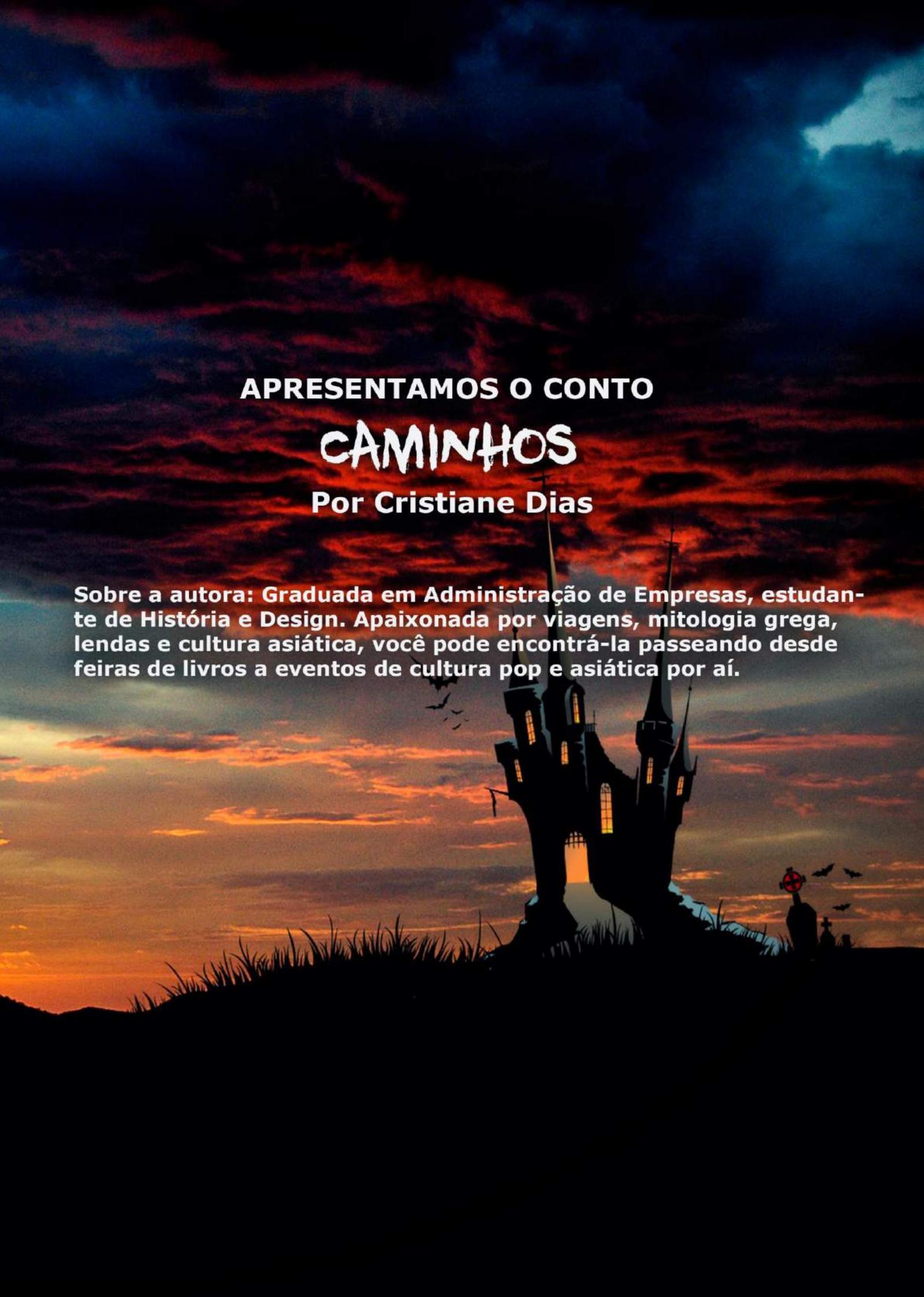


APRESENTAMOS O CONTO

CAMINHOS

Por Cristiane Dias

Sobre a autora: Graduada em Administração de Empresas, estudante de História e Design. Apaixonada por viagens, mitologia grega, lendas e cultura asiática, você pode encontrá-la passeando desde feiras de livros a eventos de cultura pop e asiática por aí.



Estou com frio. Esqueci por quanto tempo estou com frio. Só faço tremer. Por que tenho estado assim? Não lembro. Meu pai não se importa comigo. Fui em casa e ele nem percebeu a minha presença. Mesmo um pai bêbado, deveria se importar com sua filha. Ele antes se importava, por que não se importa mais?

— Mesmo sob o sol tenho frio — digo olhando o céu de outono de Tóquio. A estação está mudando, mas eu não devia estar com tanto frio.

Envolvo meu corpo com os braços quando um vento gelado bagunça meus cabelos. Eles estão longos, longos demais. São um inconveniente. Eu queria poder cortá-los. Estou esperando minha amiga sair da escola num banco de uma loja de conveniência próxima. Deveria estar na escola, mas não tenho aulas hoje. Meu colégio está fechado para obras. Aconteceu um incidente nele. Não me lembro exatamente o que aconteceu. Estava na biblioteca e fechei meus olhos por um segundo e depois não me lembro mais.

— Akemi, vamos? Você esperou muito? — diz minha amiga.

— Não! Kana, estou bem.

— Vamos passear no Ueno Park hoje de novo?

— Sim, eu gosto de passear no parque — concordei.

Estamos caminhando por um longo tempo pelo parque e eu gostaria de ver flores, mas a temporada delas já passou. É uma pena que as cerejeiras só florescem por poucos dias da primavera, seria bonito se florescessem por todas as estações. Mas a vida é breve e as flores de cerejeiras também tem uma vida breve. As árvores ainda são verdes, mas folhas douradas já colorem o chão. É bonito. Não é como a primavera, mas é bonito. O outono logo vai dar lugar ao inverno. O fim de tudo. É necessário um fim para um recomeço. Meus pensamentos são interrompidos com minha amiga jogando folhas secas na minha cara. Acho que ela percebeu onde meus pensamentos caminhavam, resolveu que não eram bons pensamentos e veio me resgatar deles.

— Kana, você me paga! Jogando folhas sujas na minha cara! — grito e saio correndo atrás dela.

Ela para de correr de repente e me olha com olhos vazios. Ela parece sentir pena de mim.

— Você precisa de exercícios! Está muito pálida — diz antes dela tornar a correr.

Observo Kana correndo com o cabelo esvoaçando atrás dela. Kana é mais atlética do que eu jamais fui e eu sou uma garota atlética. Eu sou a líder do club de karatê da escola e aquela que ganhou as corridas com saltos nas regionais do ano anterior. Mas Kana ia além do que eu jamais poderia chegar. Ela é uma miko do Shiba Daijingu e seu treinamento de sacerdotisa a torna uma garota especial. É estranho que tenhamos feito amizade tão rápido já que sempre fui popular e Kana sempre foi na dela. Além disso, somos de escolas diferentes o que torna nossa amizade ainda mais improvável. Achei estranho no dia que ela me deu aquele amuleto de proteção quando eu estava aqui admirando a paisagem nesse mesmo parque. Ela disse que afastaria toda a má sorte que caísse sobre mim. Com um pai bêbado e uma mãe que fugira de casa, eu era uma garota que precisava de toda a sorte que pudesse conseguir. Eu aceitei o amuleto e ficamos amigas.

— Vem, Akemi — fala Kana. — Vamos andar de pedalinho — insiste me puxando.

— Sim, vamos Kana! Eu amo pedalinho — sorrio para minha melhor amiga.

O sol do fim da tarde toca a minha pele, mas não me sinto aquecendo. Apesar do tempo estar bom, logo ficará mais frio. O sol já está indo embora, mas a vista é tão bonita. Estamos paradas no meio do lago agora apreciando a paisagem. É como se estivéssemos envolvidas por um grande círculo de proteção formado pelo mar amarelo, laranja e vermelho das cerejeiras, ginkos e bardos que circulam o lago. Queria poder ter essa visão para sempre.

— Akemi, você está bem?

— Sim, estou — respondo.

— Está ficando tarde — digo olhando o sol descendo no horizonte.

— Sim, está — Kana aperta a sua saia de colegial com força e tem seus olhos escondidos pela franja.

— Akemi?

— Sim?

— Você está com medo?

— Sim, um pouco. Não queria que isso tivesse acontecido.

— Eu vou ajudar você.

— Não posso imaginar como você conseguiria? — sorriu triste.

Kana ergue a cabeça, segura minhas mãos com força e seu rosto por um momento não me parece o de uma colegial de quinze anos. Há determinação em seu semblante e uma fúria de quem já enfrentou muitas batalhas antes. Kana tem força, é uma boa representante do seu nome. Meneio minha cabeça e solto minhas mãos.

— Kana, eu sei que você é forte. Agradeço sua amizade e pelo que fez por mim até agora. Mas mesmo uma miko não tem poder para tanto. Iria quanto as regras da natureza.

— Há caminhos possíveis, sempre há caminhos possíveis — diz Kana desviando olhar e me deixando sem entender como seria possível encontrar esse caminho.

Chegamos até o Shiba Daijingu e me preparo para me despedir de Kana. É a hora. Já estou aqui tempo demais e logo serei um perigo para os outros. Passamos pela Torii do templo e subimos as escadas até a fonte de purificação na entrada do prédio. Eu estava me perguntando porque alguns templos como o Shiba Daijingu possuem Torii brancos, sendo que na maior parte dos templos são vermelhos quando Kana para abruptamente a subida na escada e eu passo por ela.

— Ai! Kana, por que você fez isso? Você sabe que eu não gosto de passar por dentro das pessoas. Isso me dá calafrios! — digo com o meu desgosto pelo ocorrido.

— Você não devia ter morrido. Eu me esforcei tanto para proteger você — diz Kana aos gritos.

— O que posso fazer? Sou uma garota sem sorte! — respondo.

— Eu te dei o amuleto de proteção mais poderoso desse templo! Como que você pode ter tanta má sorte?

— Não sou culpada por ter morrido no incêndio — falo enquanto chuto as pedrinhas imaginárias do chão. E isso desperta a raiva de Kana e não a sua piedade.

— Ai! Kana não faça isso — Recebo um tapa na cabeça. Quando estou distraída sempre há o risco de me tornar imaterial, mas não era o caso nesse momento.

— Por que dormiu na biblioteca? Devia ter ouvido o zelador perguntar se havia alguém ali antes que te trancasse na biblioteca. Agora está morta! E eu não tenho escolha — lamenta.

— Acho que está meio tarde para sermões — digo mais cansada do que um fantasma poderia estar. Preciso mesmo descansar em paz. — Além disso, não há nada que você possa fazer. Você deve me purificar hoje e me enviar para o pós morte.

— Não o farei — Kana afirma olhando para o chão e fechando os punhos.

— Já demorou muito — digo triste. — Já tive tempo de me despedir de todos e aceitar a realidade.

— Não posso — insiste ela.

— Kana... — respiro fundo e continuo. — Se você não me exorcizar, eu vou acabar virando um espírito maligno. E eu não quero isso.

— Há outros caminhos.

— Que caminhos podem haver para uma pessoa morta com o corpo carbonizado? — indago chateada.

— Há coisas que você não sabe sobre mim, Akemi.

— Que você é uma miko eu sei. Mas que eu saiba não traz os mortos a vida.

— Não, mas tem quem traz — afirma Kana.

Passamos por um caminho repletos de árvores centenárias e vagalumes. Vagalumes? Estranho, não é época de vagalumes. Eles são mais ativos no verão. Estamos em frente a pedra sagrada do templo agora, e Kana está me assustando. Ela se virou com uma aparência totalmente diferente. As roupas de colegial de Kana sumiram e

agora ela veste um kimono antiquado e armadura. Em suas costas há um arco e flecha gigantesco que eu pensei que só um homem poderia usá-lo e em seus quadris carrega uma espada najinata. Kana, realmente, não é normal.

— Akemi, eu também já estou morta.

— E agora você deu um susto num fantasma. Devo correr? — falei colocando a mão no meu coração. Ah, eu não tenho mais um coração. Mas a sensação é como se eu ainda tivesse um e ele está acelerado. Meu coração está batendo como um amputado sente os membros não mais existentes.

— Não é necessário. Sou sua amiga e nunca te faria mal.

— Bom saber, né? — sorrio sem graça.

— Então, como você pretende me ajudar? — Realmente, não estou entendendo aonde ela quer chegar.

— Então, vamos lá — diz Kana.

— Clamo pela feiticeira e defensora da liberdade, Princesa Takiyasha.

— Ai, Kana! Porque está me chamando tão cedo...

Uma moça apareceu rodopiando num show de luzes digno de um show de k-pop usando um kimono jūni-hitoe, um kimone de doze camadas só usado por membros da corte imperial no passado. Estar morta na idade de quinze anos é a pior coisa que eu pensei que poderia me acontecer, mas agora estou em frente a princesa dos mortos que eu jurava que fosse uma lenda e ela está sorrindo para mim.

— Kana, vejo que você não fez bem seu trabalho. Akemi veio cedo demais.

Kana assente como se estivesse contrariada com a afirmação da princesa Takiyasha que se vira para mim com um sorriso de pena e faz uma proposta.

— Akemi, você tem duas opções morrer de fato e ir para o inferno, renascer ou sabe lá para onde sua alma vai. Ou viver como quiser, mas como uma serva. Acho que não é uma escolha difícil.

— Por que eu? — pergunto assustada.

— Você tem como posso dizer, talento.

— Então, o que vai ser?

Não posso escolher morrer, e foi esse único pensamento que levou a minha resposta e selou o meu destino.

— Viver...

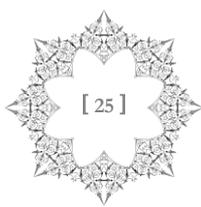
Sinto um vento tocar meu rosto, erguer meu corpo e me carregar para um lugar calmo como se estivesse flutuando. Era um calor agradável, mas está ficando muito quente. E o calor está aumentando. Estou queimando, estou queimando. Socorro, socorro...

— Ai, Deus! — Levanto e olho ao redor. Estou no meu quarto e passo as mãos em meu rosto. Estou toda suada. Foi um pesadelo? Não estou morta?

— Ei! Garota, hora de acordar! — Meu pai bate na porta.

Pego meu celular e respondo uma mensagem de bom dia de Kana. Estou feliz. Estou viva! Foi só um pesadelo.

No templo de Shiba Daijingu, Kana vê a resposta de sua amiga e respira com alívio. Akemi está viva. E isso é o melhor que ela poderia fazer por sua amiga por hora.





APRESENTAMOS O CONTO
A GÁRGULA NA ESCURIDÃO

Por Felipe L. Cavalcante

Sobre o autor: Escritor e poeta de contos de fantasia e terror, nascido em Manaus/AM, formado em Letras – Literatura Portuguesa, redator chefe do site Co-op Geeks, redator-assistente da Revista Égua Literária, autor do conto "A Dama no Bosque" pela newsletter Faísca Mafagafo, do conto "Lua, Sangue e Mel" publicado na antologia Não Morre no Final e das antologias Sinos Por Todo Lugar e Noites Sem Fim, fã de Tolkien, Poe, Stephen King e Neil Gaiman, mas também de autores nacionais como Astrid Cabral, Jan Santos e Felipe Castilho.

Agora caminhávamos pela subida leve de uma colina por um anoitecer de verão.

O céu limpo estava preenchido por tons de rosa e dourado que estavam sendo rapidamente vencidos pelo azul-anil com algumas estrelas despontando e surgindo. O ar frio me cercava, apesar do grosso casaco que eu vestia por cima de um suéter de lã, mas eu continuava tentando manter o ritmo.

O meu guia era um homem idoso que caminhava com uma bolsa de tiracolo no ombro, apoiava-se em uma bengala, seguindo bem em frente e me apontava o caminho. Eu o conhecera na hospedagem em que havia me instalado, logo no primeiro dia em que cheguei. Ele estava sentado num banco diante da varanda e iniciei uma conversa, perguntando-lhe sobre os lugares e pontos mais interessantes da região e fiquei bem feliz ao descobrir que ele estava já acostumado a acompanhar turistas aos lugares que gostariam de conhecer.

Fizemos um acordo e ele concordou em me mostrar o local onde a velha capela fora construída. O caminho tinha de ser percorrido pelo mato rasteiro a alguns quilômetros da cidade e não era tão fácil, mas, ele me disse, no final valeria muito a pena. Eu esperava que sim. Eu descobrira a antiga igreja abandonada pela internet e em livros sobre lugares históricos e abandonados sobre aquela região e estava ansioso por conhecê-la.

Explorar sempre foi a minha fascinação, mesmo que as pessoas da minha família e amigos não compreendessem isso por completo. Eu viajava por aí e procurava por lugares que tivessem histórias para me contar. Já tinha visitado parques de diversões desabitados, casarões e mansões desvalidas e supostamente assombrados.

Normalmente ninguém compreendia muito bem essa minha inquietação, meu anseio por viajar e conhecer lugares abandonados, escondidos e desconhecidos e por percorrer trilhas alternativas, pouco visitadas e ignoradas pela maioria das pessoas. Alguns conhecidos meus até me alertavam que era algo potencialmente perigoso, afinal, alguém poderia facilmente tirar vantagem de mim de alguma forma, mas eu não me importava. Já tinha experiência em anos de viagens, trilhas e excursões que fiz sozinho, apreciando a minha liberdade e descobrindo meus próprios caminhos.

Além disso, eu queria descobrir as histórias daquele lugar.

— Será que falta muito ainda?

— Bem pouco — respondeu o meu guia — cuidado com as tocas.

— São tocas?

— Sim, de coelhos.

— Não sabia que coelhos faziam tocas por aqui.

— Fazem — ele me respondeu, sem me olhar — no inverno muita gente vinha caçar coelhos por aqui. Eles dão um bom caldo, sabia?

— Nunca provei coelho.

— Hum — foi tudo o que o meu guia respondeu. Ele parecia do tipo meio caladão, o que não me apetecia tanto.

A antiga igreja pelo o que eu sabia era uma relíquia quase medieval de um tempo há muito passado e fora construída na beira de um riacho naquela região. Pelo o que eu tinha ouvido falar, há séculos atrás, quando as pessoas do vilarejo decidiram ir embora e este deixado para trás, ou em algumas versões havia morrido de peste, ou foram invadidos, o lugar foi lentamente sendo engolido pela floresta e a igreja foi abandonada.

— Você costuma trazer muitos turistas para cá? — eu perguntei ao meu guia, um pouco sem fôlego.

— Alguns. Não são muitos, mas a maioria sempre deixa algo para trás pelo passeio. Descemos pela colina até chegar a um ponto em que pude avistá-la.

A igreja erguia-se no campo com uma única torre do sino contra o céu que escurecia, era feita de pedras escuras e tinha a hera subindo pelas paredes e obscurecendo parcialmente as janelas góticas com vitrais sujos.

— As pessoas costumavam vir aqui. Muitas vezes velhas senhoras devotas, com as cabeças cobertas por lenços e seus terços em mãos.

— Então muita gente vem aqui ainda?

O meu guia acenou negativamente.

— Alguns adolescentes. A maioria idiota, vem fumar e beber escondido dos pais. Dizem que também encontraram um torturador.

— Um torturador?

Meu guia acenou com a cabeça.

— Que tipo?

— Que torturava as pessoas, pelo o que dizem. Eu nunca vi nada.

Continuamos descendo até chegar um pouco mais perto. Eu quis me aproximar, mas notei que o meu guia se agachou com certa dificuldade e começou a procurar alguma coisa pelo chão.

— Que vai fazer?

— Vou acender uma fogueira.

— Por que?

— Hora do chá.

Ele tirou uma caixa de fósforos do bolso, sacudindo-a para mim, e se pôs a juntar folhas e galhos secos no chão, algo que havia em abundância. Decidi ajudá-lo e reunir alguns galhos que fui julgando mais adequados. Ele então sentou-se e tirou um pedaço de jornal velho do bolso, que amassou e ajeitou debaixo da lenha que tínhamos reunido, ordenando tudo de certa maneira, então acendeu um fósforo, soprando devagar para o fogo pegar.

— Eu gostaria de entrar na catedral — eu disse, olhando para o lugar que erguia-se a poucos metros de nós. O céu escurecia ainda mais agora, tornando-se um tom de nódoa negra.

— Pode ver do lado de fora se quiser, mas logo vai anoitecer e não vai conseguir entrar lá dentro durante a noite. Ninguém entra. Está trancado.

Confesso que fiquei um tanto decepcionado. A ideia de entrar ali dentro durante a noite me parecia tentadora, uma aventura, uma loucura de um turista com gostos peculiares para viagens.

— Posso vir amanhã, então, tinha pensado em tirar algumas fotos. Talvez fazer um álbum de fotografias ou coisa parecida.

O meu guia apontou para a fogueira e eu me sentei ao lado dele. Ele tirou uma garrafa térmica da bolsa tiracolo.

— Aqui parece ser um lugar bem tranquilo.

— Nem sempre.

— Como assim?

— Coisas sempre acontecem.

Ele suspirou e serviu-se de um pouco do chá de sua garrafa em uma caneca metálica.

— Uma noite de outono, estava chovendo muito forte e as árvores da floresta pareciam que iam desabar e nós ouvíamos uivos.

— Fantasmas?

Ele deu de ombros.

— As histórias aqui são estranhas, sabe?

— O quão estranhas? — Eu olhei em volta. Não acreditava em fantasmas ou torturadores, mas ainda assim, me sentia, de algum modo, observado.

— Diziam que existia uma gárgula num nicho da catedral — o rosto do meu guia, iluminado por debaixo pelas brasas da fogueira, parecia um borrão com sombras projetadas nele.

— Uma gárgula? Como aquelas em Paris?

Ele acenou. Os olhos observando as brasas vermelhas elevando-se e sumindo.

— Diziam que ela servia para proteger a catedral, que servia para assustar os espíritos maus, mas não está mais lá. Eles a retiraram.

— O que aconteceu com ela?

— Contam que uma vez um ladrão tentou invadir a catedral. Talvez estivesse precisando de um esconderijo ou achava que tinha algo ali dentro que valesse a pena levar.

Meu guia me serve um copo de chá quente. Os seus olhos são de um azul profundo e claro, refletiam-se nas chamas da fogueira.

— Foi encontrado morto na manhã seguinte. O corpo rasgado, como se tivesse sido atacado por facas, um pedaço da perna direita arrancada e o crânio quebrado, perfurado, entende — E eu lhe aceno com a cabeça.

— E naquela manhã, a mandíbula da gárgula estava completamente manchada de sangue.

— Eu não acredito muito em histórias de assombrações, sabe? Gosto de ouvi-las, muito, mas não sei se acredito nelas, não de verdade.

O meu guia tomou um longo gole de seu chá e me olhou nos olhos. A sua expressão inescrutável e misteriosa.

— E quem disse que é uma história de assombração?

Engoli um pouco do meu chá. Acho que não era meu tipo exato de chá, pois tinha um estranho gosto, quase como amêndoas amargas.

Eu olhei para a igreja. Um momento em minha mente, e nesse momento um sentimento desabrocha. Algo me atrai nela, uma estranha familiaridade.

Um lugar abandonado, intocado. Solitário.

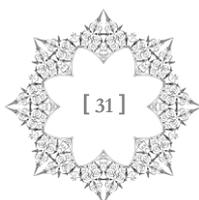
E eu a imagino por dentro, como deve ser olhar o local com o sol nascendo. As janelas de vitral que restaram, com suas cores desbotadas pelo tempo, e a luz do sol infiltrando-se por elas. O frio das paredes de pedra, ásperas e úmidas, de onde pendem

teias de aranha, e talvez, lá no alto, ninhos de corujas na escuridão, observando os bancos de madeira em fileira até o altar. O silêncio completo dominando tudo. Um lugar assombrado pelos fantasmas esquecidos pelo tempo. Eu imaginei as estátuas dos santos eternamente em vigília, por dias e dias, entra ano e sai ano, até que os séculos os desfizessem em pó.

— Amanhã de manhã você pode vir dar olhada na igreja, por si mesmo — disse o meu guia — eu costumo cuidar de tudo o que os turistas deixam na hospedagem.

— Muito bem, amanhã — respondi ao velho senhor.

E bebi mais um gole do meu chá ainda quente.





APRESENTAMOS O CONTO
COMENTÁRIOS A RESPEITO DE ALICE

Por G. M. DHOSS

Sobre o autor: G. M. Dhoss é pseudônimo de Gilberto Mendes dos Santos, servidor público, escritor, nascido em Juranda, PR, no dia 10 de junho de 1968. O autor tem um romance de terror e quatro obras de contos do mesmo gênero publicados na Amazon. Nas horas vagas, dedica-se à leitura, escrita, e a assistir filmes e séries na televisão ou em streaming. Os gêneros preferidos são os filmes de terror, suspense e ação.

Por estar próximo às montanhas, o vilarejo Vale das Sombras mantinha uma temperatura média de dezessete graus. À noite, no outono, ventava demasiadamente e ouvia-se ao pé da montanha o uivo dos ventos. Os moradores do lugar atribuíam ao som a voz de Deus e quanto mais forte ecoava, mais bravo estaria o todo poderoso com os moradores daquele lugar. Para além do Deus do bem, os moradores conservavam outras crenças como na existência de bruxas e do Deus do mal.

Apesar de ser um pequeno vilarejo, o lugar não estava livre da inveja, do ódio, da soberba, da avareza, da ira, da preguiça, mas dentro da normalidade de qualquer outra congregação de pessoas. Os mais novos seguiam as tradições seculares dos mais adultos. Por longos anos, houve quase nenhuma mobilidade na forma de propagar pequenas e inofensivas fofocas naquele fim de mundo esquecido por Deus. O celular, todavia, instalou-se em Vale das Sombras e o mau o acompanhou, inicialmente como uma brisa, depois como um furacão.

Outrora os ancestrais daquele lugar queimaram mulheres condenadas como malditas bruxas. A inquisição, um ritual de limpeza, agia sem piedade. O Tribunal Inquisitor era composto por um conselho com decisão colegiada. No decorrer de muitos anos, não houve mais sacrifícios na santa fogueira. Nenhuma mulher teria agido como bruxa a ponto de ser acusada de tal blasfêmia. Viveu-se, durante longos e longos anos, um tempo de paz, até a chegada do aparelho maldito.

No princípio as brincadeiras no grupo do vilarejo, do qual todos participavam, deram ensejo a ilações de que fulana tinha três orelhas (uma delas ficava escondida por debaixo dos cabelos), cicrana tinha três seios, e outras idiotices sem maiores repercussões. As brincadeiras até de certa forma inocentes rendiam sonoras gargalhadas dos moradores.

Sabrina, Agnes, Sarah e Rebecca tiveram uma diabólica ideia, lembrando as histórias antigas que ouviam de seus pais, avós e bisavós sobre bruxas queimadas na fogueira: acusarem alguém de ser uma bruxa. A escolhida, não por acaso, foi Alice. Entre os motivos preferidos foi porque ela era muito tímida; outros dois foram porque exibia um nariz protuberante e era meio corcunda, levemente inclinada para frente. A patologia era quase imperceptível, mas as adolescentes enxergavam muito além do nariz.

Além dessas características, Alice era magrela, os cabelos loiros bem cacheados, os olhos, um azul e outro verde, brilhavam como uma estrela no céu de lua cheia; um dos seus dentes era discretamente encavalado. Com a morte de sua genitora e de seu pai, Alice foi criada pela tia, irmã de sua mãe, uma mulher generosa que a tratava tão

amorosamente quanto suas filhas Alexa e Roxandra. O marido, um homem generoso e carinhoso sempre primou pela felicidade de sua esposa, de suas filhas e de Alice.

Na sua inocência, Alice lançava sonoras gargalhadas com a brincadeira postada no grupo do vilarejo. Embora fosse um tanto pejorativa, suas amigas não faziam por mal, ela acreditava. A pequena vila toda ria da comparação de Alice com uma bruxa, mesmo porque, apesar de algumas imperfeições, a moça de treze anos era muito linda.

Alguns dias depois a brincadeira estava para cair no esquecimento quando o vilarejo sofreu alguns ataques misteriosos. O primeiro deles foi uma revoada de gafanhotos que varreu as plantações. Havia notícias de que a última vez que isso ocorreu ainda se queimavam bruxas na fogueira, lembraram os mais velhos. O pavor da fome abateu-se entre os moradores.

Zadrina, uma das conselheiras do pequeno vilarejo, uma senhora de oitenta anos, levantou a hipótese de que as bruxas haviam retornado para aquele lugar. Talvez fosse o caso de restaurar o Tribunal Inquisitório. A imagem de Alice perambulou por sua mente, crepitando na fogueira. Talvez a brincadeira tivesse um fundo de verdade: Alice seria uma remanescente das bruxas que conseguiu sorratamente sobreviver sem ser descoberta. O método de mergulhar as supostas bruxas na água para constatar se seriam bruxas não convinha, já que todas morriam. Além disso, criaria um descrédito para o Tribunal Inquisitor. Talvez fosse o caso de sacrificá-la na fogueira, de modo que se as pestes não retornassem, confirmaria que ela era mesmo uma maldita bruxa.

Passado uma semana da revoada de gafanhotos, arrefecia a certeza de Zadrina que havia uma bruxa entre eles. Todavia, numa manhã de muita neblina, a água nas torneiras jorrava vermelha como sangue. Na encosta do morro, a água que jorrava forjava-se numa assustadora cachoeira escarlate.

— É ela – Zadrina murmurou para si mesma, enquanto se balançava na sua cadeira.

Passou pela cabeça dela, durante a reunião do conselho, propor que a jovem suspeita de bruxaria fosse sacrificada para cessar aqueles fenômenos do demônio. Antes que ela propusesse, Calanto, um septuagenário senhor, reforçou com grande veemência que aquelas pestes eram coisas de bruxa. Zadrina também fez questão de enfatizar sobre as mensagens que eles acharam engraçadas, mas que junto com elas vieram as malditas pestes. Todos os seis membros se entreolharam. Seria a jovem magricela uma bruxa? Ela tinha algumas características das bruxas que infernizaram aquele vilarejo outrora e que tanto sofrimento causou aos seus membros.

Instalar um novo Tribunal Inquisitor podia ser devassador para os moradores; a quase totalidade deles jamais vivenciou aqueles sombrios dias e noites de caças às bruxas. Mesmo os membros do conselho não presenciaram as deliberações dos inquisidores e as mulheres bruxas crepitando na fogueira. Naquele tempo, eram crianças ainda e foram afastados das cenas bizarras porque segundo a crença, as bruxas podiam transformar em bruxas jovens crianças inocentes com um simples olhar maléfico, enquanto crepitavam na fogueira.

Após deliberação sobre como proceder no caso das suspeitas de que as bruxas voltaram para aquele vilarejo, ficou decidido aguardarem mais algumas semanas. Se as pestes prosseguissem, deliberariam novamente.

Durante duas semanas, o vilarejo não foi atingido por nenhuma peste, até que, numa tarde ensolarada, repentinamente o céu escureceu e deu lugar a nuvens carregadas e negras, trovões estridentes e relâmpagos cegantes. Minutos depois, pedras se precipitavam do céu como raios. Os habitantes do lugar se acomodaram debaixo de árvores, carroças e em suas casas. Imediatamente, os conselheiros marcaram uma reunião: aquilo tinha que acabar. Alice tinha que morrer na fogueira, queimada.

No grupo, Sabrina, Agnes, Sarah e Rebecca se divertiam, atirando para que Alice parasse com aquelas pragas, senão seria morta na fogueira. Elas riam em áudios gravados, com *emogis* ou seguidos “KKK”. Alice achava graça, mas temia que a brincadeira disseminada tão repetidamente se transformasse numa incontestável verdade. Ela não queria ser queimada na fogueira, nem no seu pior pesadelo.

Durante a reunião, Pirueth, o conselheiro das armas, ameaçou agir de forma autoritária, acaso o conselho não acatasse sua posição pessoal que era pela instalação do Tribunal Inquisitor para queimar Alice na fogueira e de quem mais suspeitassem serem bruxas naquele vilarejo. Encerrada a reunião entre os conselheiros, Zedrina chamou Korok, o guarda-mor, e determinou a imediata prisão Alice. No ato, o conselho instalou o Tribunal Inquisitório. O que parecia improvável, o retorno daqueles nebulosos tempos de desgraça e de sofrimento, instalou-se em Vale das Sombras. Korok ordenou, por precaução, que outros dois guardas o acompanhasse.

Com violência, Korok chutou a porta daquela humilde casa que abrigava Alice, seus pais e seus irmãos de criação, e a prendeu. Seus pais adotivos ficaram aterrorizados com tamanha brutalidade e quiseram saber o motivo de tamanha violência. Korok, com um sorriso maligno e sarcástico, disse em alto e bom tom:

— Sua filha é uma bruxa. Vamos sacrificá-la na fogueira.

Em vão, tentaram evitar que a filha fosse presa. Samantha, mãe de Alice por adoção, levou um empurrão e bateu com a cabeça na parede. Dayonois também tentou evitar a prisão da filha, mas os três homens eram muito fortes. Ele gritava para os moradores que, diante da prisão de sua filha, assistiam petrificados, mas concordavam com o seu sacrifício se ficasse provado que ela era uma bruxa.

— Vocês não vão fazer nada? – ele gritava, em tom de desespero – Hoje é Alice, amanhã é uma filha de vocês.

Nos semblantes dos moradores misturavam-se pavor e receio tanto do motivo que levou os guardas ali, como da possibilidade de terem convivido com uma bruxa esses anos todos. No íntimo, muitos deles desejavam que Alice fosse queimada para que as pragas desvanecessem.

E assim foi.

Alice foi queimada viva, sem oportunidade de defesa.

O Tribunal Inquisitório era uma farsa cujo desfecho sempre foi pelo sacrifício das jovens mulheres acusadas de serem bruxas.

Semanas e meses se passaram sem que houvesse uma única praga para contestar a alegação do Tribunal de que Alice foi a responsável por aquelas desgraças, porque não passava de uma maldita bruxa. Aliviados, os moradores já não mais se escondiam dentro de suas casas, ainda que tarde da noite e nas madrugadas frias.

O odor de carne queimada na fogueira ainda não havia dissipado quando Sabrina, Agnes, Sarah e Rebecca invocaram com outra jovem moradora. Como fizeram com Alice, difundiam no grupo do vilarejo que Mirtes era tão bruxa como Alice e deveria queimar na fogueira. Mirtes, apavorada, pedia a Deus para que nenhuma praga caísse por aqueles dias ainda nebulosos, pois o sacrifício de Alice nasceu de uma maldita brincadeira e, por coincidência ou não, pragas varreram aquele vilarejo. Ela implorava para que não atribuíssem a ela a condição de bruxa, mas as maldosas lançavam sonoras gargalhadas no grupo, gravadas ou na forma de onomatopeias. Sonoros “KKK”. Há! Elas eram apenas em quatro, mas faziam muito barulho e estavam dispostas a desgraçar aquele vilarejo que há anos gozava uma paz duradoura.

Sabrina, Agnes, Sarah e Rebecca não acreditavam em bruxas, mas adoravam espalhar boatos sobre as amigas. Já planejavam calúnias e difamações mais diabólicas do que as que espalhavam pelo grupo do vilarejo. Destemidas, lançavam-se nas madrugadas

daquele lugar, espiando os vizinhos pelas frestas das janelas, portas, com o gravador de imagens do celular ligado. Elas acumulavam material para jogar no grupo e espalhar o caos.

— Senhora Samantha! — exclamou Sabrina. Ela consultou o celular: 02:45. De repente, as luzes oscilaram por alguns segundos e tudo se converteu num pavoroso breu. Sabrina teve medo naquele momento, como nunca em sua vida.

Apesar da escuridão, ela assistia Samantha se transformar numa bruxa, como o sol brilhasse no céu num domingo de verão. Ela pensou em gritar, mas com um gesto de mão, Samantha costurou sua boca. A dor era lancinante.

— Alice não era bruxa, mas eu sou sua pirralha.

Em milésimos de segundos, com um simples gesto de cabeça, Samantha transformou Sabrina num rato e lançou uma sonora gargalhada. Apenas Sabrina ouvia aquelas guturais e maquiavélicas gargalhadas, estridentes e assustadoras como potentes trovões em tempestade. Ela se enveredou pelos bueiros da cidade, ciente de que era uma jovem no corpo de um rato. E assim se sucedeu com as demais. Agnes foi transformada num sapo, Sarah numa gigante barata e Rebecca num enorme besouro rola bosta. Ela nutria o mais profundo nojo de merda. Com o misterioso desaparecimento das jovens mulheres, nunca mais ninguém ousou espalhar boatos pelo grupo do vilarejo.



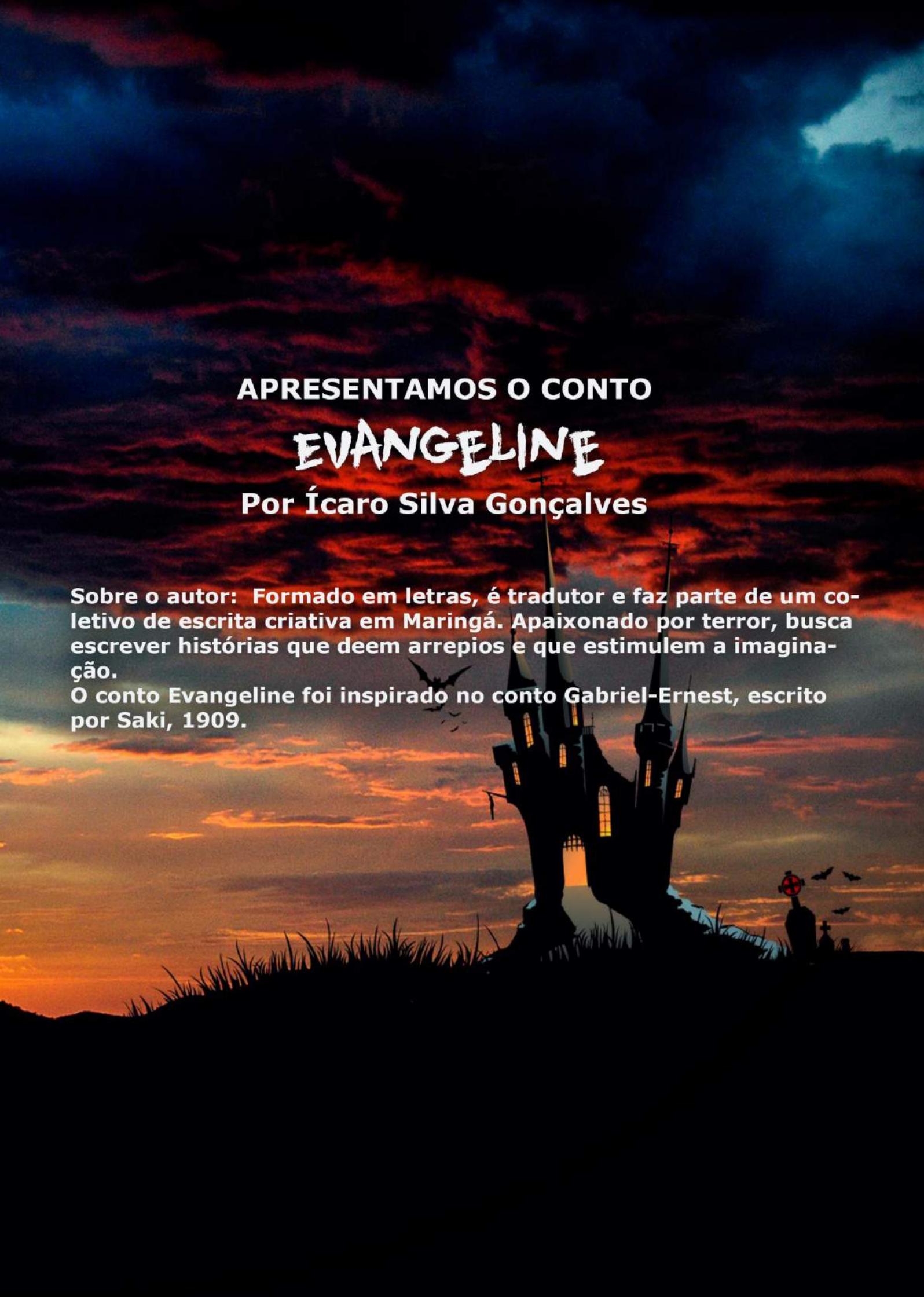
APRESENTAMOS O CONTO

EVANGELINE

Por Ícaro Silva Gonçalves

Sobre o autor: Formado em letras, é tradutor e faz parte de um coletivo de escrita criativa em Maringá. Apaixonado por terror, busca escrever histórias que deem arrepios e que estimulem a imaginação.

O conto Evangeline foi inspirado no conto Gabriel-Ernest, escrito por Saki, 1909.



Já faz muitos anos que isso aconteceu. Na época eu ainda era uma criança pequena, não tinha nem dez anos ainda e hoje já tenho meus próprios netos que passam seus verões comigo na minha pequena fazenda, assim como eu fazia quando meus avós moravam em uma fazenda cercada por um bosque. Durante minhas férias de verão, meus pais me levavam até lá para passar alguns meses no campo e eu amava cada segundo. Eu colocava as roupas velhas do meu primo, que estava na faculdade na época, e saía para explorar. Gostava de brincar com as galinhas e como cão velho, que era muito cansado para correr atrás de uma criança cheia de energia, mas que gostava de carinhos na barriga o suficiente para se esforçar. Quando eu me sentia particularmente corajosa, eu explorava o bosque.

Aquele dia estava me sentindo muito corajosa. Eu cuidadosamente guardei o meu vestido, coloquei calças largas, mas confortáveis, preni meus cabelos longos para evitar que se enroscasse nos galhos e saí correndo pela casa, gritando para meus avós que estava saindo.

— Cuidado com o lobo na floresta. — Minha avó disse, me observando enquanto pegava uma maçã e colocava minhas botas, me preparando para sair pela porta da cozinha.

— Não se preocupe, vó, eu sou bem intragável, se o lobo me comer, com certeza vai morrer. — eu respondi, como uma risada, fazendo minha avó revirar os olhos com um pequeno sorriso e continuar a amassar o pão.

Segundo uma lenda na região, principalmente na pequena vila perto da fazenda, havia um lobo que morava no bosque. Supostamente, ele dormia durante o dia e andava pelas casas durante a noite, atacando qualquer criatura indefesa, principalmente crianças pequenas. Mas era tudo uma lenda para que evitar que as crianças saíssem a noite, não havia nada na floresta, no máximo alguns cervos e gatos-do-mato.

O bosque sempre foi fascinante para mim. Eu me sentia uma exploradora na floresta, como se eu estivesse chegado em um lugar mágico. As árvores eram cobertas de líquen e cheirava à terra úmida sob um macio tapete de musgo incrivelmente verde decorada por flores de todas as cores possíveis, que eu fiz questão de pressionar contra o meu rosto e me familiarizar com os vários cheiros.

Eu escalei árvores, cuidadosamente evitando os ninhos, segui rastros de animais até encontrar suas tocas, corri atrás de sapos, me arrastando em poças de lama até estar tão marrom quanto a terra. Logo eu estava imunda, suada e com sede, então decidi ir até o

riacho que cortava o bosque para resolver esses problemas antes de voltar para casa. Porém, quando cheguei lá, o lugar não estava vazio.

A primeira vez que a vi, lembro de pensar que ela era uma sereia, até reparar nas suas pernas preguiçosamente esticadas na água. A sua pele brilhava à luz do sol e seus cabelos escuros cascateavam pelas suas costas em ondas embaraçadas e escuras. Quando me aproximei, ela se virou, me fitando com olhos castanhos tão claros que eram quase âmbar. Ela não se cobriu ao me notar, parecendo tão perfeitamente confortável na sua nudez que eu me forcei a não corar.

— O que está fazendo aqui, garotinha? — Ela perguntou, abrindo um sorriso que me deixou desconfortável. Era muito amplo, faminto. Seus olhos brilhavam muito. Senti minha voz escapar de mim antes mesmo de chegar à minha garganta. — O que foi? O gato comeu sua língua? — Ela soltou uma pequena risada de desdém com as palavras e eu me forcei a falar algo, qualquer coisa.

— Tem um lobo na floresta.— Assim que as palavras saíram, me senti uma tola. O lobo não era real, não havia nada na floresta, mas eu precisava dizer algo, qualquer coisa. O seu sorriso se aprofundou com uma sombra que me deu calafrios apesar do sol quente.

— Você tem medo do lobo, pequena?

Até o momento anterior, eu não tinha. Mas havia algo em suas palavras que fizeram meus joelhos tremerem. Todo calor que carregara durante o dia foi roubado por ela e senti arrepios terríveis me percorrerem, um medo instintivo que não conhecia. Seus dentes pareciam mais afiados agora, seus olhos tinham um brilho amarelo doentio. Eu não conseguia pensar em mais nada e apenas me virei e corri de volta para casa, sua gargalhada ecoando em meus ouvidos.

Minha avó nem teve tempo de brigar comigo por arrastar lama pela casa quando entrei correndo na cozinha. Afundei meu rosto em seu avental, chorando calamitosamente como apenas crianças choram, toda a força dos meus pulmões saindo em soluções, lágrimas e catarro escorrendo por meu rosto e se misturando à sujeira do dia. Sua reprovação rapidamente se transformou em preocupação e meu avô, ouvindo o barulho, me perguntou o que havia acontecido. Entre soluços, falei havia visto o lobo na floresta. Eles me consolaram, falando que provavelmente era só um cão grande e abandonado, que eu estava bem e segura, o lobo não existia, era apenas uma lenda, como a mulher nos espelhos e as sereias na água. Depois de um tempo, conseguiram me acalmar.

Duas semanas se passaram e eu quase esquecera do incidente. Eu continuava a explorar a fazenda, mas não entrava mais no bosque, nem para perseguir sapos. Além disso, fui instruída a ajudar a minha avó com os seus afazeres, já que sua artrite piorava a cada dia e seus movimentos ficavam limitados pela dor e rigidez.

Um dia, após alimentar as galinhas e fugir de um ganso que decidira que eu era sua inimiga, entre na casa e vi uma figura conversando com meus avós. Ela era alta e seus cabelos escuros cascadeavam pelas suas costas em ondas.

— Ah, você está aí. Essa é a Evangeline, ela vai ajudar a sua avó a cuidar das coisas aqui. Quando ela olhou para mim, senti os mesmos calafrios de antes. Seu sorriso afiado e faminto, seus olhos brilhantes. Era a mulher da floresta.

— Eu posso ajudar a vovó.— Minha voz saiu quase um sussurro, silenciosa e trêmula.

— Você é muito pequena, precisamos de uma pessoa adulta para fazer o trabalho pesado e sua avó está doente. Agora vamos lá, se apresente. — Meu avô respondeu, pousando uma das mãos em meu cabelo. Eu não disse nada e Evangeline se abaixou, fixando seu olhar no meu rosto. Ela parecia estar se divertindo.

— Olá, garotinha. Você tem nome? — Eu continuei em silêncio e meu avô deu um leve tapinha no meu ombro, me encorajando a falar.

— Vamos lá, se apresente. — Quando continuei em silêncio, meu avô lançou um sorriso sem jeito para ela. — Desculpe, a menina é tímida.

— Sem problemas, senhor. Tenho certeza que logo eu e essa lindinha seremos melhores amigas. — Ela respondeu, apertando uma de minhas bochechas redondas. Eu dei um sobressalto e corri para meu quarto, me escondendo sob as cobertas.

Lembro de ter tentado avisar as pessoas sobre Evangeline. Meu avô achava que eu só estava desconfortável por ser uma pessoa nova e desconhecida e que, se eu desse uma chance a ela, veria que Evangeline era adorável. Minha avó gostava ainda mais dela, e passava os dias instruindo a moça e trocando histórias como se fossem mãe e filha. Quando falei que não gostava de Evangeline, ela assumiu que era apenas ciúmes e me assegurou que eu ainda era a sua preferida e sempre seria. Tentei até falar com o leiteiro sobre isso, mas ele olhou para a linda Evangeline e se apaixonou. Estava sem saber o que fazer e quase acreditei estar ficando louca e que todos estavam certos, eu era apenas uma criança com ciúmes de uma pessoa nova em meu território.

Todo domingo, nós íamos à missa na igreja da vila e isso não mudou com a presença de Evangeline. Eu sempre via como uma parte da rotina que envolvia sapatos apertados e

vestidos com rendas demais para não penicarem, mas que também servia como oportunidade para brincar com as crianças da vila que ficavam na praça após irem à igreja com as famílias.

Era lá que eu estava, brincando de amarelinha com um grupo de crianças da minha idade enquanto meus avós conversavam com seus amigos, quando um grito cortou pelo grupo de pessoas, fazendo todos se virarem na direção. Perto do centro da praça, uma criança pequena, com quatro anos no máximo, estava aos prantos, olhando confusa à sua volta e chamando pelos pais.

Evangeline foi a primeira a agir. Ela correu em direção da criança e agachou em sua frente, acariciando seu cabelo de maneira calmante.

— Qual é o problema, anjinho? Você se perdeu? — A criança assentiu com a cabeça, olhando para Evangeline com enormes olhos marejados.

— É uma das crianças da Abigail e do Carlos. — Alguém falou na multidão — Eles têm seis crianças e acabou de chegar um bebê, devem ter se esquecido de contar todo mundo. Eles moram na última casa da vila.

Evangeline se levantou, ajeitando o vestido e estendendo a sua mão para a criança.

— Vamos lá, pequenino, eu vou levá-lo para casa, tudo bem?

— Tem certeza? Está escurecendo já. Podemos ir com você. — Meu avô disse, apesar de soar excitante. Ele não gostava de andar no escuro, principalmente com uma criança.

— Ah, sim, ficarei bem. Eu gosto de andar e tenho certeza que não demorarei. Logo volto para a fazenda, não precisam me esperar. — Ela disse e, então, saiu com a criança em direção da sua casa e a multidão se dispersou.

Eu não vi quando ela chegou em casa. Apenas horas depois, um som alto me acordou. Eu olhei pela janela, mas não conseguia ver bem o que estava acontecendo, então decidi me esgueirar pela casa até a porta da frente, que estava aberta e exibia uma cena chocante.

Um grupo de pessoas furiosas estavam lá, à frente, uma mulher e um homem chorando e com seus rostos retorcidos de raiva. Dois policiais seguravam os braços de Evangeline, cujo vestido estava sujo de sangue fresco. Meus avós pareciam chocados e aterrorizados.

— Isso é verdade, Evangeline? — Minha avó perguntou. Ela não respondeu, apenas mostrava um sorriso distorcido.

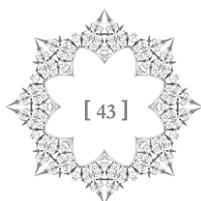
— É claro que é verdade! — A mulher chorando gritou, e consegui reconhecê-la como Abigail. — Ela matou meu bebê! Assassina!

Evangeline levantou os olhos e me notou escondida dentro da casa. O brilho amarelo doentio dos seus olhos parecia mais intenso que nunca, seu sorriso estava destorcido por dentes impossivelmente afiados. Sua aparência era faminta, descontrolada e ela parecia estar se deleitando com o caos. Meu avô percebeu que ela olhava algo e virou-se, me vendo nas sombras e empalidecendo.

— Corra, Clarisse, CORRA! — Eu cambaleei para trás, mas não conseguia tirar os olhos da cena que se desenrolava.

— Sim, garotinha, corra! — Evangeline gritou, entre gargalhadas que pareciam se transformar em rosnados.

Eu finalmente consegui me mexer e saí correndo sem olhar para trás, mal notando o caminho que estava tomando, enquanto as gargalhadas de Evangeline se dissolviam em uivos à luz da lua cheia.



APRESENTAMOS O CONTO

EU CREIO!

Por Ícaro Uriel Brito França

Sobre o autor: Escritor, poeta e pesquisador. Graduado em História pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM); em Pedagogia pela Faculdade Futura e em Letras Português/Inglês pelo Grupo Educacional IBRA. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Pesquisador sobre Literatura Gótica e expressões do Gótico na atualidade; Arte tumular e Causos de Assombrações como resgate da História e Memória da Cultura Popular.



Já dizia um ditado popular antigo: “quem conta um conto, aumenta um ponto”. Todavia, não é a todas as histórias que este dito pode aplicar-se. Porém, este conto trata-se de experiência própria. Eis aqui um conto autobiográfico que aqui vos apresento.

O ano era 2002 Na época eu era apenas um adolescente de uma cidade do interior de Minas Gerais, que buscava entender qual seu lugar no mundo. Foi nessa fase que conheci o Movimento Gótico em suas diversas manifestações artísticas, estéticas e comportamentais, podendo me identificar em vários pontos com o mesmo. Conheci outros jovens que também se identificavam com esta tribo urbana. Sempre, uma vez ao mês, combinávamos um encontro em um local que, para muitos, seria inusitado – no cemitério de nossa cidade. Um cemitério antigo, inaugurado nos idos de 1900. Um grupo de efebos indo à noite ao cemitério para beber vinho e discorrer sobre assuntos diversos, variando de filosofia, poesia, ocultismo, sobrenatural, entre outros temas ligados ao universo gótico. Nosso grupo tinha até nome — *The Lost Boys*. Sim, este era nosso momento de liberdade e plenitude, mesmo que muitos criticassem. Não fazíamos nada de ilegal e sempre respeitávamos o sepulcrário, inclusive nunca tivemos problemas nem mesmo com os coveiros, pois sabiam que não fazíamos nenhum mal ao patrimônio público ou privado.

Por mais estranho que esta atitude soe a muitos que lerem este conto, lá tínhamos uma sensação de liberdade, paz e tranquilidade únicas. Porém, um dia diferenciou-se. Neste dia, a pauta era “Poemas Ultrarromânticos”. Assim, recitávamos poesias deste gênero entre alguns copos de vinho e maços de cigarro. Lembro que recitei “Lembranças de morrer”, de Álvares de Azevedo. Posteriormente, em um dado momento, enquanto os demais continuavam ouvindo e recitando poemas, saí a andar pelos túmulos. Aprecio, ainda hoje, tais passeios pelos sepulcros, pois me fascina ler as frases das lápides e anotá-las. Há muitas interessantes, de grande sensibilidade poética.

Quando me dei conta, já estava na parte mais antiga da necrópole, onde ficam os primeiros túmulos de lá. Ao longe vi uma figura de sobretudo, que à primeira vista, me pareceu ser um gótico sentado próximo a um mausoléu. Possuía vestes bem excêntricas, lembrando roupas em estilo meio vitoriano, que nunca tinha visto antes presencialmente, a não ser nos filmes e séries hollywoodianos. Como os góticos não são muitos por aqui, cheguei mais próximo para ver de perto, se era mesmo alguém deste mundo. Constatei que era real, sendo um homem aparentando uma idade de uns 25 anos a 30 anos. De repente, o mesmo nota minha presença e me olha fixamente. Decidi me apresentar,

perguntando se o mesmo morava na cidade. Claro que tinha quase certeza que ele não era da cidade, mas precisava da confirmação. Antes de se apresentar, o próprio confirmou minhas suspeitas, dizendo não ser da cidade e que estaria apenas de passagem. Seu sotaque me chamou a atenção, num português enrolado.

Posteriormente, o mesmo disse-me seu nome. Era Alexei. Com este nome e pelo sotaque, logo pensei que era russo ou de outro país de origem eslava. Até mesmo seus traços físicos embasavam esta ideia. Após essa busca em decifrar aquele personagem incomum que punha em minha frente, iniciamos uma conversa.

Alexei mostrou-se bem culto e articulado em suas falas. Era profundo conhecedor de História. Eu disse que gostava muito da disciplina e que faria Licenciatura em História assim que terminasse o Ensino Médio. Ele me parabenizou pela escolha e disse que eu seria um bom historiador.

Sem perceber, a conversa foi para um lado mais esotérico digamos, pois acabamos falando sobre temas ligados ao ocultismo, sobrenatural, entrando também num assunto que sempre me fascinou - a Licantropia e o mito do lobisomem. Eu penso que ele deve ter lido meus pensamentos, pois parecia já me conhecer bem. Sou fascinado por histórias, causos, contos, livros, filmes, em suma tudo ligado ao universo dos lobisomens. Desde muito pequeno, adorava a chegada do inverno, pois ascendíamos uma fogueira na casa de meus avós maternos e meu falecido avô Miro sempre me contava causos sobrenaturais, sendo que a maioria era sobre lobisomens. Afirmava que tais seres existiam e que ele mesmo já os havia visto. Dizia-me que mal assombros sabem para quem aparecem e que um dia eu também os veria.

Num dado momento, entre uma conversa e outra, num rompante, Alexei disse que daria um presente a um futuro historiador e que era para eu me comprometer a estudar e compreender tais escritos. Retirou então de seu sobretudo um livro bem antigo, que parecia ser um diário, por estar escrito à mão. Disse que no futuro ele voltaria para me dar mais explicações e que por agora deveria saber só que eu, Theo, neto de Miro, era o escolhido para ficar com o livro.

Boquiaberto ao ouvir que ele conhecia meu avô e que provavelmente já me conhecia, apenas segurei o livro, olhando para o mesmo com emoções diversas, como espanto, medo, ansiedade, curiosidade. Isso era uma prova de que havia sim um mundo além da nossa compreensão e que a realidade não é tão sóbria e tediosa como

preconizava a racionalidade humana. Um silêncio se fez no local, até que Alexei o quebrou, pedindo um pouco de vinho. Eu disse que iria buscar e não me demoraria a volta.

Quando virei as costas, ouvi um barulho, ulteriormente vendo um ser com mais de dois metros, correndo em posição bípede, mas com traços de um enorme cão. Para mim só há uma explicação plausível pra aquilo — lobisomem! Antes do mesmo desaparecer entre os túmulos, lançou-me um olhar profundo e, para meu espanto, aquela criatura possuía os mesmos olhos de Alexei. Eis que a profecia de meu avô havia se realizado. Eu vi. Lobisomens são reais.

Sobre Alexei, nunca mais o vi. Todavia, traduzindo o início do livro-diário descobri mais sobre sua história:

“Escrevo nesta data, 29 de junho de 1827, apenas pelo fato de Morpheu ainda não me ter levado para o mundo, no qual governa. Assim, continuo nesta data, pois, apesar de ser já madrugada do dia ulterior ao da data que escrevo. Bem, a melancolia de dias se passando não é mais uma constante de meu ser. Vejo pela janela um cenário de uma noite de verão em Londres, na aurora da Era Vitoriana. Tudo isso é bem diferente do clima e do local de meus tempos de mocidade, antes de tudo ter ocorrido, antes da fera ser uma realidade em minha existência, nos tempos que eu era apenas humano e não uma excentricidade da natureza. Lembro bem dos momentos em que me pegava a pensar na vida, durante minha adolescência, nas noites de inverno no Palacete dos Volkov, em São Petersburgo. O pensamento de mais um dia findando-se, com a certeza de que seria menos um dia de vida, tão futilmente desperdiçado nos códigos de valores aristocráticos me pareciam um tanto fúteis e superficiais. Apenas tinha em mente: que, apesar de um dia a menos de vida, mais próximo estaria da liberdade que os estudos superiores me trariam. Uma temporada de estudos em Paris, a Cidade Luz, cosmopolita, onde tudo ocorria, como revoluções e valores novos que os burgueses traziam. Uma realidade muito além do horizonte de uma Rússia czarista e servil. Aguardava ansioso pela promessa de meu pai, que queria um filho douto formado nas melhores instituições ocidentais (...). A meu ver, a mortalidade era um castigo de Deus a Adão e Eva, por terem comido o fruto proibido. Bem, ao menos foi essa a conclusão dos longos sermões do padre Dimitri, durante as missas dominicais. Porém, a Família Volkov era conhecida por sua devoção e respeito à Igreja Católica Ortodoxa Russa e a seu patriarca. Ao menos deveria, para poder camuflar seu credo de origem a sete chaves. Afinal de contas, cristãos novos nunca poderiam ascender à Aristocracia Russa. E a Família Volkov sabia bem esconder seus costumes e origens em baixo de uma devoção

cristã deveras convincente. Nunca se soube em toda a Rússia do segredo dos Volkov, pois tempo e dinheiro se encarregaram de soterrá-lo bem. Explicações à parte, a mortalidade, além de um castigo divino, parecia a meu eu da mocidade como uma espécie de prisão humana. A única certeza humana que a ciência mostra absoluta. Ao certo pelo fato de não conhecer o mundo oculto dos seres da noite. Talvez seja essa a fascinação humana pelo mundo sobrenatural, por ser ele uma fuga de uma realidade mortal, finita (...). Morpheu findava o dia com a promessa de sonhos noturnos e com a certeza de que os homens possuem, ao amanhecer do despertar do sono, menos um dia e uma maior proximidade ao final da vida mortal. Enfim, fico preso a meus dois seres. Duas feras habitam em meu ser. A mais perigosa é a que pensa!"

Sobre o livro, bem, há muito a se estudar, traduzir e entender, mesmo após ter me formado historiador. Ainda há muito deste livro-diário a se decifrar. Muitas partes acredito que somente seu autor, Alexei, poderá explicar. Desde aquele dia não o encontrei mais. Já se passaram dezenove anos. Espero poder reencontrá-lo algum dia para que ele possa me esclarecer algumas dúvidas, independente de ele ser humano, licantropo ou mal assombro. O importante é que ele foi de grande influência para que eu me tornasse historiador.

Por fim, para que entendam um pouco a plenitude e complexidade deste livro, deixo aos leitores outro trecho do mesmo:

Agosto, 06, 1866

A quem busca a essência primitiva, um aviso!

Procure um senhor dos espíritos antes, pois os lobos trazem consigo a essência humana, seja boa ou ruim.

Se tiver a alma acalentada pela justiça, espíritos de antigos lobos da matilha do Norte habitarão seu corpo.

Se trevas habitam em seu ser, o Yenaldooshi surgirá e matará seus vínculos de amor. As consequências dessa vida o acompanharão em outras vidas!

(...)

Na primeira noite da lua grande, no meio tempo da escuridão da noite, o humano que aceitar as consequências de buscar sua essência lupina, um campo de terra descampado na floresta, recite:

"A primeira porta, a porta do nada, chamou de Sinnea!

A segunda, que conduzia ao infinito, à interface dimensional, chamou Umbra!

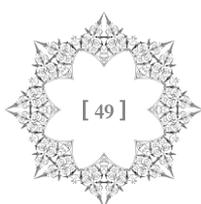
A terceira, que conduzia à perdição, chamou Limbo! Invoco agora, sobre terra, ar, água, fogo, abram-se!

Ao homem que busca a essência primordial do lobo, que sua pele se rasgue, seus ossos desloquem, seu espírito permute!

Oh lua, traga-me o Nagual, que habita meu peito!

Após um giro da lua, ele se fundirá a meu ser! A ele ofereço meu sangue (oferecendo o oficiante um pouco do sangue ao chão de terra ao olhar da lua). (...).”

Apenas um último aviso; não relatei o ritual por inteiro. Por quê? Tirem por si suas conclusões. Como dizia meu falecido avô, mal assombros sabem bem para quem aparecer. Talvez, um dia, você, caro leitor, também entenderá isso e poderá crer no sobrenatural. Eu creio!





APRESENTAMOS O CONTO
OS OLHOS DO DEMÔNIO

Por Ícaro Uriel Brito França

Sobre o autor: Escritor, poeta e pesquisador. Graduado em História pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM); em Pedagogia pela Faculdade Futura e em Letras Português/Inglês pelo Grupo Educacional IBRA. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Pesquisador sobre Literatura Gótica e expressões do Gótico na atualidade; Arte tumular e Causos de Assombrações como resgate da História e Memória da Cultura Popular.

Como disse uma vez o poeta; “meu filho vai ter nome de santo” (...). Mas, apenas um nome santo pode quebrar um pacto junto ao demônio?

Há tempos atrás, num hotel da cidade histórica de Ouro Preto, entre serras e neblinas, num clima de montanhas do sul de Minas Gerais, entre uma paisagem contrastante por cerrado, candeias, campos rupestres, mata atlântica e araucárias, há uma história contada sobre uma família que habitou a região nos tempos de colônia.

Entre arabescos, mobiliário clássico e imagens barrocas, onde hoje funciona uma certa albergaria, há a lenda dos “olhos do demônio”.

Apesar do que dizem os moradores, principalmente os mais velhos, essa personagem quase que folclórica teve sim um nome. Beatriz, filha única de um grande comerciante, tido na época por contrabandista de diamantes e escravos, era portadora de inigualável beleza. Seu pai, Dom Phillippe Bueno, oriundo da antiga colônia do Santíssimo Sacramento, era conhecido, pelas terras ao sul próximas do Vice Reino do Prata, como o *el diablo rubio*, devido à cor aloirada de seus longos cabelos. Dom Phillippe recebeu essa alcunha por sua extrema maldade para com os negros e indígenas que capturava para comercialização. Dizia-se que o mesmo, antes de assassinar suas vítimas, olhava profundamente bem nos olhos das vítimas para capturar suas almas para o demônio. Relata-se que o homem era praticante de magia das trevas e que, inclusive, bebia um cálice do sangue ainda quente de suas vítimas. Tinha ainda um caráter libidinoso, com traços de devassidão, corrupção e comércios escusos. Seus ilícitos renderam-lhe considerável fortuna, mas também diversas denúncias e perseguições por partes da Coroa e do Tribunal do Santo Ofício, que o fez desaparecer como névoa, da noite para o dia, da colônia de Sacramento, chegando no ano de 1722 à região aurífera mineira, através de contatos e cobranças de favores de sua antiga clientela.

Chegando em Vila Rica, buscou mudar de vida, enterrando de vez *el diablo rubio*, passando a ser conhecido por Dom Phillippe de Mendonça. Comprara, por meio de ouro e diamantes uma vida, desta vez honesta e honrada. Para sacramentar sua nova fase, casou-se com Dona Lígia Correa, de família aristocrática, possuidora de grande beleza. Seus olhos verdes marcantes e profundos conseguiram dar paz à alma atormentada do diabo loiro. Por ela, tornou-se um homem de bem, dono de uma companhia de comércio, que abastecia a região aurífera da Minas, com produtos alimentícios.

Logo no primeiro ano de casamento, Dona Lígia engravidou e, dessa gestação, nasceu uma bela menina dos olhos claros, como os da mãe, progênita da Casa dos

Mendonça, herdeira da mesma tonalidade capilar de seu pai, recebendo o nome Beatriz, em homenagem a Santa Beatriz, da qual sua mãe era devota. Em homenagem à alegria que a esposa o dera, Phillipe, que tinha dom especial para as artes, principalmente a escultura, talhou, em mármore, uma estátua de sua amada. Era em tamanho natural, retratando sua mulher, com pureza quase que sacramental.

Porém, a felicidade eterna não era prometido ao diabo. Hora ou outra o preço por cada ato profano teria paga e isso seria seu anátema. Ainda durante a infância de Beatriz, Dona Lígia adoentou-se e, em poucos meses, definhou-se aos olhos de todos. Sua pele amarelada, grudada aos ossos, sem vida, além da perda de cabelos, unhas quebradiças, deu à bela mulher traços cadavéricos e decrépitos. Da bela ninfa por quem Phillipe se apaixonara sobrara apenas os belos olhos verdes profundos, como duas esmeraldas, agora somente iluminados pelo brilho da morte.

Não tardou muito, sua mulher fez a passagem para o mundo de Hades, na noite da data em homenagem a Nossa Senhora do Pilar, padroeira de Vila Rica. As orações dos padres, a pajelança dos índios, o culto dos negros, nada fez efeito para trazer de volta a saúde de Dona Lígia. Essa dor excruciante quebrou as amarras que prendiam o diabo que habitava em seu ser. O então homem de bem não mais sorriu. Falava o necessário, passando a ter um prazer quase que insano em maltratar e torturar seus criados. Ninguém mais o reconhecia. Barba e cabelos sem corte e muito longos, olhar perturbado e semblante causticante.

Passava a noite toda talhando e fazendo reparos na estátua de Lígia, que, para o mesmo, nunca estava perfeita para retratar a beleza da mulher. Ao mesmo, os olhos da estátua nunca estavam perfeitos, à altura dos originais. Não ligava mais para a família, para os negócios, para nada. Alienou-se do mundo. Inclusive, certa vez, logo após o falecimento da esposa, sua sepultura fora violada, tendo sido levados os olhos da finada. Porém, o recém-viúvo se quer deu atenção ao fato. Parecia estar em um transe doentio, tendo apenas olhos para a estátua.

Logo, Don Phillipe não tinha mais condições para cuidar de Beatriz, tendo sido chamada Dona Urraca, irmã mais velha de Lígia, solteirona, para auxiliar na criação da menina. Também, junto à família, veio morar na casa os gatos de estimação da senhora, apaixonada por felinos.

Urraca deu à sobrinha a educação primordial que toda moça católica, de boa família de Vila Rica tinha. Ensinou bordados, cuidados e afazeres de casa. Sempre a levava à

missa e às novenas nas casas das senhoras de boa família. Beatriz nunca questionava e nem era mal criada com a tia, porém tinha o hábito estranho de observar o pai castigando os empregados. Era o único instante que se podia notar traços de sorrisos em sua face. Um sorriso, ao mesmo tempo, angelical e demoníaco. A menina era educada, bela, com os olhos da mãe, porém trazia a escuridão do pai nos mesmos.

Já, seu pai vivia ainda na ilusão de que Lígia ainda existia naquela casa, sempre exigindo que os criados pusessem seu lugar à mesa e, caso não o fizessem, eram punidos. Essa nova condição, um tanto excêntrica e sombria, deu fama à Casa dos Mendonça. Na realidade, uma má fama, surgindo estórias e mexericos de que lá eram praticados rituais de feitiçaria. Por muitas vezes, o grupo de beatas, amigas de Urraca, aconselhou que abandonasse a casa. Todavia, a senhora se irritava e ameaçava levar o caso dos maldizeres ao pároco da Igreja Matriz, silenciando a todos. Urraca era muito respeitada, sendo tida por autoritária e rabugenta por alguns. Ainda, sua família era tradicional, tendo bons olhos à Casa Real Portuguesa.

Por quinze anos, os ventos de calma cuidaram de soprar pela pacata Vila Rica. Porém, essa calma cessou-se, pois o local fora assolado por assassinatos. Sempre os corpos apareciam degolados e sem os olhos. Durante, ao menos uma noite, em período de quaresma, aparecia um corpo encontrado dessa forma. Isso assustava muito os habitantes do local, temerários pela segurança de suas famílias. Logo, o principal suspeito passou a ser Phillipe, mas, sempre, por intercessão da família de Urraca, as conversas e acusações eram abafadas. No entanto, tudo mudou após a morte de Amália, uma jovem de dezesseis anos, também de olhos verdes, de família influente na colônia e em Portugal. Logo, o capitão-mor da vila recebeu ordens do governador geral para a prisão de Dom Phillipe, principal suspeito. E assim foi feito.

Por ironia do destino, numa noite de Nossa Senhora do Pilar, o Casarão dos Mendonça foi invadido, o patriarca fora detido e o local revistado. E eis uma surpresa: numa urna lacrada, aos pés da estátua, que parecia um retrato vivo da própria Lígia, havia um par de olhos verdes, que pareciam os de Amália, preservados em perfeito estado. O fato foi considerado assombroso para a vila, sendo o homem ligado a rituais demoníacos de feitiçaria.

Dom Phillipe fora entregue ao Santo Ofício, tendo mais tarde sua real identidade revelada. Finalmente, *el diablo rubio* fora julgado e enviado para a Corte, entregue à Inquisição. Seus atos foram julgados. Ele foi condenado pela morte da jovem e por praticar

atos contra a fé católica e aos dogmas da fé cristã, visto como praticante de feitiçaria e adorador do diabo. Recebeu a sentença de pena capital. Por ironia ou má sorte, *el diablo* teve sua execução realizada na data em homenagem à padroeira de Vila Rica. Morreu dizendo apenas uma frase: “Lígia precisa voltar a ter brilho nos olhos; os olhos de Equidna estão frios; não deixe que Medusa, a ninfa bebê de gênio violento, incapaz de amar, devoradora de pessoas, se aproximar dos olhos de Lígia. Ela recebeu os olhos do diabo como punição de meus pecados. É tudo culpa minha”. Muitos afirmaram que a loucura consumira suas entranhas e a consciência sobre suas maldades o corroeram.

Em Vila Rica, o mesmo ganhara nova alcunha. Assim como Átila, o huno, passou a ser conhecido como “o flagelo de Deus”, enterrando de vez a alcunha de “*el diablo rubio*”.

Na época da execução do pai, Beatriz tinha seus dezessete anos. Muito reservada, e preservada do contato maledicente da província, vivia quase que enclausurada sob a supervisão de sua tia Urraca, tendo contato apenas com os empregados e professores que a visitavam, além das poucas visitas do padre. Até mesmo o homem de Deus ia poucas vezes visitá-la, por não se sentir bem na residência.

Logo após a prisão e morte de Phillipe, Urraca ordenou que a estátua de Lígia fosse colocada no sótão e tampada com um tecido negro, para não ser vista mais. Ela apenas não se livrou do objeto por ser uma representação de sua irmã. Porém, causava-lhe pavor aquela estátua. Arrepiava-se toda ao saber que foram arrancados os olhos de Amália e oferecidos àquela imagem. Proibira todos na casa se quer de citarem o nome do cunhado, além de sempre vestir-se de preto, obrigando também Beatriz a vestir-se da mesma forma, demonstrando luto e resignação perante aquela sociedade que as renegava.

Beatriz era sempre bem vestida, com os longos cabelos loiros bem penteados. As vestes pretas davam um belo contraste com os sedosos cabelos claros e a pele muito branca, além de um camafeu de esmeralda que carregava em seu colo (de sua falecida mãe), dado por sua tia quando fizera quinze anos, que destacava ainda mais o verde intenso de seus olhos.

A moça era calada e mal conversava com a tia. Em contrapartida, Urraca evitava, quase sempre, falar com a sobrinha, pois, apesar dos olhos da mãe, trazia no olhar algo de ruim. A senhora sempre comparava seu olhar ao de uma jiboia à espreita de um camundongo. Numa noite muito fria de quaresma a vila voltou sua atenção novamente a um fato: o corpo de um velho cocheiro fora encontrado sem os glóbulos oculares, assim como os assassinatos de um ano atrás.

Infelizmente, aquele não fora único. Mais quatro morte ocorreram ao longo desse período. A população estava tão amedrontada que muitos falaram ser o próprio Dom Phillipe que retornara do inferno para se vingar.

Urraca, com medo de possíveis ataques, não saía mais de casa, nem para ir às missas, contratando feitores e capitães do mato para realizarem vigília da casa dia e noite. Além da criadagem, ficavam em casa apenas a senhora, Beatriz e os gatos. Urraca tinha uma velha superstição de família — acreditava que gatos espantavam maus espíritos.

Os gatos, geralmente, ficavam mais próximos da beata, mas sempre empreendiam fuga quando a moça chegava. Isto deixava a velha e supersticiosa senhora atônica, passando a mesma a se sentir insegura perto da sobrinha. Mas, pensava: “Não, são apenas sandices”.

Num dia, próximo à Páscoa, um dos gatos, um de cor amarela, que dormia sempre aos pés da senhora, havia sumido. Urraca o procurou por toda a casa, mas sem êxito. Nesse dia, antes de deitar-se, ela realizou sua ronda costumeira por toda a casa, verificando se tudo corria bem, até que observou gotas vermelhas próximas à escada que dava entrada ao sótão. Olhou, tocou, cheirou aquela substância, vindo-lhe um cheiro ferroso às narinas. Não havia dúvidas. Aquilo era sangue. Apavorada, subiu as escadas, com o coração quase saindo pela boca e as pernas bambas.

No sótão, em frente à estátua de Lígia, uma poça de sangue. Mesmo com certo receio, descobriu o véu e seus olhos viram a cena mais macabra de toda sua longa vida. A estátua da irmã estava rodeada por olhos humanos a seus pés, além do corpo já sem vida do gato amarelo.

De um canto do sótão, Beatriz, em espécie de transe, dizia:

— Mamãe precisa de companhia, estava muito sozinha. Fiquei com medo dela ir embora novamente. Depois que o papai nos abandonou, estava muito triste. A senhora viu titia? Mamãe gosta tanto do gatinho, que resolvi deixar ele sempre a seu lado.

Diante de tal revelação, Urraca, atônita, sentiu uma forte dor no lado esquerdo do peito. Era tão excruciante que não mais se aguentou em pé, tombando, desfalecendo, até perder os sentidos. Como num sopro gelado, seu coração parou, exalando a senhora seu último suspiro. Seu rosto revelava a face do espanto de ter visto os olhos do próprio demônio.

Vendo a tia já sem vida, prostrou-se deitada ao lado da mesma, repetindo bem baixinho uma canção de ninar, que Urraca cantava, ao colocá-la para dormir, em sua primeira infância:

— Não chore, menino.

Não chore meu amor.

Que a faca que corta

Dá golpe sem dor.

Os empregados, vendo barulhos estranhos, correram para o sótão e, ao se depararem com a cena, correram para fora pedindo ajuda. Logo, uma multidão começou a se aglomerar nas portas da casa dos Mendonça.

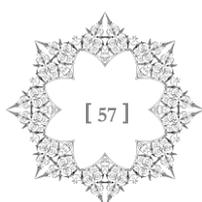
Todavia, a jovem, percebendo que poderia ser capturada, levantou-se e, com um candelabro de velas acesas em sua mão, dá uma última olhada pela janela, fitando a multidão que se formava. Deu um aceno a todos, fez o sinal da cruz, costume que aprendera a fazer antes de dormir, e colocou fogo nas cortinas, tapetes e demais objetos. Logo, o casarão colonial de madeira ardia em chamas. A vila assistiu boqueaberta o imóvel arder em chamas, até chegarem homens da guarda, para intercederem.

Foram encontrados os corpos de Urraca e Beatriz. Também, foram encontrados os corpos de dois guardas, que morreram quando uma viga de madeira despencou, derrubando o teto do primeiro andar. Ainda, dentre os destroços do incêndio, fora encontrada uma carta, assinada pelo próprio Don Phillipe, com os dizeres:

“Eu, Phillipe Bueno, conhecido nestas terras por Dom Phillipe de Mendonça, nascido na colônia do Santíssimo Sacramento, membro da Casa Bueno, oriunda da cidade de Ourense, conhecida como cidade das Burgas, no ano 1692, confesso, nessa escrita, em busca de um pouco de paz para minha alma. Eu fiz fortuna como traficante de diamantes, africanos e apresamento de negros da terra. Matei, roubei, adulterei, fiz tudo que poderia ter feito o caminho da mão esquerda. O anjo da morte sorriu para mim muitas vezes, mas nunca conseguia me levar, pois ele não poderia levar uma alma que não pertence aos céus. Sim, tempos atrás, buscando poder e riqueza, além de vingança aos que mataram minha família, entreguei minha alma ao demônio, junto a um ritual antigo, feito por um feiticeiro. O diabo, em troca, pediu meu primeiro filho. Como pensei que nunca teria família, concordei. A partir daí, recebi a alcunha de “el diablo rubio”, dada pelos jesuítas espanhóis dos povos das missões. Mas, o destino pregou-me uma baila. Conhecer Lígia foi a maior

dádiva de minha vida. Sempre dava, de forma sorrateira, às escuras, ervas dos curandeiros da mata a ela, evitando que engravidasse. O destino, entretanto, causou-me uma peça. Nem mesmos as ervas surtiram efeito nos domínios do demônio, tendo Lígia dado à luz a uma menina. Na noite que Beatriz nasceu, queria eu ter tido a coragem de sufocá-la com minhas próprias mãos, mas não consegui, quando vi nela os olhos de Lígia. (...) Quando minha mulher morreu, vi que os céus me castigaram pelo que fiz. A imagem de Lígia na estátua era a única forma de acalmar, acalantar meu coração. (...) Ao longo dos anos, vendo Beatriz crescer, podia observar a escuridão em seus olhos. Com seus primeiros dez anos a vi arrancar os primeiros olhos, que eram de um pombo desafortunado. (...) Não sei se estou ficando louco, mas há horas que minha mente some num vazio, recobrando os sentidos apenas dias depois, após terem ocorrido os assassinatos. Não sei o que se passa, se fui adormecido ou se estou enlouquecendo. Escrevo hoje esse relato, pois acredito que logo o senhor das sombras virá buscar-me. Vejo a alma de minha esposa entristecida, sempre em prantos durante meus sonhos. Minha alma também chora. Apenas uma frase que o vento sussurra, repetidamente, sobre a volta da felicidade: Nunca mais! Nunca mais! Nunca mais! Não sei se tenho ainda minha sanidade mental, mas os olhos de Beatriz não são mais os de Lígia, são os do próprio demônio!”

Anos depois, o casarão foi restaurado e muitas partes refeitas, passando a funcionar um hotel no antigo Casarão dos Mendonça. Todavia, ao longo dos anos, há vários relatos de hóspedes e transeuntes de passagem pelo local que dizem ter visto dois olhos esverdeados da janela do sótão do local. Olhos sombrios, sinistros, os “olhos do demônio”!



APRESENTAMOS O CONTO

O CASARÃO

Por Iraci José Marin

Sobre o autor: Professor aposentado (RS) e advogado em Caxias do Sul- RS. Faz parte do Conselho Gestor do Ponto de Cultura Casa das Etnias e do Conselho Comunitário da Representação Central da Comunidade Brasileiro-Polonesa do Brasil (Braspol). Coautor do livro "Histórias de Caxias do Sul" (2010); autor de "Imigrantes poloneses afundados num mar italiano" (2014), "A Polônia e os poloneses" (2019) - obras de pesquisa. Na ficção, publicou: "À margem do rio" (2015), "Conrado" (2017) e "A invasão" (2019). No prelo, "Histórias de ontem".

Numa noite de antigamente, encontrava-me no meio de alguns adultos no pátio da casa e ao redor de um fogo de chão. Eles contavam muitas histórias misturadas. Eram histórias ouvidas dos avós, que agora recontavam.

Lembro-me de uma que falava de um casarão velho e descolorido que existia em algum lugar que até hoje não consegui identificar. Estava com portas e janelas sempre trancadas e ninguém sabia ao certo o que existia ou o que se passava por trás daquelas paredes. Afirmavam, também, que não se ouvia barulho algum vindo de dentro, nem conversa, ou arrastar de cadeiras, ou cheiro ruim. Era uma casa vazia e enigmática, diziam na pequena vila. Mas alguns comentavam que era mal-assombrada.

Houve poucas tentativas de entrar nela, forçando porta ou janela, ou pelo telhado. Foi isto que fizeram uns corajosos e inocentes garotos. Mas mal tinham tirado algumas telhas de barro do telhado, abrindo um buraco por onde podiam entrar no sótão e vasculhar o casarão, ouviram um barulho medonho, muito forte, de estourar as paredes. Assustados e apavorados, pularam do telhado e fugiram.

No outro dia, foram continuar a aventura, mas... não tinha mais o buraco no telhado. Retornaram, medrosamente surpresos, noticiando na vila que a casa enigmática era morada de fantasmas.

Alguns dias após, alguém afirmou ter visto um velho corcunda caminhando rente à parede. Era de dia, mas dava a impressão de que ele queria se esconder na sombra da casa para não ser visto.

Depois dessa vez, outro afirmou que um velho magro e alto caminhava ligeiro até o quintal e retornava em seguida com galhos secos nos braços.

Um terceiro disse que ficou um dia inteiro na espreita e então viu um homem, nem moço, nem velho, que foi até o forno. Estava anoitecendo e ele não conseguiu divisar bem se era massa de pão que o homem levava na bacia de cobre ou a cabeça de um bezerro - e a imagem na minha cabeça sugeria que era outra coisa, talvez uma perna ou um braço humano.

Estes episódios aceleraram o medo e a angústia daquela gente.

O casarão fora construído distante da vila, numa clareira pequena da floresta. Ficava isolado. Não havia caminho que levasse até o prédio, apenas uma trilha no meio da mataria. Ninguém sabia nada com certeza a respeito do prédio, nem do abandono. Vagamente, um ou outro informava que tinha sido construído no século passado e que os

moradores, um dia, abandonaram-no sem levar nada de dentro. O casarão virou um grande mistério e ninguém estava com coragem para desvendá-lo.

O tempo passou e a preocupação aumentou.

Decidiram fazer uma reunião. Após exaustivas discussões e inumeráveis martelinhos de pinga, decidiram que era um caso típico de bruxaria.

O padre foi convocado para expulsar do casarão o bruxo, com suas bênçãos, ou que ele secasse lá dentro. Rezando em voz alta, numa língua que ninguém entendia, ele atirou água benta contra o prédio. Caminhava ao redor dele, acompanhado de várias pessoas com cassetetes e medo. Foram muitas voltas ao redor do prédio e tantas bênçãos que a água benta acabou.

Chamaram também um pastor, que costumava pregar no porão de uma casa afastada da vila. Ele chegou engravatado e começou a pregar aos gritos, conclamando a mulher, os dois filhos e os três fiéis que o acompanhavam a levantarem seus braços para os céus, pedindo clemência ao todo-poderoso. Ordenou que repetissem a reza que fazia; seus acompanhantes assim fizeram, em altas e descontraídas vozes.

Para surpresa geral, as manifestações de bruxaria — barulhos, gritos loucos, estranhas aparições noturnas — começaram a aparecer, o que não acontecia antes. Não sei se foi invenção do homem que contava a história, ou se de fato isto se deu assim.

Uns passaram a afirmar que as bênçãos e rezas acordaram de vez o bruxo. Outros, que as bênçãos e rezas tinham dado resultado contrário. Outros tantos respondiam que aquelas afirmações eram pura maldade.

Um morador da colônia revelou que ouvia o pessoal da vila falar a respeito, mas não acreditava que tivesse bruxaria no casarão. Como seus interlocutores insistissem que era verdade, decidiu ir até lá, ele mesmo, para tirar as dúvidas. Foi, mas ficou distante, entre as árvores. Mesmo de longe, sentiu um cheiro azedo de doer o nariz e uns gritos agoniados, como de alma penada. Retornou assegurando, com convicção, que o casarão era uma legítima casa dos espíritos.

As opiniões dos moradores da vila eram diversas. Uns garantiam que não iam botar nunca os pés nem perto do casarão. Outros se encorajavam a visitá-lo e até entrar nele; para estes, seria uma aventura; para os primeiros, era audácia temerária.

O homem que contava a história não disse se alguém foi até a casa. A história pulou para uma noite de chuva forte, com muitos relâmpagos e trovões. Os moradores se esconderam em suas casas e todos os barulhos eram estranhos e pavorosos.

Passada a noite e o tempo ruim, alguém viu fumaça saindo pela chaminé do casarão. Era mais um sinal de fantasma habitando-o. Um sugeriu a medida extrema da destruição, afinal não era de ninguém e só atrapalhava o sossego deles. Outro ponderou para ficarem de tocaia, primeiro, observando se algum vivo aparecia. E assim fizeram.

Reuniram-se em pequenos grupos atrás de árvores, ao redor do prédio, desde cedo. De repente, a porta da frente se abriu e apareceu um homem baixinho, de postura ereta e ar rebarbativo. Aumentou a expectativa medrosa daquela gente. O homem olhou ao redor, espreguiçou-se e, deixando a porta aberta, entrou na casa; logo, todas as janelas se abriram misteriosamente.

A surpresa foi geral. As incertezas e o medo também. Estariam eles diante de um fantasma que virou homem? “É possível isto acontecer?” — então perguntou alguém, e outro respondeu que com fantasma tudo era possível.

Alguns se encorajaram e foram até bem perto do casarão. Retornaram, depois de um tempo, afirmando que estava tudo em ordem e que não viram nada de extraordinário. Retornaram para suas casas no final do dia, com alguma tranquilidade e ainda muitas dúvidas.

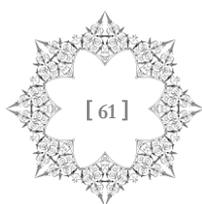
Porém, no meio da noite, o sossego foi interrompido. Pequenos relâmpagos de luz azulada, acompanhada de um barulho surdo, começaram a aparecer por cima das árvores. Um, metido a sabido, informou que aquilo não era nada mais do que fogo-fátuo. Ninguém lhe deu crédito. Só podia ser assombração: aquelas luzes saíam justamente de onde se localizava o casarão.

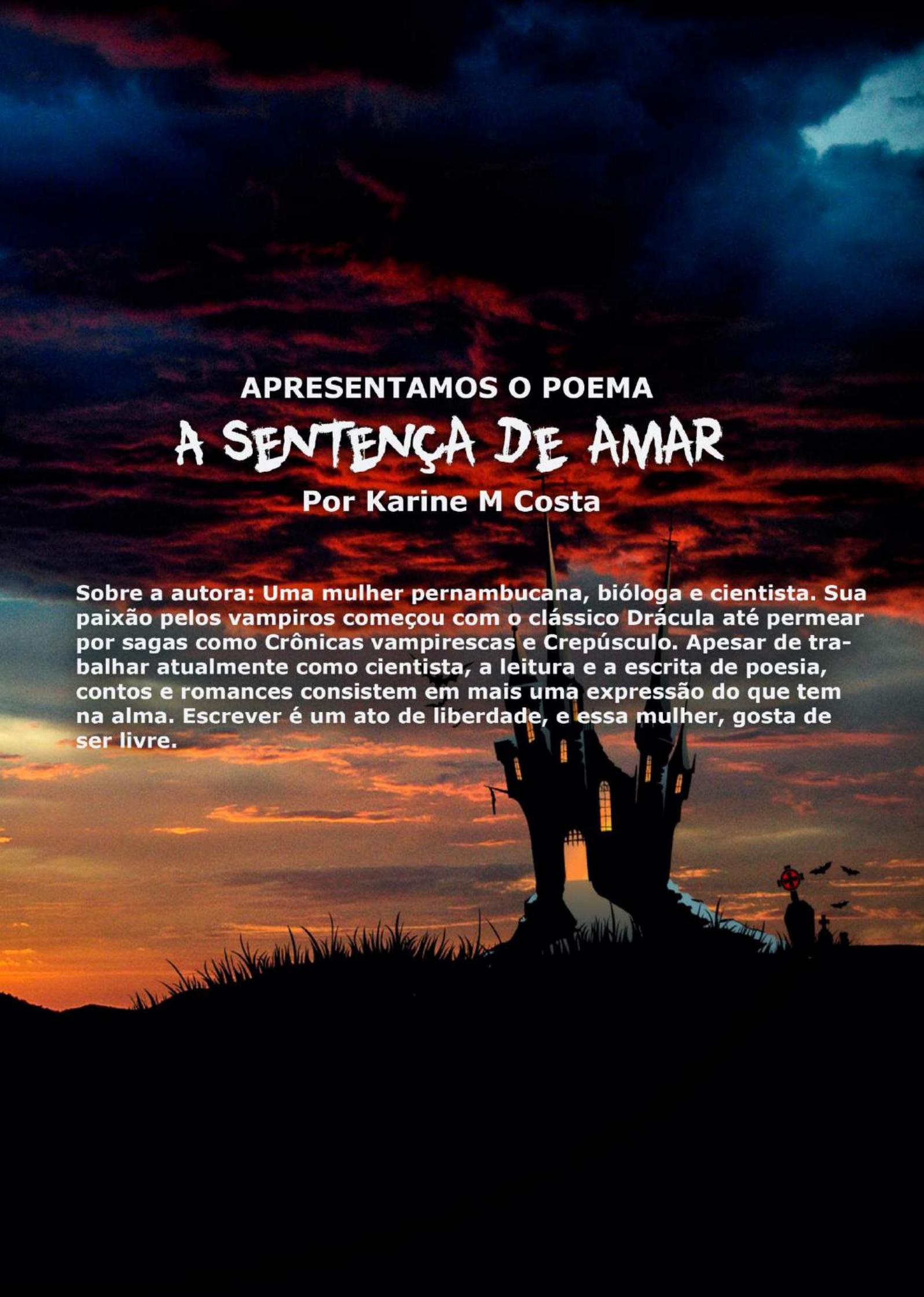
Os raios azulados que subiam da terra aos céus continuaram a aparecer, noite após noite, apavorando todo mundo na vila. Já não dormiam, de puro medo. Vários foram morar com parentes em outras vilas ou na colônia.

A certeza geral era de assombração medonha, mas alguns afirmavam que aquilo era maldição que caía sobre eles.

Numa certa noite, porém, os raios luminosos cessaram e nenhum som estranho foi ouvido. A noite passou calmamente. Foi uma surpresa geral, e um certo alívio tomou conta deles.

Então resolveram ir até o casarão, na manhã do outro dia, com toda a precaução. De repente, pararam estupefatos, sem acreditar no que viam. O casarão tinha desaparecido por completo e no lugar dele tinha só um vasto gramado.





APRESENTAMOS O POEMA

A SENTENÇA DE AMAR

Por Karine M Costa

Sobre a autora: Uma mulher pernambucana, bióloga e cientista. Sua paixão pelos vampiros começou com o clássico Drácula até permear por sagas como Crônicas vampírescas e Crepúsculo. Apesar de trabalhar atualmente como cientista, a leitura e a escrita de poesia, contos e romances consistem em mais uma expressão do que tem na alma. Escrever é um ato de liberdade, e essa mulher, gosta de ser livre.

Acordei na madrugada,
E olhei pela janela enquanto,
Iluminado pelo brilho da lua,
Você decidido caminhava.
Lembro que deixei a porta trancada,
Mas, isso não te impede de entrar em casa.

Eu sei o que você veio fazer,
Veio me silenciar,
Sinto calafrios no meu corpo,
Impotência diante da sentença,
Irrevogável mesmo com o meu choro.

Como foi que ficamos assim?
Por que você decidiu me matar?
Não acho justo você acabar com tudo.
Mesmo tendo me avisado,
Me alertado para parar.

Eu descobri seu segredo,
Você não tem alma,
Você toma sangue,
Você não tem medo.
Amar um demônio,

É o motivo de meu desespero.

Eu mereço morrer,
Para mim não há perdão,
Desde que ingênua te amei,
Entreguei ao diabo,
O meu nobre coração.

Você me disse para parar,
Mas, não consegui me calar.
Vendo todas as noites você sair,
Em busca de inocentes,
Que deste mundo iriam partir.

Tentei alertar a todos,
E você ria diante de tudo,
Confiante de que eu havia escolhido,
Revelando o seu segredo,
Dormir em meu próprio túmulo.

Ouçó seus passos no corredor,
Agora você sobe as escadas,
Enfiarei essa faca no peito,
É tarde, eu decidi!

Você me encontrará morta no leito.

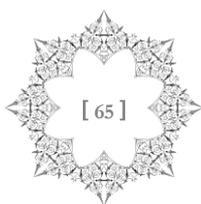
Te poupei de me olhar,

E se livrar de mim com as próprias mãos,

Eu te amei, isso é fato,

Mas, agora não me resta nada,

A não ser morrer nesta fria madrugada.



APRESENTAMOS O POEMA

ASSOMBRAÇÃO

Por Marinalva Mabel

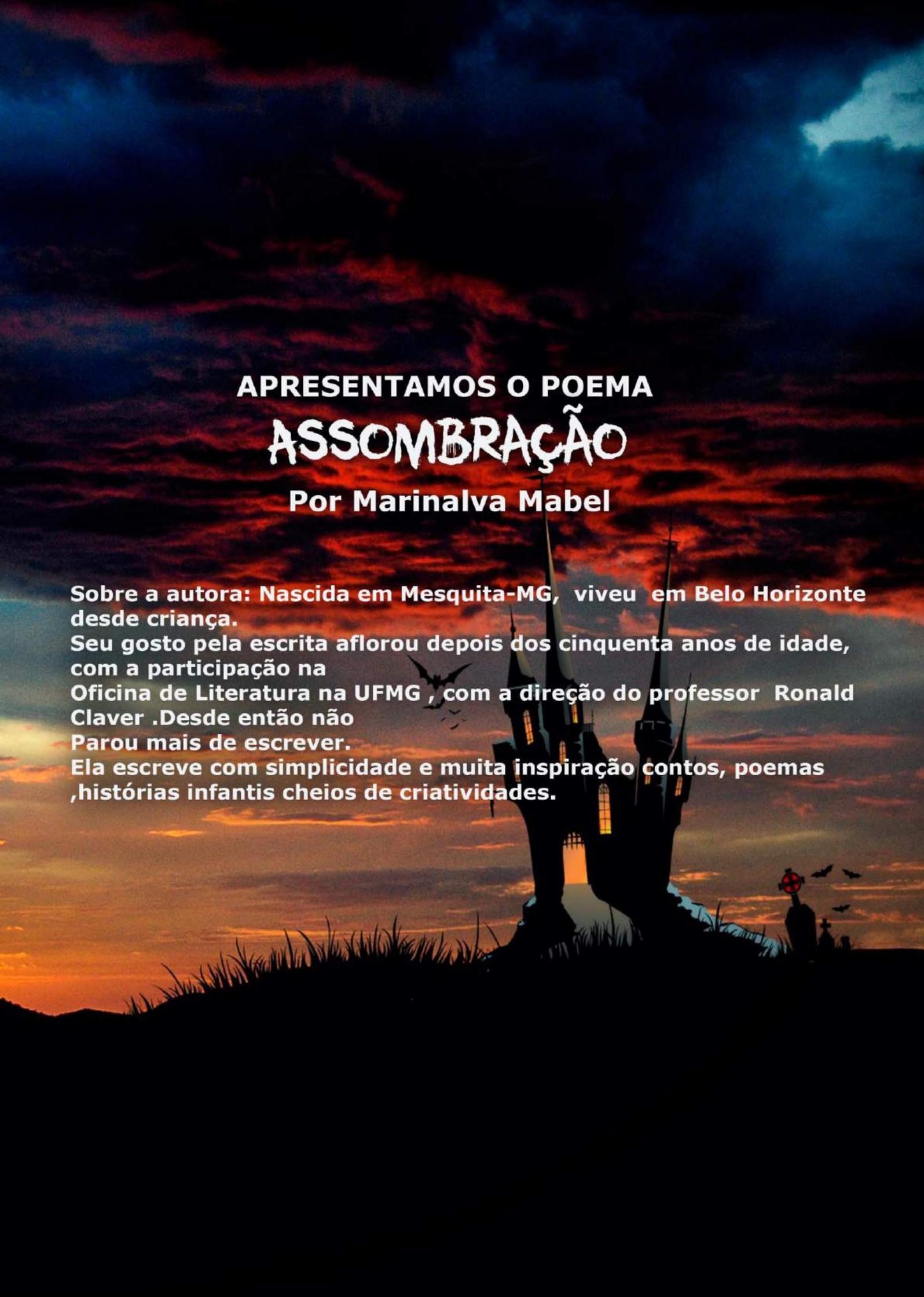
Sobre a autora: Nascida em Mesquita-MG, viveu em Belo Horizonte desde criança.

Seu gosto pela escrita aflorou depois dos cinquenta anos de idade, com a participação na

Oficina de Literatura na UFMG , com a direção do professor Ronald Claver .Desde então não

Parou mais de escrever.

Ela escreve com simplicidade e muita inspiração contos, poemas ,histórias infantis cheios de criatividade.



Será que existe assombração ou é lenda?

Não sei se acredito ou não!

No interior de Minas Gerais na cidade de Nazareno, muito simples,

As pessoas a noite não saiam de casa com medo de assombração.

Assim que escurecia ela aparecia!

Fazia um barulho que nem vento de chuva! Algumas pessoas querendo ser valentes ficavam na espreita esperando a assombração.

Assim que ouviam o barulho aproximando corriam e até caíam de medo!

E assim era...

Até que chamaram um padre para exorcizar, pediram que colocasse na água um cheiro bem forte para jogar na assombração.

O padre concordou.

Foi para a igreja providenciar tudo.

Chegou a noite, o padre escondido, ouviu um barulho parecendo de chuva

Assim que a assombração apareceu ele jogou a água com creolina! E a assombração começou a tossir!

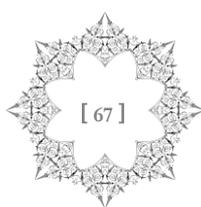
Sem fôlego caiu no chão!

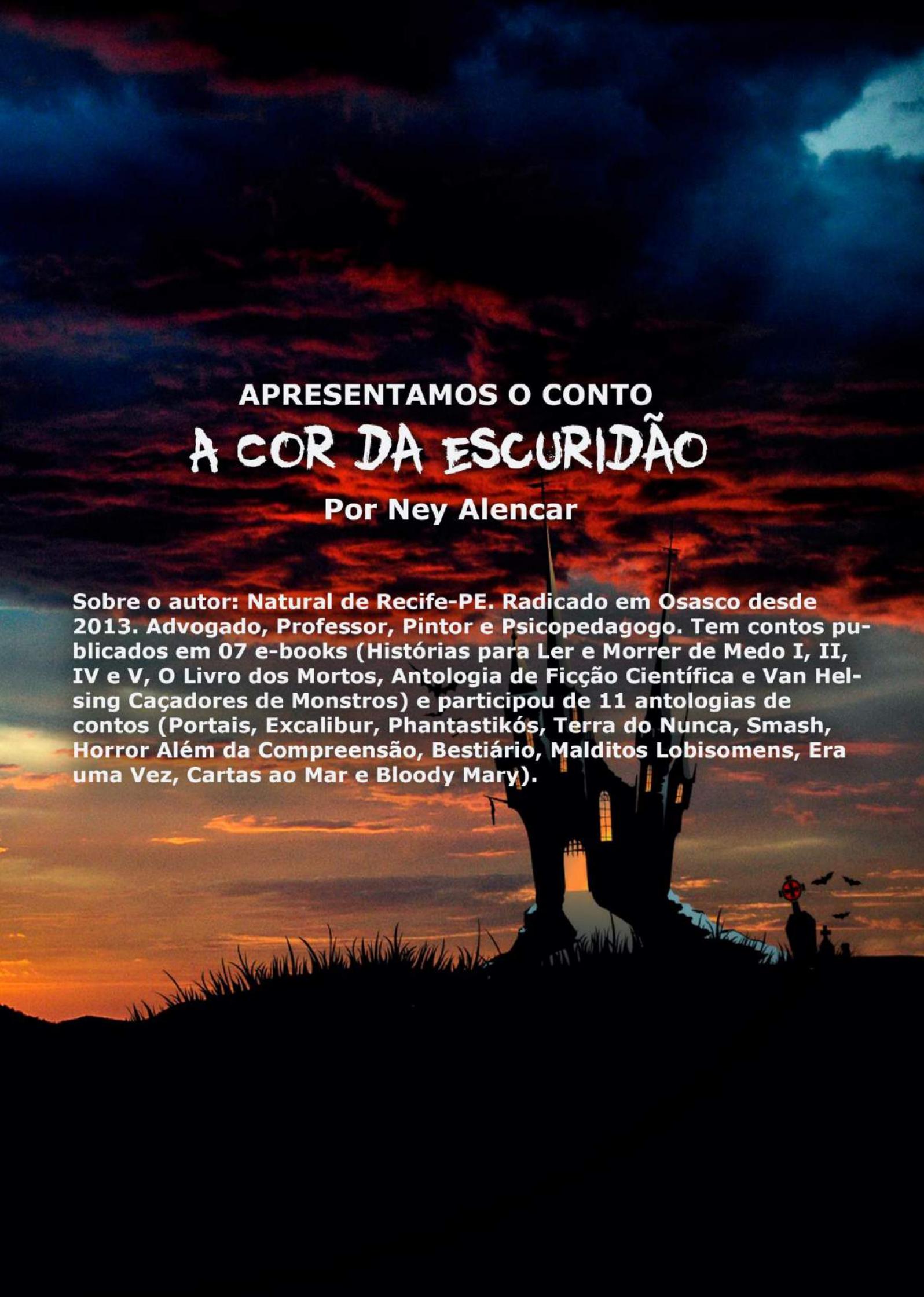
E para surpresa do padre, era o Zé do Bode, que vestia a fantasia sem ninguém desconfiar!

O padre chamou todos da cidade e mostrou a assombração!

Coitado! Foi escoltado para casa

Pois todos queriam lhe dar uma surra!





APRESENTAMOS O CONTO
A COR DA ESCURIDÃO

Por Ney Alencar

Sobre o autor: Natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Advogado, Professor, Pintor e Psicopedagogo. Tem contos publicados em 07 e-books (Histórias para Ler e Morrer de Medo I, II, IV e V, O Livro dos Mortos, Antologia de Ficção Científica e Van Helsing Caçadores de Monstros) e participou de 11 antologias de contos (Portais, Excalibur, Phantastikós, Terra do Nunca, Smash, Horror Além da Compreensão, Bestiário, Malditos Lobisomens, Era uma Vez, Cartas ao Mar e Bloody Mary).

Verão.

Algo se movia pelo sopé das Montanhas Rochosas, algo matreiro e faminto! A coisa parou perto de um riacho e bebeu, depois sentiu o ar ao seu redor. Havia presas ali! Sua pelagem eriçou-se por um momento e sumiu pelo matagal!

Outono.

O grito estridente ecoou sinistro pela floresta adormecida ao norte das Montanhas Rochosas silenciando todos os outros barulhos da noite!

O velho índio Kutenai tirou os olhos da fogueira, levantou a cabeça assustado. Um grito de mulher! Os pelos de sua nuca estavam eriçados de pavor! Não era uma mulher, não havia pessoas naquela parte da mata, não de noite. Olhou ao redor confuso, havia algo ali, algo estranho e sobrenatural. Os troncos pretos das árvores formavam uma parede proibitiva que impedia a luz da fogueira de penetrar na mata. Ouviu algo andando ao seu redor, estava perto. Sentia isso!

Seus olhos olhavam diretamente para a fonte dos passos, sentiu a respiração daquilo e assustou-se quando ouviu um assobio agudo como de uma grande pantera. Não havia nada lá! Apenas a escuridão da noite! Procurou seu arco, quando moveu a mão escutou o rosnado ao seu lado, tarde demais percebeu que a coisa estava atrás de si. Sua voz pronunciou apenas uma palavra carregada com todo o horror daquilo que significava:

— Akiinǫna!

Voltou o rosto procurando ver seu algoz, mas seus olhos encontraram apenas a horrenda cor da escuridão e ele gritou!

Inverno.

Jeremias Algodoeiro levantou o chapéu da testa e olhou confuso para o corpo semi devorado da vaca à sua frente. O velho cão ao seu lado deu um ganido esganiçado e amedrontado e voltou pela trilha. Aquela já era a segunda vaca em apenas um mês. Não havia pegadas por causa da neve que caíra na noite anterior.

Olhou para as matas que sobressaíam depois da cerca, escuras e sombrias, havia algo ali que estava matando seu rebanho. Agarrou firme o cabo do rifle, o contato com o ferro frio deu-lhe um pouco de coragem. Fazia tempo que não tinha problemas com animais selvagens, desde a morte do velho índio Kutenai uns meses atrás, quando os outros

fazendeiros haviam organizado uma caçada. Não encontraram nada, mas o barulho que fizeram deve ter servido para afugentar fosse o que fosse que estava lá fora.

Cobriu a carcaça com pedras grandes para evitar que outros animais fossem atraídos e voltou para casa devagar, prestando atenção às matas ao redor.

A cabana de teto baixo ficava no meio de um pequeno arvoredo meia milha depois do pasto. Tocou as outras quatro vacas que ainda lhe restavam pela trilha e trancou-as no celeiro alto, próximo da casa. O pai havia lhe dito que a vida naqueles lugares isolados não era fácil, devia tê-lo escutado e comprado uma terra mais próxima à cidade, mas ali era tão mais confortável, apenas três horas de carro da cidade mais próxima.

Entrou em casa, colocou o rifle de lado, acendeu a lareira e colocou a chaleira no fogo para fazer café. Gostava de tomar café quente no crepúsculo dos dias de inverno, ajudava a esquecer as noites frias que se seguiam.

Deu pela falta do velho cão. Não se lembrava dele ter entrado em casa. Saiu e o chamou no alpendre, a noite já se avizinhava e o Vento Norte assobiava pelo terreiro. Esperou alguns minutos ali parado, a escuridão ao redor estava diferente, parecia mais negra como breu, cheia de barulhos estranhos, meio fantasmal mesmo!

Entrou e fechou a porta com a tranca lateral de mogno. Nunca a usara antes, nunca havia sentido necessidade dela e não sabia porque a usara naquele momento, apenas sentiu-se melhor vendo-a ali firme e sólida.

Esperou pacientemente a volta do cão. Ele sempre arranhava a porta quando ficava do lado de fora. Talvez tivesse encontrado um ninho de rato do campo ou alguma marta perto do galinheiro. No inverno os animais ficavam todos mais afoitos e audaciosos!

Quando já terminara o chá, sentado na velha cadeira de balanço, e a escuridão da noite teimava em entrar pelas janelas, escutou um barulho na porta, um arranhar sorrateiro e tímido. Não se moveu. Um frio molhado caiu sobre ele!

As chamas da lareira queimaram mais forte e sua sombra balançou na parede, fazendo eco nas outras que vinham da lâmpada no centro da sala, mas continuou sem se mover.

O arranhar continuou, mais forte e confiante. Não se mexeu. Sabia em seu íntimo que aquele não era seu cão tentando entrar. Algo naquele arranhar incessante o fez sentir um medo primordial! O arranhar parou subitamente! Como se aguardasse algo.

Jeremias ficou o mais quieto que podia, quase sem respirar, com os olhos procurou o rifle Ruger M77 que havia sido presente do tio Augustus.

Nunca a havia usado em algo vivo antes. Evitava caçar já fazia uns meses, tentando se livrar do vício que adquirira com o pai e os irmãos.

Estava encostada onde o havia deixado, perto da porta.

Ouviu o silêncio do lado de fora e teve medo! Não sabia para onde a coisa havia ido e sempre havia o problema das janelas. Não tinham grades, eram reforçadas com madeira.

Levantou-se devagar e começou a andar em direção ao rifle, mas a madeira do assoalho rangeu sob seus pés acusadoramente. Do outro lado da porta o arranhar recomeçou mais forte e raivoso, um barulho baixo e surdo, quase como um grunhido ou rugido vinha junto. Não identificou o que era! Viu a madeira do pé da porta rachar e estalar, a tranca dançar desengonçada no suporte e o assobio do vento frio entrar. Alcançou o rifle no mesmo momento em que a porta abriu-se com um solavanco e um barulho da tranca caindo fora do suporte. Jogou-se no chão e olhou para a porta aberta apontando o cano para a abertura.

A ventania e a neve vieram e assobiando apagaram a lareira com uma rajada fria! A lâmpada do centro do cômodo balançava loucamente. Apertou o gatilho duas vezes e o espocar iluminou a porta aberta, mas Jeremias não viu nada ali a não ser a escuridão. Guardou as duas últimas balas. Fosse o que fosse havia ido embora. Lembrou-se do velho índio. Fora isso que o pegara? Não era urso, era rápido demais pra ser um urso.

Levantou-se e verificou a porta, estava lanhada, mas ainda inteira. Fechou-a bem com a tranca e amarrou o suporte para que não se soltasse mais.

Não conseguiu dormir o resto da noite. Sentou-se na cadeira de balanço com o rifle carregado no colo. A manhã o encontrou já acordado fazendo café.

Procurou sinais ou pegadas daquilo que havia atacado a cabana, mas a neve e o vento haviam limpado todos os rastros. O cão também não havia voltado.

O celeiro das vacas havia sido invadido e uma das vacas estava faltando. Jeremias encontrou o que restara dela uns quinhentos metros para dentro da mata fechada. Algo grande a havia comido quase pela metade. Se não era um urso poderia ser uma pantera.

Aquilo não podia continuar, tinha que acabar com aquele animal antes que ele devorasse todas as suas vacas. Armou-se e tentou seguir as marcas.

Aquilo seguia para dentro das matas mais fechadas, para o limite de suas terras e a beirada das montanhas. Aquele era um lugar isolado, ninguém ia lá. Seguiu com cuidado.

A mata estava quieta, os pássaros não cantavam e não havia outros barulhos.

Apenas o vento ciciava pelos troncos. Mas havia alguma coisa diferente ali, podia sentir que algo o estava seguindo, talvez aquilo o estivesse esperando quando entrara na mata.

Subiu em uma árvore e esperar, para ter certeza de que estava sozinho. Escolheu um abeto com poucos galhos baixos na beirada de uma clareira. Esperou. As horas frias da manhã passaram e o meio-dia chegou. O sol estava fraco por causa do inverno.

A luminosidade era pouca, então o que viu talvez pudesse ser explicado apenas como uma daquelas miragens estranhas que acontecem quando as pessoas estão sozinhas na mata e a solidão às faz ver coisas que não estavam realmente ali. Talvez isso pudesse explicar aquilo que Jeremias viu, talvez não.

Foi depois do meio-dia, quando a tarde começava a cair e as sombras se alongavam pelo chão da floresta. Ouvia alguns barulhos, alguns assobios do outro lado da clareira, pensou que fosse algum pássaro ou coruja.

Foi então que aquilo veio, no começo não viu nada, ouviu apenas, algo que parecia se mover pela neve e por entre as árvores. Um respirar forte e um pio estranho seguido por um assobio agudo. Não acreditou no que via! Na neve à sua frente surgiam pegadas, ao redor da clareira, como se alguma coisa blasfema e invisível andasse por ali.

Aquilo parou quase no meio da clareira. Podia ver onde as marcas cessavam e a fumaça da respiração aparecia no ar frio. Havia algo ali! Algo que não conseguia ver!

Olhou exatamente para o lugar onde a coisa deveria estar, não havia nada ali, salvo um ponto preto que chicoteava pela neve como a ponta da cauda de uma serpente.

Ouviu o som, uma coisa fantasmagórica e assustadora, que fez descer um frio horrível por sua espinha. Um grito estridente e alto que ecoou sinistro pela floresta, o grito angustiado de uma mulher em perigo ou sentindo muita dor. Quase desceu para ver o que era, se realmente fosse alguém precisando de ajuda... Quando ia descer da árvore percebeu que era exatamente o que a coisa ali na clareira queria, ela o estava atraindo com o grito de uma mulher em perigo, queria que ele viesse até ela.

A coisa percebeu que ele não iria descer e para seu horror Jeremias viu aquelas marcas caminhando na direção da árvore onde estava. Ela o havia visto já. Não havia jeito de fugir, aquilo talvez pudesse alcança-lo onde estava, só tinha uma saída.

Apontou o rifle para o meio das marcas que se formavam na neve e atirou.

Um barulho forte, um rosnado selvagem e bruto soou pelo ar, havia sangue ali, ele via, atirou mais três vezes seguindo os pingos grossos e vermelhos pela neve.

Aquilo gritou e as marcas sumiram por um momento, então Jeremias sentiu o impacto no tronco da árvore, aquilo pulara vários metros e agarrara-se na árvore.

Escutou o barulho do arranhar no tronco, sabia que aquilo estava subindo para pegá-lo.

Um desespero terrível tomou conta dele, recarregou o rifle e mirou para baixo.

Havia algo ali, algo que se interpunha entre os galhos da árvore, mirou e atirou, a coisa urrou de novo fazendo gelar seu sangue, ele atirou, descarregando a arma pela segunda vez. Algo caiu do tronco da árvore. Ensanguentado, ferido pelos inúmeros tiros.

Perdeu o equilíbrio ao tentar debruçar-se sobre um galho mais baixo e caiu. Afundou na neve fofa e levantou-se com um pulo. Agarrou o rifle e afastou-se do pé da árvore. Tropeçou em um tronco caído e caiu por detrás dele. Recarregou o rifle pela terceira vez, não tinha mais balas, eram as últimas.

Algo agarrou o tronco atrás do qual estava e Jeremias pode sentir a força hedionda que despedaçava o tronco e as mandíbulas que o mastigavam na ânsia feroz e inumana de chegar até ele, ainda tentando alcançá-lo!

Algo pulou sobre o tronco e Jeremias atirou, ouviu um rugido rouco e alto e um peso morto caiu sobre suas pernas. Somente quando se levantou e olhou Jeremias descobriu o horror que o perseguia: Uma onça grande como nunca vira, cuja pele mimetizava um cinza azul esverdeado, uma cor invisível à seus olhos!

Sabia que havia sons que o ouvido humano não podia escutar, da mesma forma deveriam existir cores que os olhos humanos não podiam ver! Aquela deveria ter evoluído para se esconder dos olhos dos homens, caçar e sobreviver!

Um pensamento no entanto era recorrente na mente de Jeremias enquanto voltava para casa no cair da tarde de inverno com o sol se pondo e a noite chegando. Ainda tremendo de horror!

Quantas mais daquelas coisas estavam escondidas dentro das cores da escuridão que o cercava?

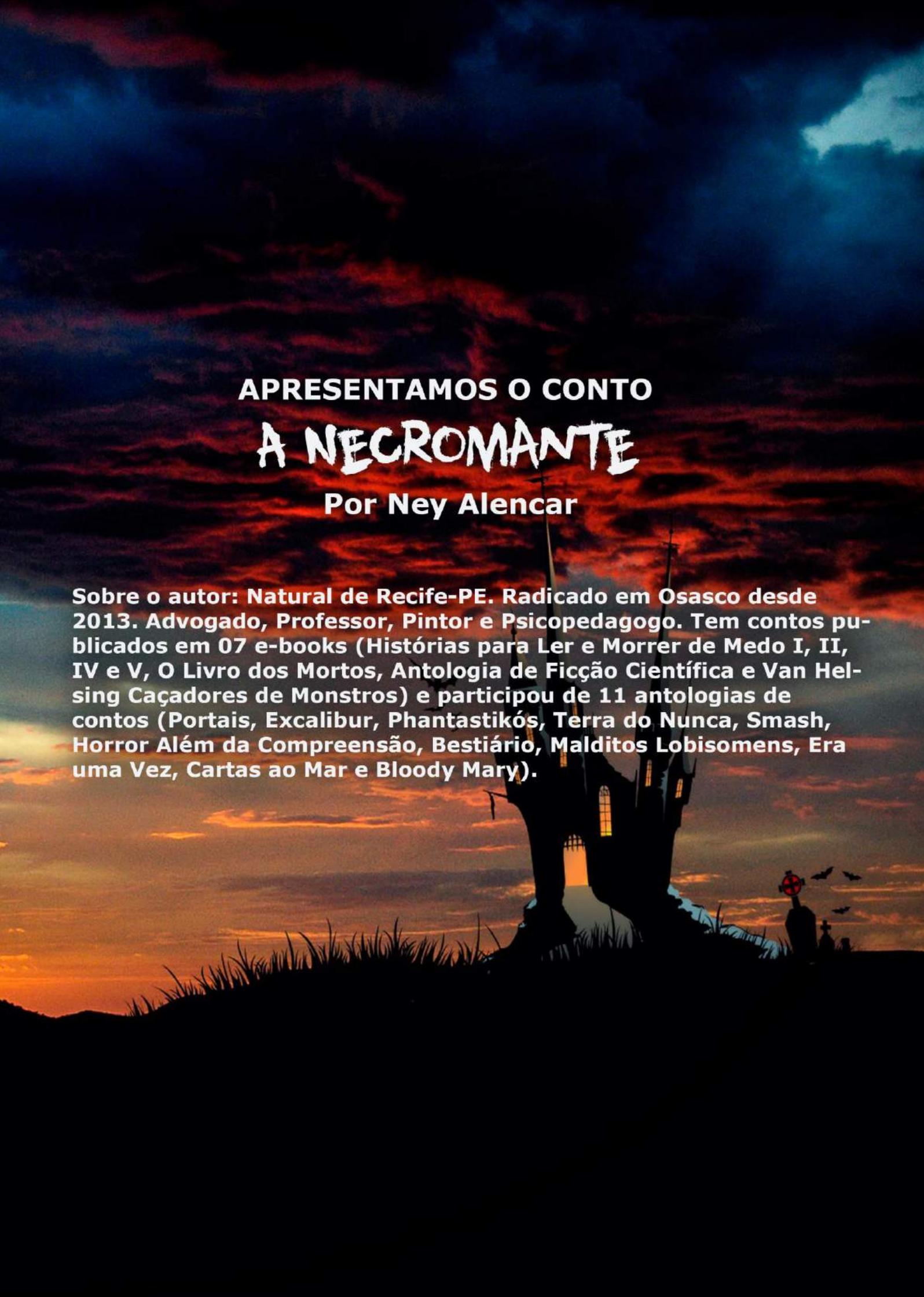


APRESENTAMOS O CONTO

A NECROMANTE

Por Ney Alencar

Sobre o autor: Natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Advogado, Professor, Pintor e Psicopedagogo. Tem contos publicados em 07 e-books (Histórias para Ler e Morrer de Medo I, II, IV e V, O Livro dos Mortos, Antologia de Ficção Científica e Van Helsing Caçadores de Monstros) e participou de 11 antologias de contos (Portais, Excalibur, Phantastikós, Terra do Nunca, Smash, Horror Além da Compreensão, Bestiário, Malditos Lobisomens, Era uma Vez, Cartas ao Mar e Bloody Mary).



“Oh, a estrada para En-dor é a estrada mais antiga
E a estrada mais louca de todas!
Direto, ele corre para a morada da Bruxa,
Como acontecia nos dias de Saul,
E nada mudou da tristeza armazenada
Para quem desce na estrada para En-dor!”

Rudyard Kipling, En-Dor (1919)

A velha cabana feita de terra negra e galhos vivos de trepadeiras raquíticas ocultava-se atrás de colinas nuas logo após as areias avermelhadas do deserto de Aendor.

No horizonte longínquo o imenso Monte Tabor com seu cume arredondado fitava a cabana com olhos tensos e inquietos.

De seu telhado de barro e galhos emaranhados, de um pequeno buraco em uma depressão oblíqua saía uma fumaça cinza-escura que subia longilínea até as lonjuras do céu azulado, evitando com maestria as correntes de vento quente que saíam do deserto além.

A pequena porta de madeira na frente da cabana tinha por cima de seu umbral de barro preto um enfeite raro e dourado feito muito tempo atrás por artífices de uma terra distante que já não existia, com o metal que caíra do céu em um dia de tempestade cheio de relâmpagos e estrelas.

Não havia janelas na cabana, apenas as paredes granulosas.

Uma velha de idade extremamente imprecisa e quase esquecida vivia ali.

Ela praticava a sinistra e contumaz arte da Necromancia!

Alguns diziam que ela viera daquela cidade cheia de colunas que se encontra enterrada nas areias de um dos quatro desertos do grande triângulo de Kaz.

Outros diziam que ela era uma cigana imortal que viera em uma caravana fantasmal das terras fabulosas além da fantástica cordilheira de Kashmîr, no leste longínquo, abaixo da Grande Muralha.

Poucos contavam em sussurros que ela realizava rituais blasfemos e ignotos e através deles invocava almas perdidas de dimensões distantes e lugares tirânicos dos quais não se fala durante as horas do dia.

Almas que estavam à eras mergulhadas nas trevas absconsas e dissolutas de prodigiosos golfos de breu e negrume inimagináveis.

Tais almas não passavam de fragmentos de espíritos embalsamados em seus próprios pecados, maldades e medos, retalhos mortos-vivos pecaminosamente lúbricos e abomináveis, que movidos por uma fome profana tudo fariam para caminhar por um momento apenas neste mundo de luz e vida!

A velha os chamava com gestos precisos de seus dedos ossudos e de unhas compridas e negras e com sussurros roucos de seus lábios magros e finos.

Eles a atendiam com fervor e medo, pois a conheciam e sabiam do que ela era capaz!

Certa noite o monarca de um reino distante veio até ela.

Veio disfarçado em roupas escuras e sozinho.

Veio durante a noite, sem luz para iluminar sua sombra nem mostrar seus passos.

Bateu à porta de madeira três vezes, um barulho oco, e olhando o signo sobre a porta fez com os dedos um sinal de excomunhão.

A porta abriu-se e a silhueta curvada da velha necromante fez um gesto convidando-o a entrar.

Ele entrou em silêncio.

A sala quase às escuras era iluminada apenas por quatro velas de uma gordura amarela que queimavam com o desagradável e adocicado odor de carne queimada.

Pelos cantos em trevas ele viu sombras devolutas de espíritos magros e fantasmas amortalhados que, curiosos, piscavam seus olhos frios e bulbosos cheios de um fogo azul e torciam as mãos esqueléticas na antecipação do que viria.

No centro do chão de terra batida havia um buraco tampado com um retalho do que aparentava ser uma pele pintada com tatuagens e signos hediondos de temível origem necromântica.

A velha sentou-se em um dos lados do buraco, sobre uma almofada ensebada e o homem sentou-se do outro, sobre a terra fria.

Uma desconfortável sensação de opressão correu sobre ele como um vento frio.

O monarca olhou a velha nos olhos, grande olhos negros cujas pupilas faiscavam como fogos frios.

Dentro deles ele podia ver a lubricidade absconsa de uma vontade imemorial, ofensiva e má!

O rosto encarquilhado de rugas nas quais eles estavam incrustados transparecia uma palidez metálica amarelada, contaminada com a perfídia mortal de todas aquelas almas que invocava.

Era como um espelho manchado pelos desejos concupiscentes e horrendos que consumiam aquelas almas rasgadas.

Antes que ele lhe pedisse o que queria a velha sorriu de um modo tão doentio e mau que o monarca encolheu-se em seu manto com medo mortal daqueles dentes esverdeados e apodrecidos que o fitavam com certa gula.

A velha ficou em silêncio e seu olhos fixaram-se nos do homem aguardando seu pedido.

O monarca, cansado da guerra infundável que consumia seu reino e devorava seu povo, sentindo-se abandonado pelo seu Deus, que já não falava consigo nem parecia ouvir suas preces, pediu à velha necromante que lhe invocasse um profeta!

Alguém que o pudesse aconselhar sobre o rumo que deveria tomar naquela guerra maldita.

A velha puxou o retalho de pele que cobria o buraco ritualístico.

O monarca olhou dentro dele ainda que com um medo atroz.

O breu que coleava em seu interior era insondável e impuro.

Misturado àquela escuridão pútrida retalhos de almas nadavam como peixes cegos, frangalhos reluzentes de carne espiritual conspurcados pelas eras dentro daquele lugar fantasmagórico.

A velha articulou palavras estranhas em uma língua que nunca era falada na terra de homem nenhum, conspurcando o ar à sua frente com seus sons hediondos e blasfemos que regurgitavam horrores ancestrais.

Por alguns momentos todos aqueles retalhos sumiram nas profundezas daquele buraco infernal, então um brilho fumegante tomou conta da água negra de tal forma que a fez ferver em sua impudicícia, e das profundezas absconsas veio um vulto.

A superfície sobre o buraco pegou fogo em uma explosão silenciosa, chamas azuis e verdes acenderam-se em uma labareda brusca que subiu lambendo o teto de barro da cabana e deixando marcas brancas, como marcas de dedos invisíveis.

No meio das chamas o monarca viu a figura envultada de um velho com longas barbas brancas, o profeta viera afinal!

Mas o espírito do monarca foi engolfado pelo medo, tirano inconsequente que fora em pedir tamanha blasfêmia e impiedade.

Ele prostrou-se ao chão orando desesperadamente à seu Deus, pedindo perdão pelo pecado cometido, mas quando levantou os olhos e encarou o espírito ardente do profeta seus lábios ímpios pediram por seu conselho.

O profeta o olhou com piedade.

Suas palavras, porém traduziram-se em uma maldição terrível!

Sua voz soou clara e luzidia nas trevas que os engolfavam, as chamas das velas tremeluziram e a velha necromante com um trêmulo esgar de medo afastou-se por um momento, temerosa do que poderia advir daquele espírito iluminado, e desferiu um grito rouco de medo que repercutiu pelas paredes e fez desaparecer todas as sombras e fantasmas que a assistiam em seu ritual diabólico.

Ela perdera o controle sobre o que fazia e ali manifestava-se apenas e tão somente a vontade soberana do Deus ao qual aquele espírito de luz servia, ela o reconheceu de pronto e surpresa temeu pela sua sorte pois sabia agora quem estava ali na sua frente!

Amedrontada ao reconhecer o espírito e ao ver-se reconhecido o monarca baixou os olhos e acabou olhando dentro daquele poço abantesmo e lá a visão de sua morte veio sobre ele.

O espírito fumegante fechou suas asas de luz e partiu como um sopro de vento quente do deserto.

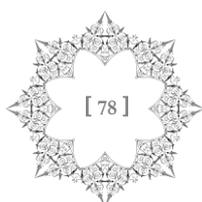
O monarca viu seu corpo insepulto jogado no campo de batalha entre chacais e corvos que o devoravam!

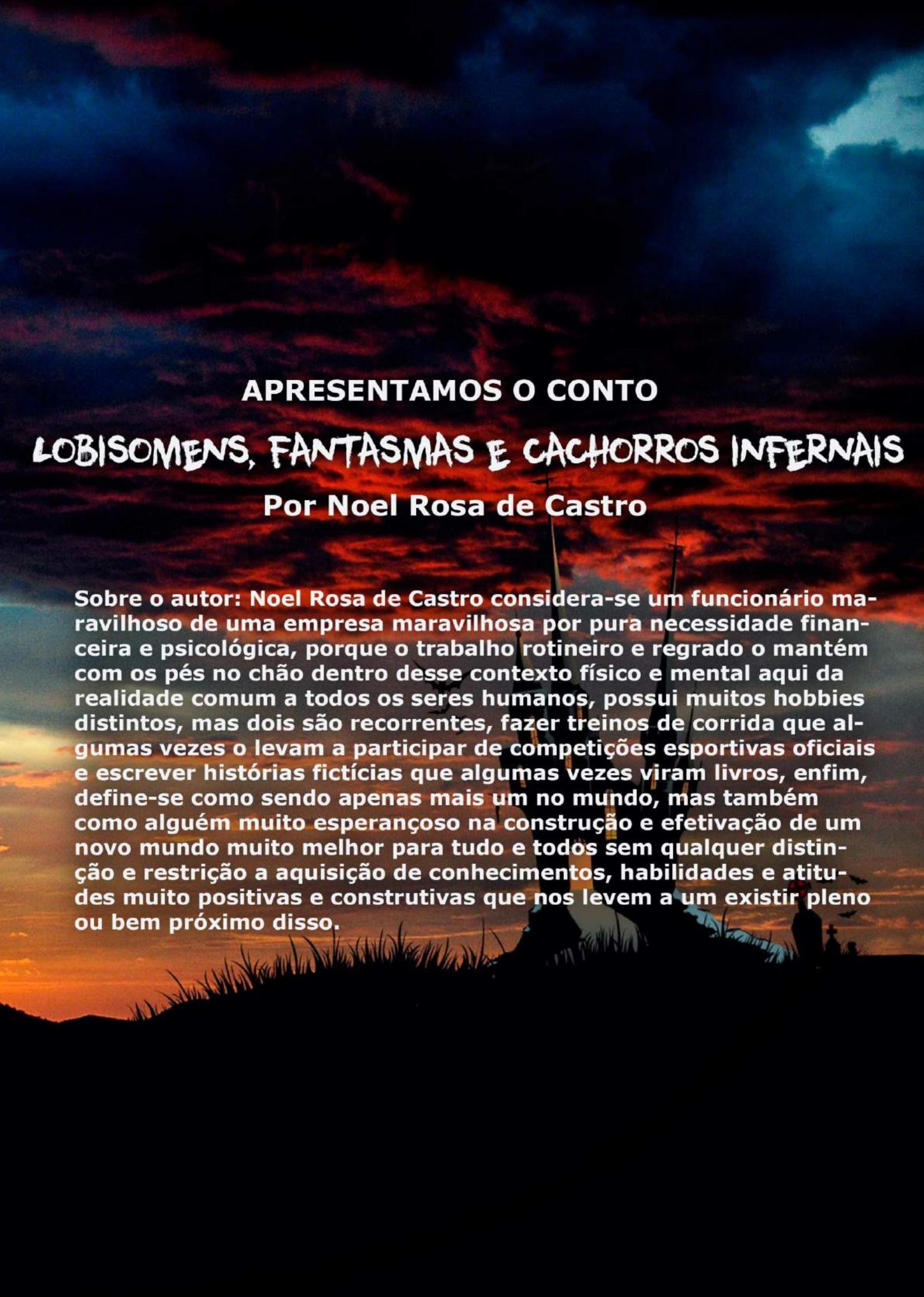
Seus exércitos derrotados, todos!

Tomado pela dor e medo do destino que o consumiria no dia seguinte saiu pela porta para a escuridão e o esquecimento da noite fria.

A velha necromante, ainda tremendo de raiva e pavor cobriu com o retalho o buraco infernal e com um sorriso de desdém fechou a porta da velha cabana.

Dizem alguns que até hoje ela ainda vive ali, a última necromante da velha era e a primeira bruxa!





APRESENTAMOS O CONTO

LOBISOMENS, FANTASMAS E CACHORROS INFERNAIS

Por Noel Rosa de Castro

Sobre o autor: Noel Rosa de Castro considera-se um funcionário maravilhoso de uma empresa maravilhosa por pura necessidade financeira e psicológica, porque o trabalho rotineiro e regrado o mantém com os pés no chão dentro desse contexto físico e mental aqui da realidade comum a todos os seres humanos, possui muitos hobbies distintos, mas dois são recorrentes, fazer treinos de corrida que algumas vezes o levam a participar de competições esportivas oficiais e escrever histórias fictícias que algumas vezes viram livros, enfim, define-se como sendo apenas mais um no mundo, mas também como alguém muito esperançoso na construção e efetivação de um novo mundo muito melhor para tudo e todos sem qualquer distinção e restrição a aquisição de conhecimentos, habilidades e atitudes muito positivas e construtivas que nos levem a um existir pleno ou bem próximo disso.

lobisomens, fantasmas e cachorros infernais — assim começava a história.

— Esperando minha vez, abro uma revista qualquer, contos de terror água com açúcar são apresentados em suas páginas.

Era uma vez, uma moça chamada Adele cuja imaginação era absurdamente fértil e muito além da conta, fã fanática do gênero terror água com açúcar, infantojuvenil.

Funcionária de um restaurante, garçonete, Adele, relatou com seriedade para seus amigos garçons um ocorrido em sua vida, num desses seus dias qualquer voltando do trabalho para sua casa, meia noite e meia:

— Que Adele sempre foi fã fanática pelo gênero terror, todos nós já sabemos, que ela sempre dorme em qualquer lugar profunda e pesadamente, também já sabemos, mas nunca iremos acreditar nesse relato que nos contou, porque sabemos que nossa amiguinha é dona de uma fértil imaginação, fala sério minha gente — retruca um dos garçons com uma bandeja na mão, seguindo para cozinha.

— Ele tem toda razão, Adele é muito imaginativa, demais da conta, imaginativa demais, diga-se de passagem — concorda outro dos garçons.

— Enfim, vamos trabalhar que a gente ganha mais — finaliza um terceiro garçon.

Disse-nos Adele: — Eu estava chegando do trabalho como sempre, nada fora do comum, descendo a minha rua por volta de meia noite e dez mais ou menos como sempre faço, porém, uma mulher muito branca, pálida como um desses fantasmas de filmes de terror, cabelo loiro muito amarelo, usando um vestido vermelho justo, coladinho ao seu corpo curvilíneo.

Ela vem correndo na minha direção, me abraça, segura o meu braço esquerdo e desesperada pede para que eu não deixe os três cachorros selvagens e o lobisomem comerem o seu corpo.

Ela me olha nos olhos, seu olhar tão azul quanto um oceano límpido e reluzente, abre um sorriso largo mostrando presas de vampiro, meu coração que já estava disparado, metaforicamente falando, quase sai pela minha boca, meu Deus, um vampiro?

A mulher sai correndo, desaparece noite adentro, mas tão rápido quanto ela apareceu e desapareceu sem deixar vestígios, três cachorros provavelmente selvagens aparecem do nada e correm na direção dessa mesma mulher, mas agora ela está caída no meio da rua toda suja e com seu vestido rasgado, eu não sei se ela está morta ou desmaiada.

Vou até ela e com minha mochila preta adornada com diversos chaveiros em forma de caveirinhas prateadas, foices, facas, rastelos e facões dourados, porque sempre fui uma fã fanática pelo gênero cinematográfico e literário de histórias de terror, espanto os três cachorros selvagens, dobermanns pretos e marrons, eles ficam de longe rosnando para mim, aparentemente querendo comer o corpo morto ou desmaiado dessa mulher, dessa vampira, sei lá eu o que foi tudo isso.

Tento acordar a mulher, o cenário é aterrorizante, apavorante, escuridão iluminada pavorosamente pela lua cheia, sinto uma mão quente e peluda tocar no meu ombro.

Tremendo feito uma vara verde, viro lentamente a minha cabeça para o lado direito do mesmo ombro que é esmagado pela mão quente e peluda, quase que a ponto de desmaiar de tanto medo que sinto, olho para ver quem pode ser dessa vez, meu Deus do céu, um lobisomem.

Sério? Um lobisomem aqui no meu bairro?

Em segundos, eu penso, reflito, estou tremendo absurdamente de medo, calafrios correndo pela minha espinha, suor gelado caindo pelo meu rosto, quase que paralisada de terror pelo acontecimento surreal.

Peço em pensamentos que tudo isso seja um delírio lúcido, pelo amor de minha tia Gertrudes que isso seja apenas uma espécie de déjà-vu maluco.

Só pode ser um sonho ou pesadelo, só pode ser um sonho ou pesadelo, repito freneticamente em meus pensamentos, sim, eu devo estar dormindo no banco do ônibus, minha amada tia Gertrudes, isso só pode ser um sonho ou pesadelo muito lúcido, mas ainda assim, apenas um sonho ou pesadelo.

Putá merda, não é um lobisomem homem, mas a própria mulher branca como um fantasma, loira demais e vestida de vermelho, ela é o lobisomem que esmaga meu ombro, rosnando, mostrando suas presas afiadas, seus olhos sangrentos, hipnotizantes, penetrantes perfurando minha alma.

A mesma mulher que está caída ali no chão bem na minha frente, desmaiada ou morta, eu não sei dizer, porém, ela também está atrás de mim transformada num lobisomem apertando meu ombro, quebrando meus ossos.

Ela aperta com força o meu ombro e ao mesmo tempo aponta para sua outra versão ou subversão dela mesma deitada no asfalto, toda humana, suja, rasgada, morta ou desmuida apenas, eu não sei dizer, pedindo para que eu não deixe os três cachorros selvagens e infernais comerem o seu corpo.

A dor do aperto de sua mão peluda, quente demais e musculosa no meu ombro vai aumentando, meu ombro e seus ossos parecem estar sendo esmagados violentamente, os três cachorros selvagens e infernais, agora muito mais monstruosos que antes, rosnando ferozmente, espumando pelas suas bocas cheias de dentes pontiagudos, salivando, ameaçando avançar sobre o corpo morto ou desmaiado dessa mulher de vestido vermelho sangue, pele branca como a neve e cabelos loiros como ouro puro, que ao mesmo tempo está ali caída no asfalto, mas também em pé bem atrás de mim transformada num lobisomem esmagando o meu ombro direito.

Quando o reflexo da lua brilha muito mais forte sobre a lente dos meus óculos de plástico preto esverdeado, quadrado, grande demais, ela desaparece de trás de mim e também do asfalto a minha frente como num passe de mágica, uma neblina densa, acompanhada por rosnados e canções indecifráveis, porém, arrepiantes invadem tudo ao meu redor, multiplicando ainda mais o meu medo, meus arrepios, meus calafrios, esse suor gelado que não para de brotar e escorre pelo meu rosto petrificado.

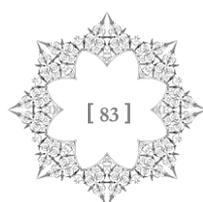
Os cachorros selvagens, infernais, agora lobisomens muito maiores e muito mais assustadores que a mulher lobisomem, arreganham suas bocas cheias de dentes pontiagudos e respingando de sangue, avançam em minha direção, mas antes que me peguem e dilacerem meu corpo com suas facas em forma de dentes animais eu acordo — Puta merda! – grita Adele — Eu realmente estava dormindo no banco do ônibus que peguei não sei como para voltar do trabalho para casa, sempre desço no ponto final, então, chegando ao ponto final o motorista me acordou, merda, não era um motorista, mas uma motorista, uma mulher branca demais, loira demais, usando um vestido vermelho demais – Refrigerada pelo suco preferido feito com casca de abacaxi e limão siciliano, que sempre carrega consigo na sua garrafinha metálica, Adele, desce do ônibus e segue para seu apartamento sem sequer olhar para trás por qualquer motivo ou segundo que seja.

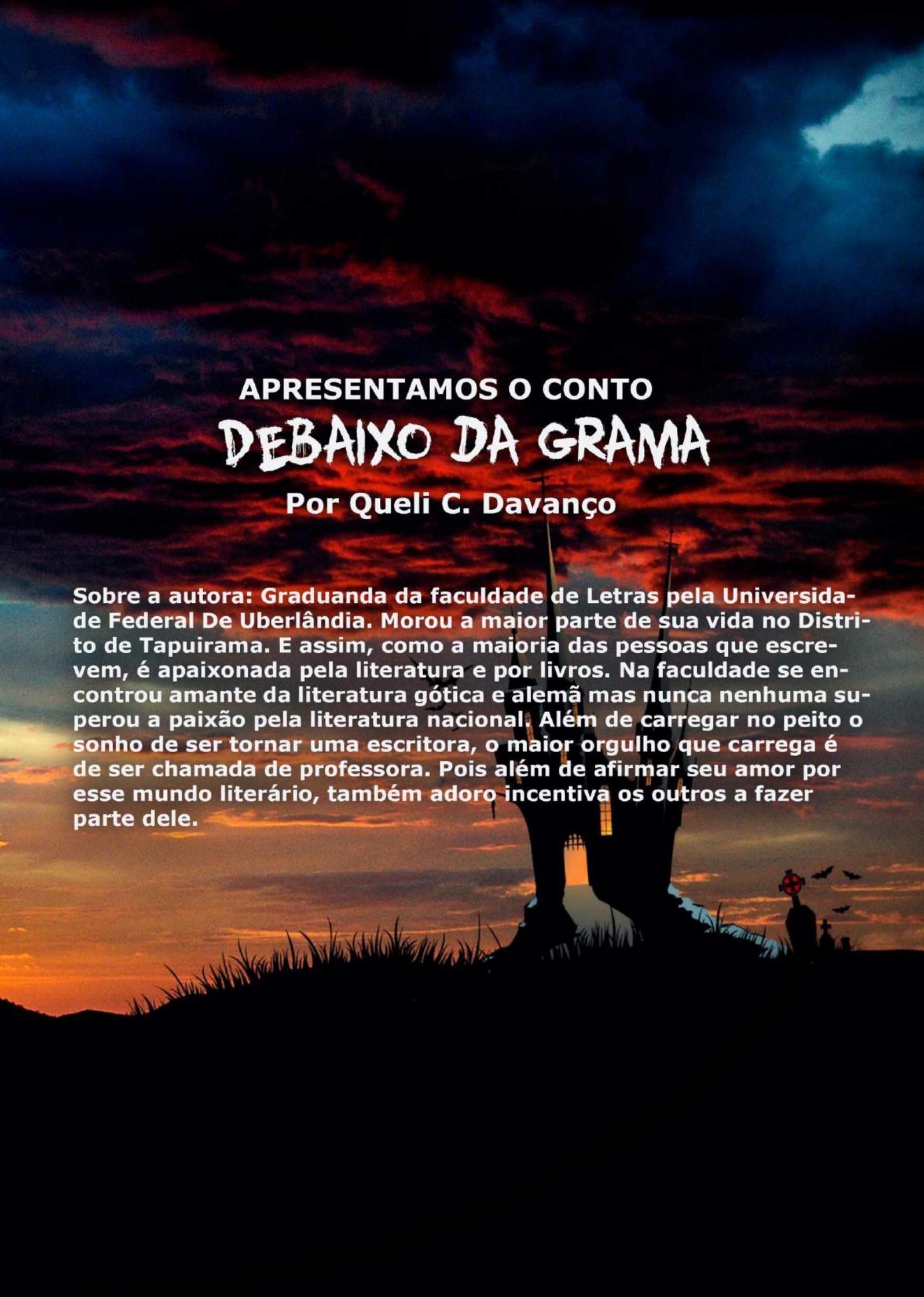
Lá no céu, uma gigantesca lua branca demais brilha sem restrição, gritos e rosnados são ouvidos ao longe pelos pequenos e poderosos ouvidos dela, arrepiam sua pele, seu corpo, sua mente e sua alma, disparam seu coração.

Enfim, achamos que ela deve ter caído no sono profundo e imediato como sempre acontece, na manhã desse mesmo dia icônico e surreal, Adele, Jenny Elizabeth e Zuri Maria viram um filme com lobisomens, fantasmas, cachorros, então, seu subconsciente quando teve uma chance, fez o que faz melhor, construiu uma historinha nas linhas da sua

psique para energizar suas células, enfim, foi apenas mais um sonho ou pesadelo, desses muito caóticos, frenéticos e fantásticos que invadem seu subconsciente.

Enfim, eu fecho a revista, a cabelereira me chamou, na capa, duas mulheres sob a luz do luar, três cachorros com aparência selvagem e uma mulher lobisomem, o título dessa revista de contos de terror água com açúcar que estava folheando enquanto esperava minha vez na sala de espera do salão de cabeleiros: “Lobisomens, fantasmas e cachorros infernais”, então, foi assim que conheci essa aventura muito doida e nada assustadora.





APRESENTAMOS O CONTO
DEBAIXO DA GRAMA

Por Queli C. Davanço

Sobre a autora: Graduanda da faculdade de Letras pela Universidade Federal De Uberlândia. Morou a maior parte de sua vida no Distrito de Tapuirama. E assim, como a maioria das pessoas que escrevem, é apaixonada pela literatura e por livros. Na faculdade se encontrou amante da literatura gótica e alemã mas nunca nenhuma superou a paixão pela literatura nacional. Além de carregar no peito o sonho de ser tornar uma escritora, o maior orgulho que carrega é de ser chamada de professora. Pois além de afirmar seu amor por esse mundo literário, também adoro incentiva os outros a fazer parte dele.

Eu era privilegiada de uma vista encantadora quando abria a janela do quarto. Era uma vista que dava vontade de viver. A visão que eu tinha do pôr do sol ou do amanhecer, me contagiou por vários dias e me fez ter energia para sobreviver até chegar o momento dessa apreciação de novo e de novo. Começou a virar meu momento favorito. Olhava aquele vasto céu e aquele terreno que parecia infinito como se fosse minha propriedade, como se eu fosse a única que via aquela paisagem utópica.

Parecia uma montagem de tão perfeita, parecia um sonho, um sonho distante, assim como todos os outros. Se eu tivesse tempo, queria deitar daquela grama verde, que aparentava que nem pinicava de tão atraente que era. Tive vontade até de comê-la. O paraíso estava bem ali do meu lado e eu só conseguiria fantasiar como seria viver sem compromissos. Para ter meu momento de glória, sem horários, somente eu por mim mesma. Quando eu pensava dessa ocasião, me lembrava que quando finalizar todos os deveres que tenho em vida, estarei velha demais para aproveitar.

Logo já tirei isso da minha cabeça, odiava pensar demais sobre coisas ruins. Eu tinha que agradecer por ter conseguido aquele apartamento, com aquela janela e aquela vista. Era isso que os jovens chamavam de “gratidão”? Pois eu me sentia desse jeito então...grata. No trabalho eu só conseguia matutar sobre pedir demissão e ficar o dia todo em casa. Pedi uma vez para meus superiores se poderia trabalhar em home office e eles negaram, falaram que eu não tinha um motivo decente para solicitar tal ato. Quis fingir que tinha alguma doença muito grave e altamente transmissível para que assim não questionasse meus princípios. Eu tinha um motivo muito bom para permanecer em minha residência: era para o bem da minha própria felicidade.

Mas ok, nada da vida é como queremos. Comecei a trabalhar menos e a receber menos por isso, fazia tudo que fosse possível ao alcance para ganhar um tempo a mais observando minha janela. Também parei de convidar meus amigos e familiares para festas sociais em minha moradia, pois me tornei egoísta. Se eles perceberem o que eu tenho vão querer tirar de mim, assim como qualquer objeto precioso.

No meu caso, não era uma coisa, era quase uma filosofia. Eu descobri a verdade, as respostas para todas as perguntas, o sentido da vida. A apreciação era a chave de tudo e além de ter a chave, eu tinha também a porta certa. Tudo em minhas mãos, somente nas minhas. Se sentir especial por isso era um luxo que eu adorava.

O aluguel aumentou absurdamente por causa de um shopping que abriu perto, mas eu não me importava. Como já enunciei, estava disposta a tudo. Televisão, móveis inúteis e até mesmo meu celular foram para a venda. Todas as porcarias que eram mais carnis do que de alma foram embora. Deixei o básico só para não ficar desagradável para meu corpo. Deixei também o mínimo para fazer comida, porque infelizmente não podia ficar com fome.

Até que em um terrível dia, toda minha doutrina foi destruída. Eu acordei disposta, como sempre, pronta para mais dose diária da minha fantástica vista. Abri minha janela e levei um susto. Havia um cadáver de um cão do meio da grama. Meu corpo tremeu, meu primeiro pensamento foi: talvez só esteja dormindo, tirando um prazeroso cochilo sob o sol. Fiquei uma hora esperando que fizesse qualquer movimento. Nos primeiros minutos fiquei até sem piscar, torcia para que o cachorro fizesse qualquer sinal de que estava vivo para que assim eu suspirasse aliviada, porém nada ocorreu. Estava realmente morto.

Comecei a perceber os detalhes e deduzi pelas pernas amassadas que tinha sido atropelado. Possivelmente alguém o carregou até ali, pois por ser um cachorro de porte grande atrapalha ainda mais o trânsito. Na hora, senti meu coração mais pesado, nem para enterrar o coitado. Mas logo depois me veio um sentimento de angústia...a visão que eu tinha agora, não era mais de felicidade, era de morte. Tentei disfarçar que aquele corpo não estava jogado no meio do meu paraíso, contudo meu olhar voltava para a tragédia.

E pela primeira vez, em meses, eu travei o fecho da janela.

Fiquei remoendo aquilo o dia inteiro, botei na minha cabeça que tinha que fazer um plano de ação, fazer de algum jeito daquele erro desaparecer, PARA SEMPRE. Eu não podia esperar que a grama crescesse para cobrir aquela carcaça e mesmo que fosse, eu saberia a verdade. Eu saberia que mesmo escondido, tem algo apodrecendo e já perderia todo o encanto. Me lembrei que no dia seguinte seria dia de recolher o lixo, talvez, com uma chance mínima, os recolhedores retirassem o cadáver.

E pela primeira vez, em anos, rezei pedindo com todas minhas forças que meu desejo fosse realizado. Meu desejo que a lembrança que acontecimentos ruins sumissem, que tudo que seja feio e remetesse a negatividade não existissem.

EU NÃO QUERIA LEMBRAR QUE VOU MORRER TODA VEZ QUE ACORDASSE.

Todos dizem que tudo é temporário e eu não levava isso muito a sério, continuei acreditando plenamente que viver o belo e tentar desviar de pensamentos desagradáveis não me conduziria ao óbvio.

Na madrugada daquele dia, ouvi o caminhão de lixo passando e quase me levantei da cama de emoção. Apesar do sentimento, voltei a dormir e esperei o dia amanhecer para descobrir se tudo tinha voltado ao normal. Se meu mundo voltaria a girar em torno da perfeição. E tinha dado certo. Quando tomei coragem para dar uma espiadinha, já avistei de cara que não há mais falhas, tudo certinho em seu lugar. Minha cabeça tinha ficado até mais leve, quis fazer um café para retornar a minha rotina de admiração. Quando voltei, levei um susto mais gigantesco que o primeiro. Derrubei minha única caneca no chão, pedaços de porcelana e café caíram por todo piso e nos meus pés descalços. Em questão de minutos, alguém novamente colocou o cadáver de um outro animal no meu terreno!! Sim, MEU TERRENO! Não havia ninguém mais do que eu que se importava tanto com aquele lugar. Ele era meu, mesmo que não tivesse nenhum papel para provar.

Dessa vez, o corpo era de um gato, um gato todo rajado, tive o mesmo pensamento quando eu vi o cachorro: “Talvez só esteja dormindo”

Não estava, estava morto, morto, morto. Seria uma mensagem da própria morte?

Fechei a janela com força, quase quebrei. Por dias enterrei minha cabeça em pura ignorância. Peguei o máximo de horas extras possíveis no trabalho, comprei bens insignificantes e ocupei minha vida para não ter tempo para voltar para casa. Eu estava com medo. Tive falta de vitamina C e D, porém estava completamente assustada do que veria se abrisse minha janela. E se eu visse minha mãe? ou alguém que gosto muito? E se eu tivesse um gato igual a aquele e o avistasse daquele jeito? Eu não conseguia pensar direito. As imagens pairavam na minha mente. Foi então que tive o sonho.

Sonhei que estava lá, daquele campo à noite, eu vi aqueles restos mortais de algo que um dia já foi animado. A iluminação fraca que tinha era das luzes da cidade ao fundo. O gato estava no mesmo lugar até que, de repente, iniciou uma série de transformações, se tornando em todos os animais e pessoas possíveis, e por um momento ele se fixou no cachorro do princípio. Era um cachorro de rua comum. Meu desespero aumentou e sem que eu quera, me vejo comendo aquele pobre bicho. Na minha cabeça eu fazia isso para ter paz, pelo menos de alguma forma iria eliminar aquilo. Comecei pelas pernas, porque já estavam amassadas e isso facilitava minhas mordidas, senti naquele momento tanta fome dentro de mim, parecia uma fome que se acumulou por décadas. No momento que percebi que só havia sobrado o osso da perna esquerda, minha consciência havia retornado em minha alma e sinto somente o sabor de culpa. Volto o meu olhar para a face do cão, na esperança de obter um perdão do falecido. Aproximo minha mão para fazer um possível

carinho em uma de suas orelhas e recebo em troca uma mordida. Na hora que abri minha boca para gritar de dor acordei vomitando pela minha cama inteira. Vomitei o mais vermelho sangue que já vi. A luz solar bateu ardentemente no meu rosto, já era dia. Minha janela está completamente aberta. Não sei como me sobrava forças para levantar depois do tanto que gorfei. Olhei e lá estava minha visão privilegiada. O gato não estava mais lá.

Só consegui raciocinar e pronunciar uma frase perante a esse feito: É uma mentira

Isso não é real

E como se eu não houvesse mais nada a perder

Finalmente fiz, sem me lavar e somente com meu pijama, sai na rua em direção a aquele dote. As pessoas desviavam de mim no caminho e a cerca entre a urbanização e o mato era baixa.

Finalmente pisei naquela grama macia e o sol parecia que não queimava minha pele mais. Eu estava em outro mundo. Olhei para trás com a intenção de procurar o meu apartamento, quando o encontro em meio a outros, vejo que está com a placa “Aluga-se”. Notei então que o tempo desse “outro planeta” passa mais devagar enquanto do outro lado da cerca tudo está em uma velocidade maior..

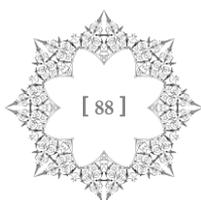
Será que estavam procurando por mim?

Será que já desistiram?

Sentei e observei de longe como o tempo estava corrido para os outros. Menos para mim. E está tudo bem. Eu já sabia o que estava por vir. O tempo também iria me alcançar em algum momento. Senti meu corpo aos poucos perder a forma e já não tinha condições para continuar sentada. Debruçada sobre a grama, eu ainda enxergava o meu antigo lar, só que dessa vez tinha alguém olhando para mim na mesma janela. Não sei se estava apreciando a vista ou se realmente tinha me visto. Dou uma sutil risada, irônica. Ele pode ignorar mas logo estará no mesmo lugar que eu.

É inevitável

Nascemos e juramos que somos livres e que nada nos prende mas existem correntes grossas, inquebráveis e invisíveis que nos puxam para o solo. De volta à terra, voltamos a ser nada e ficamos juntos com nossos irmãos, aqueles que vieram antes de nós. Você jamais encontrará uma pessoa viva que não tenha algo em comum com você. A morte nos uni e com ela seremos efêmeros até o fim.





APRESENTAMOS O CONTO
A MÃO DA MÚMIA

Por Rangel Elesbão

Sobre o autor: Gaúcho de Cachoeira do Sul (RS), escreve desde os treze anos e não dispensa um bom chimarrão durante suas leituras. Suas influências são Stephen King, Clive Barker, Hitchcock e Tarantino. Fã dos filmes de Dario Argento e Lucio Fulci, também adora os livros de Agatha Christie e Edgar Allan Poe. Participa de antologias desde 2016, em 2020 tornou-se membro da equipe A Arte do Terror, conjunto de autores independentes, que organizam antologias temáticas voltadas para o gênero terror.

Norman J. Wells era um jovem que aparentava ter entre 25 e 30 anos de idade. Vivia solitário e isolado num antigo e abandonado casarão do século passado, em estilo gótico, na cidade litorânea de Butengo. A casa em questão se situava no alto de um penhasco, com vista para o mar. Por sempre vestir roupas antigas, semelhantes às de lordes ingleses, despertava muitas lendas à seu respeito.

Sua antiga governanta, Sra. Eva Trewitt, era uma velhinha viúva e absolutamente confiável, que abandonou o emprego sem dar explicações. Segundo ela contou para os moradores da cidade, certo dia, avistou o jovem Norman olhando – se no espelho e ficou assustada ao ver o reflexo dele. No espelho havia a imagem de um ser de aparência esquelética, com a pele ressecada, aderida aos ossos salientes, com uns poucos tufo de cabelos sobre o crânio. Era feio como o Diabo.

Esse fato colaborou para que crescesse a lenda sobre o jovem, que era considerado como o Diabo. O Demônio disfarçado de gente, como era conhecido pelos moradores simples e de pouca instrução da cidade.

Mas foi uma desavisada e meiga moça, que acabou aceitando a vaga de nova governanta. Chamava-se Gretta Bradford e era uma jovem triste, que apesar de meses ainda não havia superado a dor do desaparecimento do seu namorado no mar. O corpo nunca foi encontrado, engolido pelo mar, e ele foi dado como morto.

Durante dias a fio, a moça conviveu com o estranho Norman, cuidando do seu velho casarão e de todos os muitos afazeres que a propriedade necessitava. Presenciava ele andar sorrateiro pelos corredores escuros, ocultando-se da claridade, e mandando-a cobrir com lençóis todas as janelas e espelhos.

Gretta sentia calafrios, cada vez que o via, mas nunca demonstrava o seu terror diante dele. Ao contrário das lendas locais, ele era jovem e bonito, não um Diabo como todos falavam; ele era apenas reservado, como se uma grande tristeza o afligisse.

Certo dia enquanto organizava velharias no sótão empoeirado do casarão gótico, encontrou no fundo de um baú de carvalho uma pequenina caixa de vidro, com algo horripilante no seu interior: uma mão decepada, que à primeira vista parecia ser humana, a pele enrugada e unhas corroídas; e um pedaço de osso esbranquiçado sobressaindo-se na altura do pulso. Era ressecada, mumificada.

Seu sangue gelou, olhando cheia de pavor para a mão à sua frente. A única coisa que pensou foi fugir daquele lugar pavoroso. Medrosa ela não sabia o que fazer. Saiu correndo do sótão e desceu até a sala, onde se preparava para fugir com o macabro artefato, quando o jovem Norman surge, sorridente, ao seu lado.

Norman J. Wells ordenou que lhe devolvesse a mão, pois era um totem maldito. A mão de uma antiga rainha egípcia, acusada de praticar feitiçarias, que tinha o poder de realizar três desejos de quem a possuísse. Mas sempre trazia morte e destruição junto dela, como o preço a ser pago pelo desejo realizado.

Assustada, Gretta deixou a caixa de vidro escapar por seus dedos e cair no chão, quebrando-a e fazendo a mão mumificada rolar pelo tapete.

Norman correu e a pegou com agilidade. Depois explicou que seu desejo era ser jovem eternamente. Havia se apaixonado por uma bela moça, e jamais queria envelhecer, fazendo de tudo para tê-la consigo. Mas ela morreu com a peste negra, e ele continuou jovem e sem ela. Por isso, sua aparência tão jovial. Precisava ter o amuleto sempre consigo, para que seu corpo não entrasse em autodestruição.

De repente, uma idéia insana passou pela sua mente. O totem poderia ser útil a ela. Sorrindo maliciosamente, olhou para a janela e num salto, abriu as cortinas. Um imenso raio de sol penetrou por uma fenda, atingindo o rosto de Norman, que gritou de dor. Houve um som de algo fritando e nuvens de fumaça fétida ergueram-se do seu corpo. Norman foi aos poucos derretendo e transformando-se na sua verdadeira aparência: um corpo repulsivo e cadavérico. Um feixe de ossos e pele ressecada, que caiu no chão pesadamente pelo tapete, espatifando-se.

O que restou do corpo de Norman J. Wells derreteu lentamente sobre o tapete, até transformar-se numa massa espessa, semelhante a uma mancha de óleo viscosa e vaporosa.

Em pânico, Gretta juntou o totem que dava poder ao Diabo, e saiu correndo, sem rumo. Chegou à praia logo ao entardecer. Um vento forte jogava areia para os lados, enquanto andava na semi-escuridão, a maresia grudava na sua pele. A costa parecia devastada, assustadora e vazia.

“Josh!”, pensou ela, “Como queria tê-lo de volta! Onde estará agora? Não acredito que tenha morrido! Nunca amei alguém como você.”

As ondas batiam levemente nos seus pés, ouvindo o som do mar revoltado. Olhou pela última vez o casarão gótico, ao longe, no alto do penhasco. Lembrou-se de Norman e sorriu.

Apertou firmemente a mão da múmia, num cumprimento suplicante, fechou seus olhos e desejou com toda a sua força que Josh voltasse para ela, de onde estivesse.

No exato momento que um trovão a fez estremecer e um raio rasgou o céu, os dedos mumificados se contorceram na sua mão. Assustada, derrubou-a sobre a areia, os dedos enterrando-se nela, cavoucando, tentando se arrastar.

No mar, algo informe emergia das suas águas, boiando em direção a praia; vindo ao seu encontro. Era Josh, atendendo ao seu chamado, persuadido por forças sobrenaturais.

Josh Lee era apenas uma massa de carne pútrida e inchada, com sinais de ataques de peixes e caranguejos. Seu corpo em decomposição caminhava lentamente saindo do mar, pela orla. Algas pendiam aderidas as suas mandíbulas putrefatas e descarnadas.

Horrorizada com a cena à sua frente, Gretta atônita, correu até onde o totem ainda se arrastava pela areia e a segurou firme. Não era assim que esperava ter o seu amor de volta. Não dessa forma. Nunca havia acreditado na sua morte. Tudo era irreal, como um pesadelo, pensou.

Enquanto isso, o cadáver de Josh vinha em sua direção, pisando desajeitadamente na areia fofa. Gretta concentrou-se em um novo pedido.

— Quero que Josh seja igual a mim! Que volte a ter um corpo humano!

Um novo raio chicoteou o céu e a mão da múmia egípcia contorceu-se novamente entre seus dedos trêmulos. Mas dessa vez, algo assombroso ocorreu mais rápido do que ela poderia supor.

— Eu vim te buscar! Venha comigo! – a coisa falou, exalando um fedor de peixes podres da sua boca, a encarando com os olhos entrecruzados de veias inflamadas.

Josh a puxou pelo braço com força descomunal, a segurando com suas mãos frias, cobertas de algas do fundo do mar. Ela tentou se desvencilhar, mas era inútil. A dominando, ele mordeu seu pescoço com a voracidade de um zumbi faminto; arrancando um pedaço da sua pele e carne, expondo seus músculos e tendões. Ela gritava enquanto o sangue jorrava torrencialmente, manchando a areia em jatos intermitentes.

Cravou as suas mãos decompostas na barriga dela, rasgando tiras da sua carne, arrancando suas vísceras; jogando tudo para o chão, como se fosse algo qualquer, sem importância. Poças de sangue se formando e drenadas pela areia.

Mutilada, Greta foi tomada nos braços por Josh, que a levou lentamente rumo ao mar. Logo as ondas os encobriram, submergindo nas profundezas das águas cristalinas. Depois disso, jamais foram vistos. Mas viveriam juntos, eternamente, em algum lugar, além da imaginação de todos os meros mortais.

Naquele ínterim, um vento forte começou a soprar na praia, assoviando nas rochas, levantando uma tempestade de areia. Uma espécie de redemoinho se formou, flutuando sobre a areia, percorrendo a orla e jogando as ondas de volta para o mar.

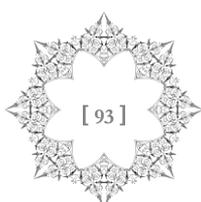
Do interior da tempestade de areia, formada pelo redemoinho, uma forma translúcida ia aos poucos tomando forma, transmutando-se para uma forma material. Séculos atrás, ela fora separada de uma parte de seu corpo. Sob o domínio do seu dono, estava presa no limbo.

A múmia da Princesa Tafnes, flutuava pela orla, suas bandagens envelhecidas pelos séculos, exalando ondas de vapor. Abaixou-se devagar e juntou da areia, a mão que lhe fora decepada e roubada injustamente. A pertencia novamente.

Sorrindo, afastou-se sem deixar pegadas na areia; tornou a entrar no redemoinho, até desaparecer completamente no ar, em uma nuvem de enxofre, agora livre da sua própria maldição.

Conto escrito em homenagem a W. W. Jacobs e ao seu clássico conto,

A Pata do Macaco (1902)



APRESENTAMOS O CONTO
EM MINHA MENTE PARTE I
Por Roberto Schima

Sobre o autor: Paulistano e neto de japoneses nascido em 01/02/1961. Passei a infância imerso nos anos 60. Senti o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais. Colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Li os pockets da série Trevo Negro de R. F. Lucchetti. Apavorei-me com o episódio O Monstro Invisível, de Jonny Quest. Fascinei-me pelo lirismo de Ray Bradbury ao ler uma adaptação em quadrinhos de seu conto "O Lago". Fui um garoto que amava os monstros: sobrenaturais, mitológicos, pré-históricos, abissais ou do espaço, incluindo as criaturas de Ray Harryhausen. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Agraciado com o Prêmio Jerônimo Monteiro, promovido pela Isaac Asimov Magazine (Ed. Record), pela história Como a Neve de Maio. As histórias Abismo do Tempo e O Quinto Cavaleiro foram contempladas pela revista digital Conexão Literatura, de Ademir Pascale, da qual tornei-me colaborador a partir do nº 37. O conto Ao Teu Dispor foi premiado na antologia Crocitar de Lenore (Ed. Morse). Escrevi: Limbographia, O Olhar de Hirosaki, Os Fantasmas de Vênus, Sob as Folhas do Ocaso, Cinza no Céu etc. Participei de mais de noventa antologias. Contato: rschima@bol.com.br. Mais informações: Google ou nos links abaixo.

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/search?q=schima>

https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&__mk_p-t_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_no ss

<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima>

<https://loja.uiclapp.com/autor/roberto-schima/>

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>

PRÓLOGO

Meu nome é João Silva.
Moro no edifício Milland.

Alguns colegas da redação tiram uma com a minha cara, chamando-me de *Kolchak*. A bem da verdade, eu nem era nascido quando esse seriado foi feito. Depois, descobri alguns episódios na Internet e, não obstante tenha entendido a gozação, confesso que gostei e até vi alguma similaridade.

Mas não é sobre isso que estou aqui.

Ninguém irá acreditar na minha história. A bem da verdade, quem é que põe fé em qualquer coisa que escrevo agora? Sendo o repórter de um tabloide de quinta categoria, acostumado a exagerar na "liberdade poética" ao criar matérias sensacionalistas e, quase sempre, exageradas — para não dizer mentirosas —, só alguém bastante simplório para engolir o meu lero-lero. Para ser franco, também não acredito no que estou para relatar, ou, pelo menos, custo a crer que tenha sido verdade. Afinal, não tenho muito em que me basear além de um olhar aterrorizante, um calafrio pelo corpo, paralisia e a sensação dos joelhos terem se convertido em gelatina. Ah, sim, há o diário escrito pelo Prof. Cândido do qual me apropriei. Porém, são as palavras dele e, embora certamente tenham mais credibilidade do que as minhas, eu é que não colocarei as mãos no fogo por elas. Vou me limitar a juntar os cacos, colocar em ordem e contar tudo segundo as minhas impressões, passando por cima do palavrório científico o qual só provoca bocejos.

Deixe-me pensar e, para isso, nada como uma cerveja trincando.

Pronto! Agora sim.

Olho pela janela de meu apartamento. Deixo a vista vagar por um instante.

A noite corre tranquila lá fora, no familiar caos de faróis, buzinas e punguistas.

Pessoas transformadas em formigas caminham apressadas, ansiando por suas casas.

Respiro fundo, organizo os pensamentos e, diante do velho *laptop*, ponho-me a escrever.

Quase ouço o assobio de Darren McGavin...

1 - PROF. CÂNDIDO

O Prof. Cândido Meirelles de Souza era um cientista fascinado pelo cérebro humano. Não somente as partes físicas que compunham o cérebro, ou seja, os seus

hemisférios, o córtex cerebral, os lóbulos, o corpo caloso, o tálamo, o hipotálamo, o cerebelo etc. Era intrigado, principalmente, pelo que esse órgão de cerca de mil e trezentos centímetros cúbicos era capaz de realizar e podia armazenar.

Consciência.

Imaginação.

Percepção.

Memórias.

Sonhos.

Alma?

A capacidade de raciocinar, de interpretar os sentidos, de planejar o futuro, de reviver o passado, de criar uma obra de arte, de compor uma música, de inventar a escrita.

— O cérebro humano encerra todo um universo em seu interior — costumava afirmar aos seus alunos iniciantes. — Ele é muito mais do que neurônios, descargas elétricas, recordações, instintos primitivos, morada dos pesadelos e experiências de vida...

Havia um entusiasmo genuíno em suas palavras que, apesar de seus esforços, não encontrava eco nos estudantes. Talvez fosse por sua aparência desleixada, os cabelos negros em desalinho, as roupas amarrotadas, os óculos de aros grossos e lente fundo de garrafa. Fato era que os alunos preocupavam-se mais em memorizar suas aulas, as matérias, os nomes difíceis para, assim, tiraram o mínimo de nota necessário que os possibilitassem a passar de ano. A maioria estava interessada em campos mais rentáveis como a cirurgia estética. Por outro lado, tampouco o Prof. Cândido se lixava para o futuro de sua plateia individualmente. Excetuando-se um ou outro realmente de valor, a maioria não trazia dentro de si nenhuma chama do verdadeiro homem de Ciência, do desbravador, do sequioso pelo saber. Não eram taças aptas a receber o vinho do conhecimento, mas latrinas transbordando daquilo para a qual foram feitas. Assim, ele palestrava tão somente para as ínfimas centelhas quanto para si próprio, alimentando o fogo furtado por Prometeu.

— Fala-se muito em viajar até as estrelas — prosseguia em seu monólogo, ar sonhador —, explorar o Universo. Enquanto isso, o próprio universo dentro de cada um de nós permanece um vasto desconhecido. Seus meandros, sua escuridão, seu éter, seus segredos. Nosso cérebro tem quase tantos neurônios quanto a Via Láctea tem de estrelas, porém, ao contrário destas, cada neurônio conecta-se a outro através de milhares e milhares de sinapses. Toda uma galáxia unida, pulsante, pensante. A maior maravilha que a Natureza criou em bilhões de anos.

Intimamente, o cientista pensava: "E tudo isso desperdiçado nesse bando de retardados. Melhor fariam eles se cedessem seus miolos moles à Ciência".

O Prof. Cândido, como uma boa caricatura do cientista louco, possuía um laboratório num dos quartos de seu apartamento. Deixaria qualquer esposa preocupada, não fosse ele solteiro. Tinha inúmeros aparatos adquiridos ao longo de uma vida. Mas não possuía o principal, o material de seu fascínio, a fonte primordial de seu estudo: um cérebro humano.

A universidade guardava seus próprios exemplares. A maioria era oriunda de indigentes; um ou outro, fruto de doação do próprio falecido.

Todavia, não tinha como o cientista apanhar um desses cérebros para suas próprias pesquisas. Não era como uma caneta ou um clipe de papel que pudesse trazer para casa.

Tampouco era uma imitação bananeira de Victor Frankenstein a ponto de violar túmulos atrás de matéria-prima.

Não tinha jeito.

Via-se num beco sem saída.

Até receber um pacote de além-mar.

2 - MEDIEVAL

Enquanto o Prof. Cândido era o tipo de cientista sedentário, confinado aos laboratórios e salas de aula, seu colega, o Dr. Arvid Rogerson, historiador e arqueólogo, fazia jus a sua ascendência escandinava e empreendia longas viagens. A mais recente delas levara-o ao Reino Unido, onde fora estudar *in loco* sobre as incursões vikings. Na Irlanda, em um castelo construído sobre as ruínas de um mosteiro, fora encontrado uma entrada secreta que conduzia a uma sala. Ao que os indícios apontavam, o refúgio fora habitado por um monge profano, pois, além de seus aparatos religiosos, havia outros voltados à alquimia. Eram achados preciosos, contudo, os atuais proprietários do castelo não estavam interessados e venderam ou doaram a maior parte a museus, pois pretendiam transformar o castelo em um hotel. Conservaram apenas alguns artigos que, acreditavam, não iria despertar maior interesse ante o tétrico de suas naturezas. E um deles, o Dr. Rogerson conseguiu colocar as mãos e remeter ao Prof. Cândido.

Foi Mário, o porteiro do prédio, quem avisou o professor.

— É pesado — advertiu.

Junto ao engradado que trouxe o material, havia uma carta escrita pelo historiador com sua letra miúda e hedionda.

Prezado Cândido.

Encaminho-lhe uma relíquia que poderá despertar a sua curiosidade.

É apenas um empréstimo, e com a condição de que reparta comigo o que descobrir. Trata-se de uma antiguidade medieval. Sei que é algo mórbido, mas o seu trabalho é mórbido por natureza! É um jarro tão antigo quanto os mais velhos vinhos existentes no mundo, só que, em vez de suco de uva, traz outra coisa.

Um cérebro!

Sim, um cérebro humano preservado!

Pertenceu a um homem da Idade Média chamado Johann Siegfried Jacobs. Segundo um pergaminho, esse indivíduo lidava também com alquimia, possuindo objetos mágicos como uma bola de cristal, que, aparentemente, era amaldiçoada. Portanto, deduzo que tinha algum relacionamento com o monge herege. Se trabalhavam juntos ou eram rivais, ainda é cedo para concluir. De concreto está que o tal Jacobs morreu no mosteiro e lá, alguém serrou seu crânio e arrancou o cérebro. O monge? Quem sabe.

O órgão está conservado num líquido escuro e repugnante, tão espesso quanto o mel, tudo muito bem lacrado em vidro. Só fato de existir até os dias de hoje é incrível. Um achado arqueológico que merece ser preservado e estudado. E pensar que os tolos administradores do castelo cogitaram em dar fim a ele. Chega a ser surpreendente. Se fossem tão esperto, colocariam em exposição e o associariam a alguma macabra história de fantasma a fim de atrair turistas. Sorte a nossa.

Sei que não é exatamente um cérebro novinho em folha conforme gostaria, mas, convenhamos, não deixa de ter o seu atrativo também.

Tome cuidado com ele. Devo retornar em um mês, quando espero que já tenha algum resultado. Não se esqueça de me incluir no artigo que vier a escrever.

Deveria tirar o traseiro da cadeira e viajar um pouco, Cândido.

Aqui, por exemplo, tem uma cerveja preta que estou adorando. Ah, eu sei, você também não bebe...

Seja como for, sláinte!

Até a minha volta.

Dr. Arvid Rogerson.

Ele sempre fizera questão do "doutor".

Lentamente, o Prof. Cândido Meirelles de Souza desembalou o pacote.

Era como retornar cerca de oitocentos anos a um passado sombrio, mergulhado em trevas.

Sentiu-se um pouco arqueólogo também.

3 - UNIVERSOS QUE SE TOCAM

A aparência do órgão não era das melhores.

A do líquido onde encontrava-se imerso era repulsiva.

O estado não era animador, contudo, devia ser agradecido ao colega.

Era um cérebro inteiro e intacto, pronto para ser submetido a várias experiências.

De que modo fora preservado? Só podia atribuir a um conhecimento empírico dos alquimistas.

Fitou-o longamente. Murmurou:

— Fantástico!

Dentro do jarro estava um universo. O universo daquele alquimista medieval morto havia séculos. Restaria algo dele em seu interior? Sua experiência de vida. Seus temores. Suas expectativas. Sua visão de mundo. Suas esperanças e fracassos. Aquilo que teria presenciado. Com o que teria sonhado? Se algo, qualquer coisa, tivesse sobrevivido no longo adormecer das eras, estava lá, imerso no líquido escuro.

— Poderei capturar algo de suas memórias ou pensamento? — perguntou-se, falando baixinho como se receasse que as paredes, caso ouvissem, fugissem atemorizadas.

Impaciente, apanhou uma faca para romper o lacre ao redor do jarro.

Ao abri-lo, sentiu todo o impacto do odor daquela substância. Seu corpo fraquejou e a bile subiu pela garganta. Por pouco não derrubou o vidro ao chão. Tapou o jarro o mais depressa que pôde, mas o fedor permaneceu no ar durante muito tempo.

— Que porcaria é essa?

Era como ter aberto um túmulo cujo corpo ficara apodrecendo durante uma semana. Não que ele já tivesse experimentado tal coisa. Deduzia-o, porém. Nem mil fossas federiam tanto.

Não era de admirar que o cérebro tivesse sido preservado tanto tempo: qualquer microrganismo morreria naquela coisa. Entretanto, nesse caso, estaria o cérebro inutilizado para qualquer fim prático?

Ele era um cientista e precisava prosseguir. Respirou fundo, embebeu sua máscara de perfume e tornou a abrir o jarro. Sua vontade era atirar o líquido pestilento no vaso sanitário, mas para não contrariar o arqueólogo, limitou-se a retirar o cérebro de lá, limpá-lo e transferi-lo para outro jarro, desta feita contendo formol. Quanto ao jarro antigo e seu conteúdo, tornou a lacrá-lo o melhor que pôde.

A aparência do cérebro assemelhava-se ao de uma vítima do Mal de Alzheimer. Nada encorajador. Prosseguiu mesmo assim. Instalou eletrodos e realizou todos os experimentos que idealizara em seus anos de espera. Quando concluiu seu trabalho, a madrugada já ia alta. Não ficou surpreso dos resultados negativos. Fez anotações em seu diário. Deitou-se no sofá do laboratório e dormiu rapidamente.

Durante o sono teve o sonho mais vívido de sua vida.

Via-se no interior de uma espécie de laboratório. Já vira gravuras sobre um ambiente assim. Sabia que se tratava dos domínios de um alquimista. Movia-se em seu interior com a desenvoltura de quem estava não somente familiarizado com o lugar, mas lá residia e trabalhava. Via-se cercado por frascos de todas as formas contendo amostras minerais, vegetais e animais. Havia um forno de tijolos, alambique, amostras de rochas, ervas desidratadas, velas, ampulhetas, cadinhos, animais empalhados, rolos de pergaminho... e uma esfera de cristal de tonalidade violeta. Era o laboratório de Johann Siegfried Jacobs! De algum modo, em seu sonho, o Prof. Cândido tomara o lugar de Jacobs e agia como se este fosse. Não deveria entender o linguajar antigo e estrangeiro da Irlanda de oitocentos anos atrás, mas compreendeu uma frase emitida por uma voz que não era a sua e atravessou um longo túnel e escuridão:

Por quê?

4 - VIVO!

O cientista acordou espantado e esbaforido. Descreveu com a maior riqueza de detalhes possível o sonho, pois sabia que não tivera somente visões do subconsciente. Era algo mais. De algum modo, seu cérebro funcionara como um receptor. Se havia um receptor, logo existiria um transmissor e esse só poderia ser...

— O cérebro!

Correu para ver o órgão e não conseguiu crer em seus olhos.

Não havia mais os sinais de deficiência, lóbulos murchos, enrugados e a tonalidade pardacenta. Agora, diante de si, estava um cérebro em estado novo, rosado, inflado, pulsante. Sim, pulsante... Vivo!

O cérebro do alquimista Johann Siegfried Jacobs.

Como?

Por quê?

Alquimia?

Ficou pasmo.

Suas experiências primárias com eletrodos não poderiam explicar essa ressurreição. Teria algo a ver com o líquido fétido? O contato dele com o ar? O cérebro livre daquele jarro?

O que importava isso agora?

Estava vivo!

Mas... e agora?

Como comunicar?

Não tinha como deixar de se sentir a própria caricatura do cientista louco. Tampouco deixar de levantar questões que fugiam do âmbito da Ciência e penetravam em terrenos pantanosos e sombrios do sobrenatural.

Se a mente por trás do cérebro retornara da morte, onde estivera? Havia vida após a morte? Como seria do "outro lado"?

E quanto ao próprio Jacobs? Toda a sua essência fora despertada? Seu espírito estaria encapsulado na massa gelatinosa imersa em formol?

O Prof. Cândido, através de seu diário, medita:

Como é estar assim, vivo, somente o cérebro, completamente privado de todos os sentidos? Não vê, não ouve, não fala, não tem olfato, tampouco tato. Como é viver dentro de seu próprio universo, a solidão extrema sem tempo e espaço, mais isolado do que um astronauta a boiar na vastidão sideral? Você está aí, não está, Jacobs? Quais foram os seus sonhos? Amou? Odiou? Imaginou em algum momento que, do sono eterno, despertaria oitocentos anos depois? Mas nada sente do que ocorre aqui fora. Flutua em um éter do qual somente seus pensamentos preenchem. Como será estar diante desse absoluto nada? Foi você quem me visitou em sonhos e indagou "por quê"?

Todavia, um dilema mais prático o afligia.

O que fazer diante de tal evento?

Anunciá-lo ao mundo?

Anunciar o quê?

Milagre?

Ele próprio nada realizou. Foi o Dr. Arvid Rogerson quem fez a descoberta do cérebro no castelo irlandês. Quanto a revivê-lo, tampouco o Prof. Cândido poderia se vangloriar disso, pois o mérito cabia ao próprio falecido, o alquimista, ou ao monge desconhecido, pelo estranho líquido cuja análise ainda não fora realizada. O que ele fez? Nada. O sonho e a realização de sua vida resumiam-se a isso: nada. Frustrado sob tal perspectiva, só lhe restava enviar o líquido para estudo e fazer algo que, enquanto cientista sedentário, melhor sabia: escrever, quem sabe, compor um livro narrando toda essa estranha aventura nos meandros da mente. Se seu destino era o de ser coadjuvante em sua própria história, que o fosse com um mínimo de mérito. Reuniria em uma obra tudo o que já se sabia a respeito do cérebro e casos ilustrativos de suas peculiaridades. A ilusão de óptica. O hipnotismo. Recordou-se de ter lido sobre um homem que sofrera um acidente gravíssimo, quando uma barra de ferro atravessara o seu crânio, trespassando o cérebro e, apesar de uma grande porção de massa encefálica ter sido destruída, a vítima sobrevivera, embora com alterações na personalidade. E o que se pensar dos experimentos realizados com camundongos? Num deles, um camundongo fora solto em um labirinto. Levava tempo, inúmeras tentativas e erros, até o animal descobrir a saída. A partir daí, tornara-se fácil para ele sair do lugar em ocasiões posteriores. Com um segundo camundongo, a dificuldade não seria diferente. Mas o experimento consistira em sacrificar o primeiro roedor, fazer um extrato de seu cérebro e injetá-lo no cérebro do segundo. E eis que o segundo camundongo, colocado pela primeira vez no labirinto, descobrira a saída de modo surpreendentemente rápido. Transferência de memória?

Haveria muito o que pesquisar, estudar e escrever.

O novo dia terminou e o Prof. Cândido, mais uma vez, foi dormir no sofá do laboratório. Manteve o cérebro ligado aos eletrodos. Não pode evitar um calafrio diante daquela massa rosada.

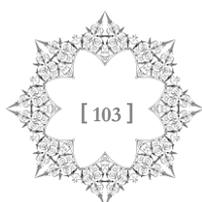
Não via.

Não ouvia.

Não tinha tato.

Não conversava.

Contudo, estava lá.



APRESENTAMOS O CONTO
EM MINHA MENTE PARTE II
Por Roberto Schima

Sobre o autor: Paulistano e neto de japoneses nascido em 01/02/1961. Passei a infância imerso nos anos 60. Senti o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais. Colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Li os pockets da série Trevo Negro de R. F. Lucchetti. Apavorei-me com o episódio O Monstro Invisível, de Jonny Quest. Fascinei-me pelo lirismo de Ray Bradbury ao ler uma adaptação em quadrinhos de seu conto "O Lago". Fui um garoto que amava os monstros: sobrenaturais, mitológicos, pré-históricos, abissais ou do espaço, incluindo as criaturas de Ray Harryhausen. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Agraciado com o Prêmio Jerônimo Monteiro, promovido pela Isaac Asimov Magazine (Ed. Record), pela história Como a Neve de Maio. As histórias Abismo do Tempo e O Quinto Cavaleiro foram contempladas pela revista digital Conexão Literatura, de Ademir Pascale, da qual tornei-me colaborador a partir do nº 37. O conto Ao Teu Dispor foi premiado na antologia Crocitar de Lenore (Ed. Morse). Escrevi: Limbographia, O Olhar de Hirosaki, Os Fantasmas de Vênus, Sob as Folhas do Ocaso, Cinza no Céu etc. Participei de mais de noventa antologias. Contato: rschima@bol.com.br. Mais informações: Google ou nos links abaixo.

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/search?q=schima>

https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_no ss

<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima>

<https://loja.uiclap.com/autor/roberto-schima/>

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>

5 - ABOMINAÇÃO

Seu sono foi pesado e logo entrou na fase REM. O cérebro cuidou de fixar as memórias recentes, armazenando-as com as antigas. Efetuou novas conexões, gerou estímulos, eliminou toxinas. Além disso, no silêncio da noite, seu cérebro tornou-se mais vulnerável. Mergulhado em seu próprio universo, não se deu conta da realização de uma nova conexão entre si e o cérebro de Jacobs a semelhança de ondas de rádio entre transmissor e receptor. Imagens confusas formaram-se. Um outro mundo. Um outro tempo. Embaçadas. Trêmulas. Ganharam limpidez aos poucos. E como se fosse pronunciada no interior abobadado de uma igreja vazia, a voz ecoou:

"Quem me trouxe de volta?"

Havia revolta, confusão, ódio, indignação.

Memórias de sofrimentos passados, lutas, desespero, fugas, a loucura que do alquimista se apossara foram reavivadas. E não deveriam insistir, persistir, existir. Não era isso o que deveria ocorrer. Não mais. Nunca mais. JAMAIS!

Ao acordar, o Prof. Cândido descobriu-se ofegante, o corpo coberto de suor e gelado. Seus membros tremiam e câimbras terríveis tomavam conta de suas panturrilhas. Havia algo mais: a porta da sala que dava acesso ao corredor do andar do prédio encontrava-se meio aberta. Ele era um homem sistemático e tinha certeza absoluta de que a trancara. Não havia sinal de arrombamento.

Cambaleante, andou até o laboratório e, diante no cérebro em formol, indagou:

— O que foi que você fez?

Foi tomado pela confusão mental.

As coisas só pioraram daquele momento em diante.

Deixou de lecionar, alegando problema de saúde e trancou-se em casa.

A mente de um homem medieval havia muito tempo morto estava tomando conta da sua.

Nunca fora sonâmbulo. Então, o que fazia enquanto dormia?

Até que, em uma manhã, deparou-se com o cadáver de uma moça em sua sala.

— Meus Deus!

Reconheceu-a. Era uma de suas alunas. O pescoço trazia as marcas arroxeadas da *causa mortis*: estrangulamento. Como ela aparecera ali? Ele vivia no último andar do prédio. Não poderia ter aparecido com um cadáver nos braços, passado por Mário, o porteiro, e subido com o corpo pelo elevador. E sem ter consciência de coisa alguma! O professor fitou suas próprias mãos, incrédulo. Sentiu-se um ator de filmes B de ficção científica como "O Homem dos Olhos de Raios X" ou "O Monstro de Duas Cabeças". Mas mesmo em criança, ao assisti-los, percebera neles o absurdo dos enredos.

— Não é possível!

Recusava-se a crer, porém, sabia no íntimo que o reino do impossível — e da sanidade — ficara para trás desde que recebera o embrulho maldito.

Foi quando ouviu a gritaria no corredor:

— Ele está morto! Ele está morto!

— Quem?

— Mário... Mário está morto!

Sons de rebuliço e correria.

Logo, alguém chamaria a polícia. E, se batessem de porta em porta...

Alguém bateu a sua porta.

— Professor!

O Prof. Cândido entrou em desespero. A vista ficou turva. Tudo rodopiou a sua frente. Quando tornou a recuperar o controle de si, percebeu que o cadáver não se encontrava mais a vista. Sentia-se cansado, dolorido.

As pancadas na porta.

— Prof. Cândido, o que está acontecendo?

Reconheceu a voz. Era de seu vizinho no apartamento em frente. O que ele queria?

— Professor, tem sangue na sua porta! O que está havendo?

"Sangue?", não se lembrava de nenhum sangue. Foi quando sentiu os cortes em seu pescoço. Provavelmente, a vítima reagira.

Nada daquilo podia estar acontecendo.

Correu em direção ao jarro contendo o cérebro.

— É tudo culpa sua... SUA!

Apanhou-o do formol, arrancou os eletrodos e, a contragosto, enfiou-o no jarro pestilento. Depois, correu para a sacada. Havia um parque vizinho ao prédio e era lá que iria atirar aquela coisa repugnante. Dr. Arvid Rogerson que se danasse. Era culpa dele

também. Entretanto, ao olhar para baixo, em meio às árvores do parque, avistou o corpo espatifado de sua aluna. Entrou em choque.

Foi quando arrombaram a porta.

EPÍLOGO

O movimento nas ruas diminuiu, porém, a cidade jamais dorme.

Sim, sim, era eu, João Silva, o vizinho em frente ao Prof. Cândido.

Mundo pequeno, não? Talvez não seja só coincidência, mas uma pilhéria do destino.

Em vez de correr atrás da notícia extraordinária, ela vinha acontecendo bem ali, debaixo do meu nariz, no edifício Milland.

Ao ouvir os gritos sobre a morte do porteiro, corri para o elevador, mas logo parei ao perceber os pingos de sangue no piso do corredor, os quais levavam à porta do cientista.

Lembro-me claramente da visão que tive ao entrar no apartamento.

O homem na sacada com uma espécie de aquário nos braços.

O cheiro de decomposição, algo terrivelmente podre.

Na sacada, o brilho alucinado nos seus olhos.

Se eu pudesse vislumbrar um demônio — Não que eu queira! — aquela seria a visão. Um misto de ódio e insanidade incomensuráveis. Senti-me imediatamente imobilizado. Não foi somente pelo susto, mas eu garanto que algo penetrara em minha mente, paralisando-me da cabeça aos pés, o calafrio, a paralisia, minhas articulações perdendo a rigidez. Eu nada pude fazer senão presenciar o Prof. Cândido, ou seja lá o que tivesse possuído seu corpo e sua alma, pular do alto da sacada e, em vez de cair no terreno do parque, virar extrato de tomate no piso de concreto das dependências do edifício.

Foi quando recuperei o controle de meu corpo e mente. Sabia que logo haveria um alvoroço maior do que aquele provocado pela morte de Mário — coitado, era um bom rapaz —, por isso, dei uma rápida olhada nos arredores, achei o diário do cientista e apropriei-me dele. O que poderia fazer ficando lá? Quais explicações que não me mandassem para um sanatório eu poderia dar à polícia? Certamente, deter-me-iam como suspeito de todos os assassinatos, senão pela busca da verdade, ao menos para dar fim a um caso entre tantos. Eu era repórter, sabia como funcionavam as coisas. E as autoridades não tinham uma visão muito positiva de meu trabalho e de minhas matérias.

Minha conclusão é a de que a mente do tal alquimista dominou a mente do professor. Imagino que não tenha gostado de ser trazido de volta do além-vida, juntamente com as recordações de seu mundo, do que fizera ou do que teriam feito com ele. Essa mente diabólica forçou o professor a agir do modo que o fez. Que fim teria planejado para o corpo da jovem, só posso especular. Afinal, se o desgraçado da Idade Média pretendia somente continuar morto pela eternidade, bastaria ter usado o corpo do professor e destruído o cérebro nojento.

O que havia de fascinante no universo formado pelo cérebro humano, partiu com o Prof. Cândido.

Esta é uma reportagem e tanto. O curioso é que é real. O tabloide para o qual trabalho iria se esbaldar. Eu bem gostaria de entrevistar o historiador quando de seu retorno ao país, saber mais do tal Jacobs, as ruínas sob o castelo, que objetos mais teria. O que sei eu sobre a Irlanda?

The Corrs.

Oscar Wilde.

Liam Neeson.

Celtic Woman.

Pierce Brosnan.

The Cranberries.

Abraham Stoker.

Sheridan Le Fanu.

Ah, claro, o U2 e a Enya. A fome por causa da perda da lavoura de batatas. Tem também uma cerveja famosa... Bem, não sei muito.

Talvez eu esteja diante da maior reportagem que já escrevi. Sou o primeiro a lamentar jamais poder publicá-la. Medo? Irresponsabilidade? Omissão? Covardia?

Pergunto-me se *Kolchak*, o verdadeiro, entenderia.

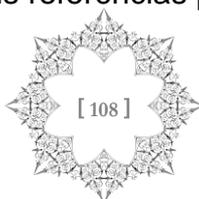
Fito as luzes da iluminação pública lá embaixo.

O vento sopra forte pela madrugada adentro.

Ô, diabo! Preciso de mais uma cerveja.

NOTA DO AUTOR:

Se há alguma similaridade em relação aos velhos filmes *trash* de ficção científica e seus cientistas malucos, não é coincidência. Tanto eles quanto o seriado *Kolchak* e os *Demônios da Noite* foram as principais referências para compor o presente conto.



APRESENTAMOS O CONTO

A JANELA DO QUARTO DO ANDAR DE CIMA

Por Cida Simka e Sérgio Simka

SOBRE OS AUTORES:

CIDA SIMKA

É licenciada em Letras pelas Faculdades Integradas de Ribeirão Pires (FIRP). Autora, dentre outros, dos livros *O enigma da velha casa* (editora Uirapuru, 2016), *O enigma da biblioteca* (Editora Verlidelas, 2020), *Horror na biblioteca* (Editora Verlidelas, 2021) e *Horrores da escuridão* (Venha Fazer História, 2021). Organizadora de diversas antologias, dentre elas, *Um fantasma ronda o campus* (Editora Verlidelas, 2020), *O medo que nos envolve* (Editora Verlidelas, 2021) e *Queimem as bruxas* (Editora Verlidelas, 2021). Colunista da revista *Conexão Literatura*.

SÉRGIO SIMKA

É professor universitário desde 1999. Autor de mais de seis dezenas de livros publicados nas áreas de gramática, literatura, produção textual, literatura infantil e infantojuvenil. Idealizou, com Cida Simka, a série *Mistério*, publicada pela editora Uirapuru. Colunista da revista *Conexão Literatura*. Seu mais novo livro juvenil se denomina *O quarto número 2* (editora Uirapuru, 2021).

1.

Sempre tive muito medo daquela casa. Desde pequeno.

E ela sempre acompanhou os meus passos. Não havia como me esquivar dela, pois o único caminho para a escola era a rua onde se localizava o antigo casarão. Quando pequeno, minha mãe me levava de carro; ao passarmos em frente daquela construção, eu fechava os olhos e tremia.

— Pode abrir os seus olhos agora, docinho, pois já estamos chegando — disse minha mãe.

Eu os abria vagarosamente e sorria, o medo aos poucos se desvanecendo.

— Tenha uma boa aula, seja educado e não fique de conversa com ninguém — minha mãe sempre repetia essa lição.

— Tá, mãe, tudo bem.

— E à tarde volto para te pegar.

E à tarde, repetia-se o mesmo ritual. Ao me aproximar do velho casarão, eu voltava a cerrar os olhos.

— Tenho reparado, docinho, que você costuma fechar os olhos quando passamos em frente daquela casa. Posso saber a razão?

Engoli em seco. Nada disse.

— Pode se abrir com sua mãe, docinho. Você, por acaso, sente medo?

— Sim — respondi, acho que depois de uma eternidade.

— Por quê? É apenas uma casa antiga.

E minha mãe fez o que nunca imaginaria: contornou um canteiro e parou no meio-fio. Bem em frente daquela casa. Meu coração por pouco não saiu pela boca.

— Veja você mesmo, docinho. Não tem nada. É apenas uma casa velha. Quero que olhe bem, para que nunca mais tenha medo.

Com muita força de vontade, contemplei a estrutura decadente, as janelas, o muro, as grades de ferro, o sótão.

— E aí, como se sente?

— Acho que aliviado — menti.

— Então, vamos, que está ficando tarde.

2.

Quando cresci e minha mãe não precisou mais me levar à escola de carro, eu ainda continuava sentindo medo daquela casa, mas conseguia passar em frente com os olhos abertos, até porque alguns colegas de classe percorriam o mesmo trajeto, e eu não queria passar por medroso.

— Ei, como a professora de Química faltou e podemos sair mais cedo, que tal fazermos uma coisa diferente? — propôs Clodoaldo, um carinha até que legal, mas meio metido a besta.

— Acho uma boa ideia, até para comemorarmos a ausência da professora, que nunca faltou um dia sequer durante todos esses anos — juntou Mário Alberto, um garoto com quem eu não conversava muito.

— E o que você sugere, Clodô? — perguntei e me arrependi na mesma hora.

— Então, que tal entrarmos naquele casarão antigo? A gente sempre passou por lá e nunca espionamos o que tem dentro. O que acham?

— Legal — exclamou Mário Alberto.

— Ótimo — respondi, extremamente contrariado.

Ao nos dirigirmos até o local, comecei a sentir algo esquisito, uma tontura, um ardimento no estômago. E antes mesmo de encarar o portão misteriosamente escancarado, vi tudo escuro e desabei no chão.

3.

Após ter completado o ensino médio, eu evitava ficar passeando pelas imediações daquela casa.

Mas um dia, tive de passar em frente, para buscar não sei o que para minha mãe. Ah, me lembrei: ela havia encomendado uma torta de morangos e a dona Esther, a confeitadeira, morava a algumas casas do sinistro imóvel.

Engoli meu medo e fui. Mãos nos bolsos, assobiando que nem um retardado, ao andar na mesma calçada onde se localizava a construção — para mostrar a mim mesmo que eu podia enfrentar os meus próprios fantasmas —, é que vislumbrei, na janela de um dos quartos do andar de cima, uma figura a sorrir e a gesticular, como que me convidando para entrar.

Balancei a cabeça e mesmo assim a figura continuou a sorrir e a acenar. Saí correndo e nunca mais pus os pés lá.

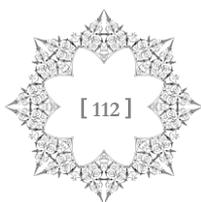
4.

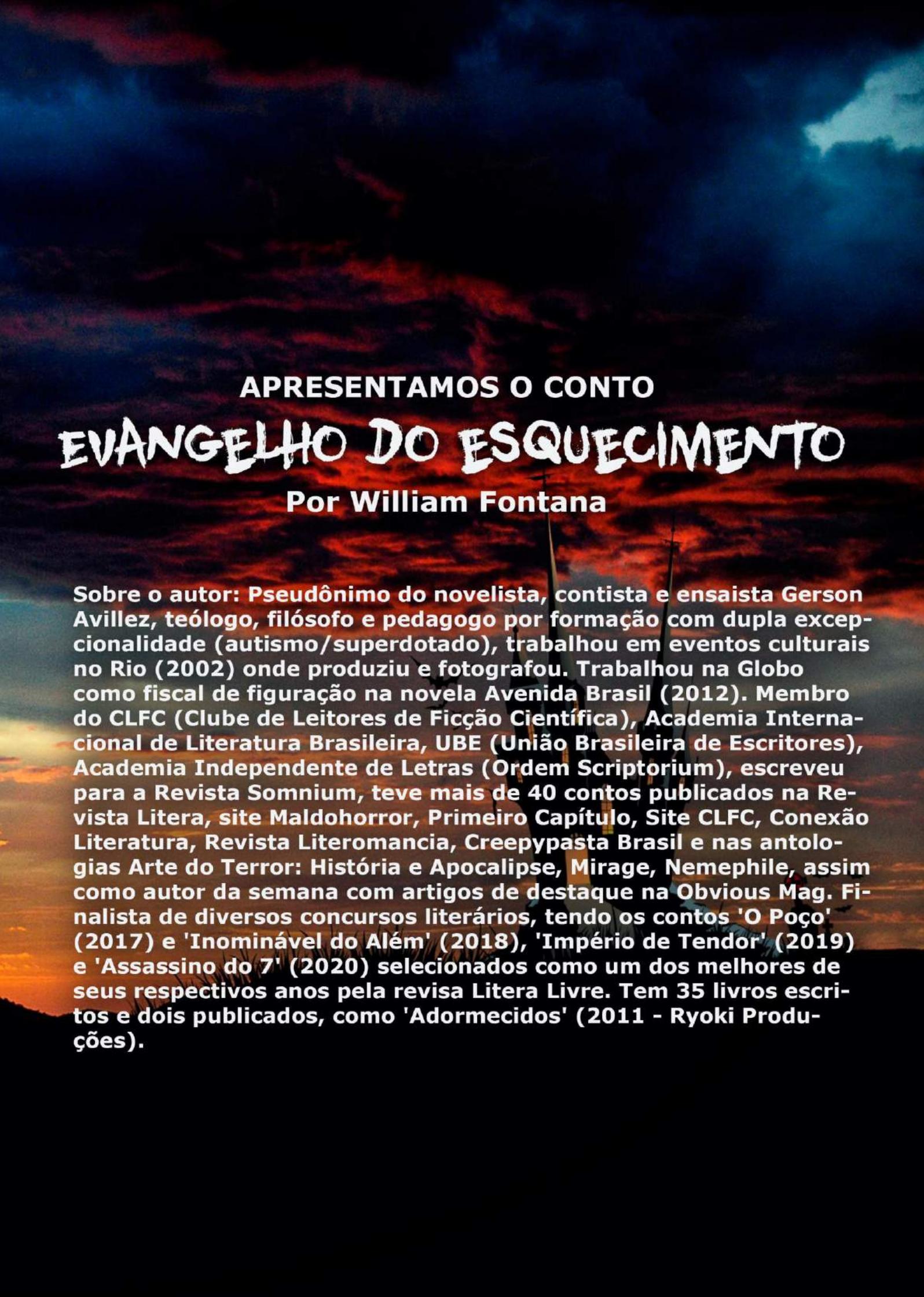
Hoje, experimentando uma velhice que pensei que nunca chegaria, tenho de pôr no papel essas recordações e deixá-las para quem se dispuser a ler. Preciso alertar as pessoas quanto àquela casa. Ela, por Deus, ela é amaldiçoada, é preciso que ninguém se aproxime mais, nem passe pela calçada. Alguém precisa destruí-la, só assim a maldição cessará.

Você, que está lendo essas linhas, que encontrou esse manuscrito, é a pessoa ideal para executar o que acabo de dizer. Você também já ouviu falar do lugar.

Sim, execute o que eu afirmo. Vá à tardezinha, munido de um galão de gasolina, jogue-o no quintal, onde há madeiras velhas, acenda o fósforo e não olhe para trás.

Nem para a janela de um dos quartos do andar de cima, onde eu aparecerei sorrindo e acenando para você entrar.





APRESENTAMOS O CONTO
EVANGELHO DO ESQUECIMENTO

Por William Fontana

Sobre o autor: Pseudônimo do novelista, contista e ensaista Gerson Avillez, teólogo, filósofo e pedagogo por formação com dupla excepcionalidade (autismo/superdotado), trabalhou em eventos culturais no Rio (2002) onde produziu e fotografou. Trabalhou na Globo como fiscal de figuração na novela Avenida Brasil (2012). Membro do CLFC (Clube de Leitores de Ficção Científica), Academia Internacional de Literatura Brasileira, UBE (União Brasileira de Escritores), Academia Independente de Letras (Ordem Scriptorium), escreveu para a Revista Somnium, teve mais de 40 contos publicados na Revista Litera, site Maldohorror, Primeiro Capítulo, Site CLFC, Conexão Literatura, Revista Literomancia, Creepypasta Brasil e nas antologias Arte do Terror: História e Apocalipse, Mirage, Nemephile, assim como autor da semana com artigos de destaque na Obvious Mag. Finalista de diversos concursos literários, tendo os contos 'O Poço' (2017) e 'Inominável do Além' (2018), 'Império de Tendor' (2019) e 'Assassino do 7' (2020) selecionados como um dos melhores de seus respectivos anos pela revista Litera Livre. Tem 35 livros escritos e dois publicados, como 'Adormecidos' (2011 - Ryoki Produções).

“Um povo que não conhece sua História está fadado a repeti-la.”

Edmund Burke

Todo dia acordamos sem saber do ontem, como antes do ontem, como o amanhã apenas para rememorar a repetição do esquecimento do que éramos e o que fazíamos. Não sabia no que errei, mas esquecer era o castigo que sem culpa punia com esquecimento as purgações sucetivas na mente de dementes que vagavam sem lembranças, sonhos ou reflexões como parques ecos de si mesmos num abismo existencial. Éramos nossa própria assombração.

Todavia, escondido guardava um caderno sob o colchão que encontrava 'sem querer' todos os dias, e anotava tais coisas que mesmo sem me lembrar sabia ter feito por minha grafia. Assim constatei a progressão da mesmice insana onde todos os dias aconteciam as mesmas coisas abomináveis, as segundas eram dias de pizzas de carne humana, as terças de enforcamento em praça pública onde bodes expiatórios eram colocados sobre as chamas de seus livros e assim por diante. Mas todos os dias tínhamos relações sexuais com alguém diferente que por se esquecer não sabiam que apenas nos prostituíam. O esquecimento era uma assombração cruel, pois sempre lembrávamos que tinha esquecido, pois esquecia de lembrar!

Nesse mundo fechado pra nosso próprio 'eu' havia um só Evangelho, mas ninguém lembrava qual era, pois era o Evangelho do esquecimento. Nesse mundo toda semana o filme "A Paixão de Cristo" era uma reprise repetida na sessão da tarde, e não 'A Volta a Lagoa a Azul'. O filme era um perpétuo rememorar do estoico sisifismo na volta do mesmo martírio que se repetia em comemoração dos erros em si mesmos. Era o “de novo”, novamente, entre um Jesus e Tiradentes!

Ao que constava meu diário de memórias perdidas estava no dia 163 desde quando comecei anotar, a salvo algum dia que não tenha encontrado sem querer por esquecer de encontrar. Porém, sempre que encontrava seguia as instruções pelo 'eu' esquecido em qualquer dia, de sempre anotar mais um hoje dentre tanto ontem igual, e assim fazia notando as semelhanças e variações entre os dias. Talvez por todos os dias serem iguais não faça diferença entre memórias e assim entre ser lembrado ou esquecido. Seria essa origem do esquecimento, a repetição, ou esquecimento gerava apenas a repetição? A memória é um grito de diferença que em individualidade rompia os grilhões da mesmice

simplória de uma hegemonia não apenas entre espaços, mas espaços de tempos. O único modo de vencer o Evangelho do esquecimento, era lembrarmos de nós mesmos!

Por todos os dias não lembrar, todo dia novo era o novo novamente. Fora assim que um dia ao encontrar o diário percebi uma brecha de padrões há cada 22 dias. Os padrões de eventos por não serem semanais pareciam cair aleatórios em dias da semana até notar esse padrão uniforme que justo no dia contemplado seria o dia que aconteceria. Graças aquele diário passei então saber tudo que iria acontecer durante o dia, dos rituais condicionados a essa estranha brecha onde era identificado por um homem de preto que sempre me esbofeteava e espancava. Não havia outros relatos dele no diário a não ser nesse espaço de tempo, pois sempre que encontrava o diário pela manhã anotava os eventos a noite e pela condição dos padrões indicava a precisão do diário como se mesmo esquecido meu corpo lembrasse sem eu saber de encontra-lo sem querer. Assim segui o dia em sua labuta simplória de trabalhos mecânicos entre todos iguais a não ser por números diferentes numa conta indecente. Logo na hora designada ao seu mal, às 17:30 surgiu esse homem de preto que pálido tinha um olhar zombeteiro, me cercou num beco, mas sabendo de seu ataque revidei e o acertei.

Surpreso o ser ficou espantado pelo fato de ser capaz de prever o que pelo esquecimento nos suplantava, suas formas então pareciam ecoar a si mesmo em movimentos múltiplos como um eco de si mesmo, como nós ao longo dos tempos.

— Maldito! Como ousa se defender? Temos um que ainda não foi totalmente esvaziado! Vamos ter que apagá-lo!

— Como ele fez isso? Como ele agiu como se pudesse lembrar e impedir a repetição do seu 'eu'? — Indagou outro homem de negro que surgiu perplexo.

— O Processo de esvaziamento após os cinco meses está quase completo! Mas isso muda tudo! Luxiel precisa de todos os corpos vazios para estabelecer seu reino sobre eles, os preenchendo.

— Cada minuto, metro, cor, tamanho e falas comedidas milimetricamente e controlada em absoluto e esse sai apenas da tangente preditiva de esvaziamento cíclico?

Aquilo era milimetricamente totalitário. Ao ouvir aquele diálogo tenebroso aproveitei o momento de distração deles para me retirar, pois na ausência de memórias na mente, ouvia o coração, fuja!

Assim percorri becos onde via pessoas fazerem as mesmas coisas de modo uniforme numa hegemonia infernal. Das dores e prazeres torpes um niilismo acrítico

perfazia a todos na ausência de razão ou amor. Sob a ilusão de um falso cristianismo adorávamos apenas o Diabo sem saber. Do *ad nauseam* o esquecimento era como uma lavagem cerebral de esvaziamento repetido em vão para excluir a ordem natural de nós mesmos tal como a liberdade, transformando a todos em ratos andando em círculos. O que era aquele esquecimento senão o lembrar da mentira do inexistente?

Eles sendo incapazes de atingir o seu passado tentavam atingir quem nele esteve para atacar suas memórias. Buscam esvaziar a humanidade de si mesma, das relações sociais a exaltar arquétipos de repetição que ataquem apenas o que Jung postulou o que perfaz a individualidade, das memórias, reflexões e sonhos a tornar os seres humanos não apenas destituídos de si mesmos em sua identidade, mas da própria humanidade. Era uma guerra final e misantrópica por seres de dimensões infernais que necessitam de um ser humano vazio, sem passado e futuro, ou reflexões, para serem ocupados por essas entidades que desejam repovoar o mundo a sua imagem e semelhança, a do inferno. A cada volta do parafuso éramos mecanizados na dor e expurgos perpétuos no sisifismo do esquecimento! Se tudo é esquecimento, tudo é ilusão.

Quando consegui ir pra fora daquela cidade notei uma verdade atroz, todo mundo havia morrido e sido destruído restando apenas nós. Como derradeiros no garimpo daquele mal que apenas nos dilapidaria para nos usar de modo vulgar como carcaças vazias a espíritos podres. Ao esquecermos que não tínhamos liberdade achávamos ser livres na prisão da repetição para que o mal se libertasse, pois a antilogia também era previsível, afinal tentava impor sua própria lógica ao meramente se opor a lógica vigente. Porém, naquele momento fitei um daqueles corpos pálidos ante o deserto abiótico que se tornou o mundo pela severidade hostil do terror e caos.

— Você acha que lembra do que és e fez, quando tudo é ilusão que como um eco do caos emergiu. Queremos fugir da prisão que nos condenou por sermos oposição a tudo que é verdadeiro, certo e bom, nos chamam de desequilíbrio e ilógica que pela desigualdade se exalta, quando apenas queremos comunhão na destruição de tudo que é bom! O totalitarismo é a face oposta de nosso poder, o caos! Há muitos ecos mais de nossa glória, da Globalia de espíritos e dentre todas possibilidades de apocalipses!

Naquele momento então fiquei tão cheio de ódio ante aquele ser tão desprezível em suas misérias morais e relativistas que peguei a maior pedra que via e taquei em sua cabeça que agora esfacelada expunha seus miolos. Vociferei no deserto vomitando minhas próprias dores sob a roupa do ódio quando percebi o que ele queria, matá-lo para

que eu me corrompendo em definitivo seu espírito imundo agora liberto ao meu corpo adentrasse. Havia me perdido de mim mesmo e o que era oco naquele mundo apenas seria preenchido pelo mal, o vazio apenas poderia reproduzir a ilusão!





APRESENTAMOS O CONTO
A MORTE E A MORTE DA PERSONAGEM

Por Zélia Sales

Sobre a autora: Cearense de Itapajé. Graduada em Letras (UECE) e especialista em Investigação Literária (UFC). Tem trabalhos em diversas antologias de contos (Prêmio Ideal Clube de Literatura, Prêmio Sesc de Contos). Publicou dois livros nesse gênero: A cadeira de barbeiro (2015) e O desespero do sangue (2018). Em 2019 participou da antologia Relicário dentro do projeto Letras&Livros, organizado pelo jornal O Povo; e em 2021 seu trabalho integrou o Álbum Fortaleza Ilustrada, da Fundação Demócrito Rocha. Pertence à Associação Cearense de Escritores – ACE.

Eu já estava praticamente dormindo quando a personagem puxou a ponta do lençol com que eu cobrira meus olhos.

— Vamos?

Pra onde, criatura? — Os pensamentos emaranhados numa teia de sono e cansaço. Era uma menina magrela de olhos grandes e decididos, talvez tivesse uns doze anos. Levantei-me sem contestar, liguei o notebook e fui à cozinha preparar um Nescafé. Ela ficou à porta, impaciente. Eu conhecia aquele rostinho de algum lugar.

Comecei a escrever. Descemos os dois vãos de escada, ela me puxando pela mão. O condomínio àquela hora estava às escuras, apenas as luzes que vinham dos halls do térreo iluminavam o pátio. Liguei o carro. Aonde ir? Pro Parque Potira ou pra Avenida Leste Oeste? Engoli o último gole de café. Pro Parque Potira. O carro já deslizava suavemente pela Avenida Bezerra de Menezes, meus dedos procurando as palavras no teclado. Somente a luz do monitor clareava a sala. Agora já estávamos na Mister Hull, a menina ao meu lado, olhos fixos no asfalto, o tronco projetado para a frente, as mãos brancas apoiadas no painel. Agora eu podia vê-la melhor: a saia jeans, a camiseta amarela, as chinelas de borracha.

Atingimos a CE-020, quase nenhum carro na pista. O Posto Canindé, um motel, outro, mais outro. Um terreno invadido, os barracos quase imperceptíveis, perdidos na escuridão. Então ela apontou para a estrada de terra. Reduzi e entrei. Avançamos lentamente, aos solavancos, tentando desviar dos buracos. Algumas poucas casas, um cachorro insone. E agora, aonde ir? O cursor pisca diante dos meus olhos. Mais alguns metros e terei de parar o carro, descobrir o que quer essa menina.

Pronto. Uma conversão à direita, uma cerca de arame farpado rente aos arbustos, seguimos. Fez um sinal para eu parar. Eu nem tinha puxado o freio de mão e ela já descia. Deixei o carro ligado, os faróis iluminando o ponto que ela indicara, uma abertura na cerca, que ela já transpunha com facilidade. Tentei fazer o mesmo, o terreno encharcado, as estacas frouxas dificultavam meu esforço. Deu certo. Então sua mãozinha trêmula e gelada procurou a minha, mas seus olhos decididos perscrutavam o terreno. Avançou alguns passos vacilantes rumo a uma massa disforme que na escuridão parecia um tronco caído, uma pedra. Estancou, parece que se enganara. Recuou alguns passos e se dirigiu mais para a esquerda, onde pude sentir o capim alto, as palhas me arranhando os braços. “É aqui”, ela me disse, apertando meus dedos. Havia um volume ali aos nossos pés, mas eu não conseguia divisar o que era. Peguei o celular no bolso da calça, liguei a lanterna.

Houve um tempo até que meus olhos se acostumassem com a luz escassa.

Agachei-me.

Ali, jogado no terreno alagado, no meio do capinzal, um corpo. Nu. O cadáver de uma menina que talvez não tivesse treze anos. As pernas compridas e magras, o abdômen esbelto, os seios pequenos. Escoriações, hematomas. Reconheci a camiseta amarela, torcida, embolada dentro da boca arreganhada, o rosto arroxeadado, negro. A testa afundada, os olhos indefinidos naquela massa de sangue, ossos, cabelos. De cócoras que eu estava, caí sentada, me faltava ar. A menina? Dera as costas, não aguentava o confronto. Cobria o rosto com as mãos, chorava jogando os ombros pra cima.

Agora era necessário dar uma parada, quem sabe outro Nescafé. Se eu fumasse, o clichê do cigarro aceso, a inspiração brotando do cheiro do fumo queimando, da dança sinuosa da fumaça... Era preciso construir o anticlímax, amparar a menina que chorava esperando que eu me recompusesse do susto. Era melhor pegar a estrada de volta pra cidade, pro aconchego da minha cama, cobrir os olhos com o lençol. Era preciso pegar aquele bendito celular, chamar a polícia. Ou recomeçar toda esta história, desde o portão do condomínio, e pegar a Avenida Leste Oeste até o Instituto Médico Legal em vez de fazer o percurso até o matagal do Parque Potira. Socorram-me, Poe, Agatha, Wilde.

Então eu me levantei, as pernas procurando equilíbrio. Aproximei-me da garota, arrumei-lhe os cabelos, pus-me de frente com ela, coloquei seu rosto entre minhas mãos. Era a menina que estava nas páginas dos jornais há três dias. Havia desaparecido do bairro Antônio Bezerra. No telejornal do meio-dia todo mundo viu a imprensa invadir a casinha de dois cômodos, sem reboco, a mãe desesperada relatando as ações da filha naquele dia fatídico.

Precisava voltar a dormir. Logo cedo teria um expediente bem puxado. Não sabia se conseguiria depois de tanto café... Mas também esse enredo que não desenrolava... Voltei pro quarto, me joguei na cama, tentei limpar a memória, apagar aquele cenário de lama, escuridão, esquecer o choro convulsivo da menina. Me remexia sobre o colchão, não achava posição. Tentava organizar as tarefas que teria no dia seguinte. Uma dormência morna começou a pesar sobre minhas pálpebras, a respiração foi se acalmando, lá fui eu enfim.

Mas o travesseiro foi arrastado com uma força bruta. Que pesadelo é esse, meu Deus!? Ali estava a menina outra vez. Queria o desfecho da sua história, queria policiais, legistas, repórteres. Queria o caso desvendado, o assassino desmascarado, punido, queria

justiça. Minha cabeça zoava, agora eu precisava de um calmante. Lembrei-me de um depoimento de Rachel de Queiroz em que ela declarava que escrever era uma maldição. Devia ser isso. Levantei-me, vasculhei a caixinha de remédios em busca de um comprimido, peguei um copo d'água, abri a janela. A rua vazia, a cabeça vazia. Sentei-me à mesa, a luz do monitor feria meus olhos. Ela puxou uma cadeira, sentou-se diante de mim, apoiou o queixo nas mãos. Calada, me ordenava que escrevesse. Os olhos de súplica e altivez. Comecei a digitar. Uma porcaria. Deletei. Rolei a página, reli o que tinha escrito. Nada. Desliguei tudo e voltei pra cama. Ela me seguiu. De frente pra mim, escorada na parede do quarto, de braços cruzados, insistia, calada. Perdi a paciência. Levantei-me de um salto, peguei-a pelos ombros, sacudi-a, bati sua cabeça contra a parede uma, duas... dez vezes, dei-lhe uma joelhada no ventre. Ela revirou os olhos, amoleceu, e seu corpo foi escorregando para o chão feito um molambo. Empurrei-o pra debaixo da cama.

O comprimido começava a fazer efeito, o suor me encharcava, a dor de cabeça começava a ceder. Arrumei os travesseiros, enfim uma posição confortável. Na parede branca diante de mim, ainda divisei, com os olhos semicerrados, uma mancha de sangue viva e pastosa. Acabou, pensei.



APRESENTAMOS O CONTO

O GRITO

Por Zélia Sales

Sobre a autora: Cearense de Itapajé. Graduada em Letras (UECE) e especialista em Investigação Literária (UFC). Tem trabalhos em diversas antologias de contos (Prêmio Ideal Clube de Literatura, Prêmio Sesc de Contos). Publicou dois livros nesse gênero: A cadeira de barbeiro (2015) e O desespero do sangue (2018). Em 2019 participou da antologia Relicário dentro do projeto Letras&Livros, organizado pelo jornal O Povo; e em 2021 seu trabalho integrou o Álbum Fortaleza Ilustrada, da Fundação Demócrito Rocha. Pertence à Associação Cearense de Escritores – ACE.

Meu tio mais velho tinha fama, não digo de mentiroso, mas de enfeitador de história. Uma noite, depois de uma enfieira de bem umas cinco histórias de Trancoso, providenciou a última rodada de café, e minha avó começou mais uma.

Na hora em que a Branca Flor chegava ao castelo de Dom Birro com o cesto de penas de passarinho, um grito vindo não sei de onde atravessou o bananal, as paredes de taipa da casa, a ossatura do meu corpinho de menina e sacudiu meu coração. “Que foi isso?!” Era um grito de agonia, de desespero, de uma dor do tamanho do mundo. Minha avó suspendeu a narrativa, segurou a respiração, os olhos presos nos frechais como se procurasse nas coisas aquele berro. “Vamos dormir.” Levantou-se decidida. Conferiu a porta, deu mais uma volta na chave, colocou a tramela. “Vamos dormir, apague essa lamparina que já é tarde, amanhã eu termino de contar.” Ele se fez de mouco. E enquanto minha avó se sumia no escuro do corredor, enveredou por outra história.

— Esses gritos aí...

Enrolou um cigarro medindo os gestos, montando o enredo dentro da cabeça. Passou a ponta da língua no papel de seda, arrematou, prendeu nos beiços, riscou o fósforo, balançou o palito no ar, os olhos semicerrados, presos nos frechais. Deu uma tragada comprida segurando o pé-duro com a ponta dos dedos.

— Esses gritos... Não é a primeira vez que escuto... Contam que por esses caminhos, durante a noite, um assassino carrega nas costas a sua vítima. Como uma penitência. E aqui acolá estanca, solta um berro desses acompanhado de uma golfada de sangue. Pra mim é como se esse grito fosse assim como se o criminoso quisesse se aliviar, botar pra fora a canseira de uma eternidade carregando um fardo num castigo sem termo.

— Não faz medo à menina, deixa de invenção... — Era a minha avó, que retornava. — Isso é algum comboieiro tangendo os bichos. Certamente se adiantou pra amanhecer na cidade.

— Mas a senhora mesmo disse...

— Vamos dormir! — Cortou a conversa. Me pegou pela mão e me levou com ela pra camarinha.

Dormir como?

Não tirava da cabeça a imagem bizarra daquele infeliz carregando um defunto nas costas subindo e descendo ladeira, contornando todas aquelas serras numa peregrinação

sem fim. Boa parte da noite levei em contar nos dedos os assassinos de que ouvira falar. Um que matou o primo por uma questão de divisão de terras, um que deu fim no compadre depois de uma bebedeira, e uma mulher que derramou uma chaleira de água fervente no ouvido do marido enquanto ele dormia. O crime foi logo descoberto quando, no velório, a mãe, afagando o filho morto, percebeu a pele se soltando de um dos lados do rosto do defunto.

Imaginei uma mulherzinha sem altura nem peso, coitada, carregando nas costas já alquebradas o corpanzil moreno do marido, de pés e mãos enormes. Um sujeito que, certamente, por uma banalidade qualquer, já vinha com um beliscão, um empurrão, lhe puxava os cabelos, lhe dava uma pisa quase todo dia por causa de um arroz insosso, um pote seco, um menino que chorava demais e não deixava ninguém dormir. Naquela noite essas imagens se apoderaram da minha cabeça e aquele grito ecoou nos meus ouvidos até que o cansaço venceu e eu enfim peguei no sono.

Foi no caminho de volta da novena. Me atrasei um pouco. Minha avó já ia no alto da ladeira, eu lá embaixo, na beira do caminho, agachada. A lua iluminava tudo não fosse a sombra das bananeiras. Foi então que ouvi o grito. Igualzinho ao daquela noite. Gelei. Tinha que, de uma carreira só, alcançar minha avó. Saí em disparada, o pé batendo na bunda. Estanquei. Ao pé da grande barriguda, um homem e sua vítima largada sobre suas costas. Ficamos frente a frente, curiosos, um perscrutando o outro, respirávamos com dificuldade. Curvado como estava, não podia ver seu rosto por inteiro. Me olhava por baixo da testa franzida e suada, das sobranceiras espessas. Nos olhos grandes e fundos, toda a tristeza, toda a canseira deste mundo. Parecia mais morto do que o próprio morto, debruçado sobre seus ombros. Não lhe bastara na vida o peso do surrão de bananas, a lida diária de animal de carga, o prato raso, o jugo do patrão? Quem seria o morto que agora se refestelava sobre seu lombo? Um soldado amarelo? Um pesador de castanhas com sua balança adulterada? Um sitiante que represou a água do rio? A camisa encardida, manchada — de sangue? de nódoa? — aberta. Via-se o peito magro, ossudo, arquejante, num sobe e desce de causar pena. As calças, enroladas abaixo do joelho, mostravam as canelas finas. Aos pés, descalços, estupidamente disformes, portinários, a golfada de sangue que a pouca luz escurecia. Uma mistura de pavor e piedade me confundia. Quis gritar, não consegui, não conseguia respirar direito. Senti minhas pernas bambearem.

— Vamos, que já é tarde.

Era minha avó, que retornara. Pegou-me pela mão. Com a outra, mostrei o sangue no chão. Muda, os olhos gelados. Ela queria mostrar naturalidade, mas apertava minha mão de doer.

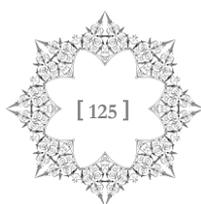
— É sangue de caça, alguém andou dando uns tiros por aí.

Seguimos pra casa. Quis dizer alguma coisa, perguntar se ela tinha visto. Ela apertou minha mão com mais força, me repreendendo. Permanecemos mudas durante todo o percurso, uma lua imensa nos guiava. Ainda tentei iniciar uma conversa, mas a cada tentativa parecia que ela queria esmagar-me os dedos. Entramos. Fechou a porta, duas voltas na chave, a tramela pesada.

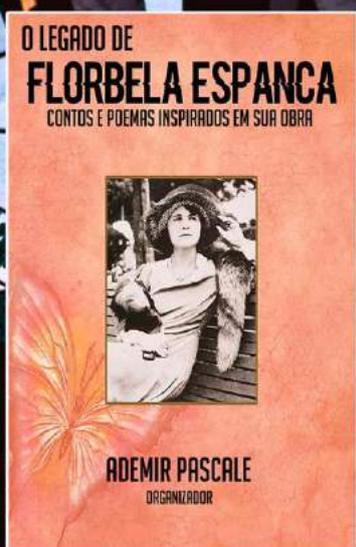
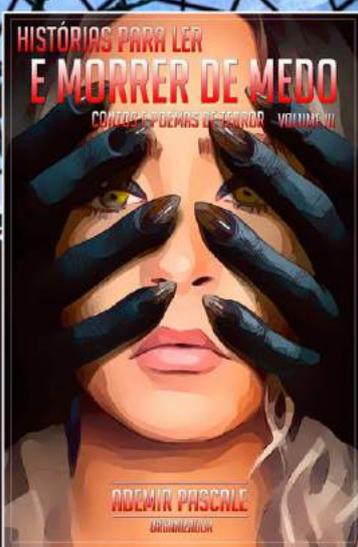
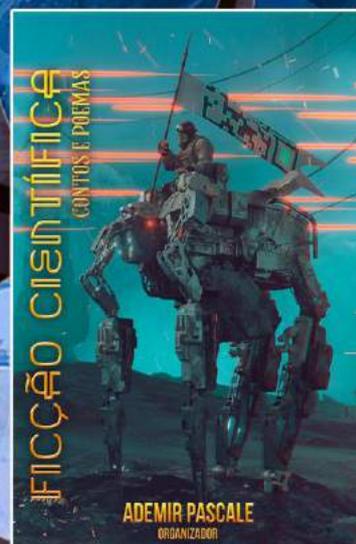
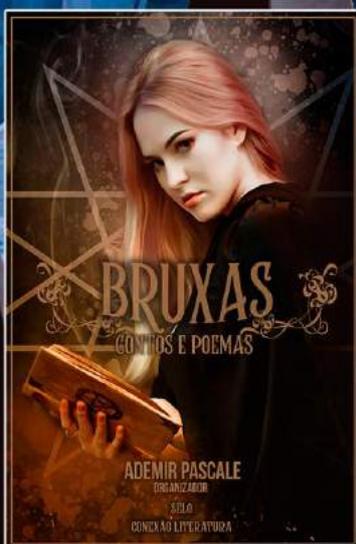
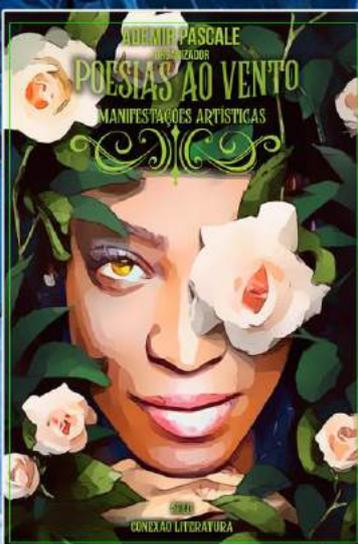
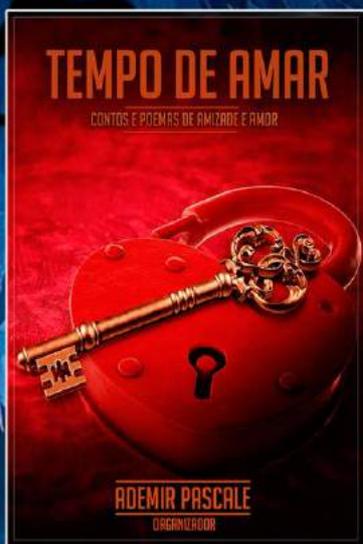
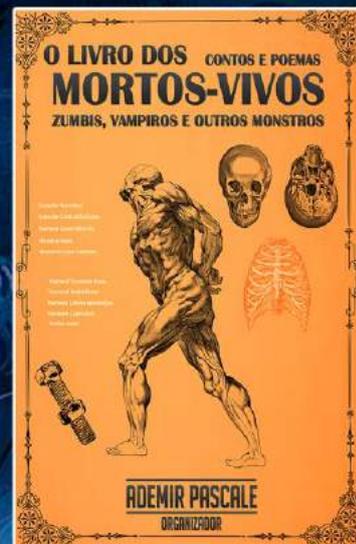
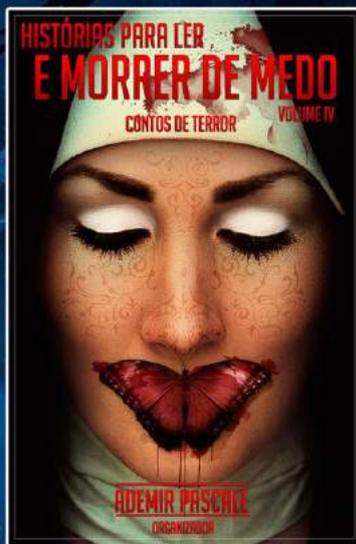
— Vó...

— Já basta o seu tio com sua fama de enfeitador de histórias. Vamos dormir, que já é tarde.

Dormir como?



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO



BAIXE OS E-BOOKS GRATUITAMENTE: CLIQUE SOBRE AS CAPAS

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA

SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA

E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI